



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – PROP
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS



MARIA DE FÁTIMA SANTOS OLIVEIRA

HISTÓRIAS E IDENTIDADES DAS SUJEITAS FEMININAS EM AS *DOZES CORES DO VERMELHO* (2009), DE HELENA PARENTE CUNHA

TERESINA – PI

2024

MARIA DE FÁTIMA SANTOS OLIVEIRA

**HISTÓRIAS E IDENTIDADES DAS SUJEITAS FEMININAS EM AS DOZE CORES
DO VERMELHO (2009), DE HELENA PARENTE CUNHA**

Capítulos da dissertação apresentados ao Curso de Mestrado Acadêmico da Universidade Estadual do Piauí como requisito à obtenção do grau de Mestre em Letras.

Área de Concentração: Literatura, Memória e Cultura;
Linha de Pesquisa: Literatura, Historiografia e Memória Cultural.

Orientador: Profa. Dra. Maria Suely de Oliveira Lopes

TERESINA - PI

2024

O48h	Oliveira, Maria de Fátima Santos. Histórias e identidades das sujeitas femininas em <i>As doze cores do vermelho</i> (2009), de Helena Parente Cunha / Maria de Fátima Santos Oliveira. - 2024. 110 f.	Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Piauí – UESPI, Programa de Pós-graduação em Letras – PPGL, Mestrado Acadêmico em Letras, <i>Campus Poeta Torquato Neto</i> , Teresina - PI, 2024. “Área de concentração: Literatura, Memória e Cultura.” “Linha de Pesquisa: Literatura, Historiografia e Memória Cultural.” “Orientadora: Profa. Dra. Maria Suely de Oliveira Lopes.”	1. Gênero. 2. Feminismo. 3. Identidade. I. Título. CDD: 469.02
------	---	--	---

Ficha elaborada pelo Serviço de Catalogação da Universidade Estadual do Piauí – UESPI
Ana Angélica P. Teixeira (Bibliotecária) CRB 3º/1217

TERMO DE APROVAÇÃO

MARIA DE FÁTIMA SANTOS OLIVEIRA

Esta dissertação foi defendida às 10:00h, do dia 26 de Março de 2024, como requisitoparcial para a obtenção do título de Mestre em Letras pela Universidade Estadual do Piauí. Acandidata apresentou o trabalho para a Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após a deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho Aprovado. (Aprovado, não aprovado).

Maria Suely de Oliveira Lopes

Profa. Dra. Maria Suely de Oliveira Lopes – UESPI
Orientador(a)

Margareth Torres de Alencar Costa.

Profa. Dra. Margareth Torres de Alencar Costa –
UESPI Membro Interno

Stela Maria Viana Lima Brito

Profa. Dra. Stela Maria Lima Viana Brito
(UESPI/PROFLETRAS) Membro
Externo

Silvana Maria Pantoja dos Santos

Profa. Dra. Silvana Maria Pantoja dos Santos (UESPI)
Suplente

Visto da Coordenação:

Franklin Oliveira Silva

Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Letras da UESPI

MARIA DE FÁTIMA SANTOS OLIVEIRA

**HISTÓRIAS E IDENTIDADES DAS SUJEITAS FEMININAS EM AS DOZE CORES
DO VERMELHO (2009), DE HELENA PARENTE CUNHA**

Capítulos da dissertação apresentados ao Curso de Mestrado Acadêmico da Universidade Estadual do Piauí como requisito à obtenção do grau de Mestre em Letras.

Área de Concentração: Literatura, Memória e Cultura;

Linha de Pesquisa: Literatura, Historiografia e Memória Cultural.

Orientador: Profa. Dra. Maria Suely de Oliveira Lopes

BANCA EXAMINADORA:

Maria Suely de Oliveira Lopes

Prof.^a. Dra. Maria Suely de Oliveira Lopes (UESPI)

Orientadora

Margareth Torres de Alencar Costa.

Prof.^a. Dr^a. Dra. Margareth Torres de Alencar Costa (UESPI/UFPI)

(1º membro)

Stela Maria Viana Lima Brito

Prof.^a. Dr^a Stela Maria Viana Lima Brito (UESPI/PROFLETROS)

(2º membro)

Silvana Maria Pantoja dos Santos

Prof.^a. Dr^a Silvana Maria Pantoja dos Santos (UESPI)

(Suplente)

RESUMO

A presente dissertação, intitulada Histórias e identidades das sujeitas femininas em *As doze cores do vermelho* (2009), de Helena Parente Cunha, tem como objetivo investigar como as sujeitas femininas constroem suas histórias e identidades no romance, analisando, a partir de suas vivências, a construção do cotidiano dessas mulheres. A obra de Helena Parente Cunha traz o ser feminino como uma figura fragmentada que termina por se dividir devido à opressão da sociedade patriarcal na qual estava inserida. Essa questão justifica o fato de considerarmos o romance de Helena Parente Cunha como contestatório por colocar em debate o ser feminino em uma visão contemporânea, na qual as mulheres estão bem à frente do seu tempo. As personagens perfazem por mudar suas atitudes, pensamentos e modos de serem, assim acabam construindo novas identidades. As figuras femininas são representadas através de adjetivos e de cores, que simbolizam suas personalidades dentro do romance. Com base nisso, analisamos o perfil feminino das sujeitas e suas histórias. Isto posto, esta pesquisa apresenta como delimitação do tema Histórias e identidades das sujeitas femininas em *As doze cores do vermelho* (2009), de Helena Parente Cunha. E como questões norteadoras, tomamos como base: i) Como os estudos de gênero e de identidade se articulam na obra *As doze cores do vermelho* (2009), de Helena Parente Cunha? ii) De que forma se dá o processo de construção das identidades das sujeitas femininas em *As doze cores do vermelho* (2009), de Helena Parente Cunha? iii) De que maneira os estudos feministas se articulam ao processo de formação das identidades das sujeitas femininas na obra em estudo? Diante das questões que norteiam esta pesquisa, elaboramos o seguinte objetivo geral: Investigar como as sujeitas femininas constroem suas histórias e suas identidades em *As doze cores do vermelho* (2009), de Helena Parente Cunha, sob uma perspectiva dos estudos de gênero, feminismo e identidade. E como objetivos específicos: i) analisar o comportamento das sujeitas femininas em *As doze cores do vermelho* (2009), de Helena Parente Cunha; ii) Averiguar a oposição do comportamento das sujeitas de *As doze cores do vermelho* (2009), de Helena Parente Cunha, em relação às mulheres de sua época; iii) Constatar as diferentes identidades em construção das sujeitas, considerando o contexto contemporâneo. Como embasamento teórico deste trabalho, utilizamos os estudos de gênero, de identidade e de feminismo. Ademais, adotamos como metodologia a investigação bibliográfica e qualitativa por se tratar de uma análise de cunho literário. Para a elaboração deste trabalho, foram utilizados os estudos sobre a literatura de autoria feminina, questões de gênero, teoria feminista e identidade. Utilizamos como referencial teórico os principais trabalhos de Joan Scott (1970), Teresa de Lauretis (1994), Carla Cristina Garcia (2015), Raewyn Connell (2005- 2015-2016), Rebecca Pearce (2016), Judith Butler (2022), entre outros. Sobre as questões de representação feminina contamos com a contribuição de alguns teóricos, como Simone de Beauvoir (1980), Lúcia Castello Branco (1991), Constância Lima Duarte (2002), Lucia Osana Zolin (2003), Michele Perrot (2007), entre outras. Já sobre os conflitos envolvendo identidade utilizamos como embasamento teórico Beauvoir (1973), David Harvey (1989), Heloisa Buarque de Hollanda (1994), Tomaz Tadeu Silva (1992- 2000), Stuart Hall (2006) e Kathryn Woodward (2014).

Palavras-chave: *As doze cores do vermelho*. Helena Parente Cunha. História. Gênero. Feminismo. Identidade

ABSTRACT

The present dissertation, titled Histories and identities of female subjects in *As doze cores do vermelho* (2009), by Helena Parente Cunha, has as objective to investigate how the female subjects construct their histories and identities in the novel, analyzing, from their experiences, the construction of the everyday of these women. The Helena Parente Cunha's paper brings the female being as a fragmented figure that ends up to divide due to the oppression of the patriarchal society in which it was inserted. This question justify the fact we consider the novel of Helena Parente Cunha as a contestatory for put in debate the female being in a contemporary vision, in which women are ahead of their time. The characters makes up for change their attitude, thinking and way of being, thus they end up constructing new identities. The characters are represented through adjectives and colors symbolize which represent their personality inside the novel. Based on this, we analyzed the female profile of the subjects and their histories. So, this research presents as delimitation of the theme Histories and identities of the female subjects in *As doze cores do vermelho* (2009), by Helena Parente Cunha. And as guiding questions, we took as basis: i) How the studies of gender and identity articulate in the work *As doze cores do vermelho* (2009), by Helena Parente Cunha? ii) How is the process of construction of the identities of the subjects in the studied work *As doze cores do vermelho* (2009), by Helena Parente Cunha? iii) How the feminist studies articulate to the formation process of the identities of the female subjects in the work in study? In front of the questions that guide this research, we elaborate the following general objective: Investigate how the female subjects construct their histories and identities in *As doze cores do vermelho* (2009), by Helena Parente Cunha, under perspective of gender, feminism and identity studies. And as specific objectives: i) analyze the behavior of the female subjects in *As doze cores do vermelho* (2009), by Helena Parente Cunha; ii) find out the opposition of the behavior of the subjects of *As doze cores do vermelho* (2009), by Helena Parente Cunha, in relation to the women of their era; iii) ascertain the different identities in construction of the subjects, considering the contemporary context. As theoretical basis of this work, we used gender, identity and feminism studies. In addition, we adopted as methodology the bibliographic and qualitative research for it is a literary analysis. To elaborate this work it was used studies about literature by female author, issues of gender, feminist theory and identity. We used as theoretical reference the main works by Joan Scott (1970), Teresa de Lauretis (1994), Carla Cristina Garcia (2015), Raewyn Connell (2005- 2015-2016), Rebecca Pearce (2016), Judith Butler (2022), between others. About the questions of female representation we counted with the contribution of some theoricals, like Simone de Beauvoir (1980), Lúcia Castello Branco (1991), Constância Lima Duarte (2002), Lucia Osana Zolin (2003), Michele Perrot (2007), between others. And about the conflicts involving identity we used like theoretical basis Beauvoir (1973), David Harvey (1989), Heloisa Buarque de Hollanda (1994), Tomaz Tadeu Silva (1992- 2000), Stuart Hall (2006) and Kathryn Woodward (2014).

Keywords: As doze cores do vermelho. Helena Parente Cunha. History. Gender. Feminism. Identity

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, que me iluminou e me sustentou nessa caminhada acadêmica e que me deu sabedoria e perseverança para concluir essa dissertação. A minha mãe Luzia Rodrigues (In Memoriam), que sempre me motivou a estudar e a correr atrás dos meus sonhos, ao meu pai Antônio Alves, que me apoiou em todas as horas e às minhas irmãs Isabel Inocência e Maria Alenice, que me deram todo o suporte, e ao meu noivo Romildo Rocha, que me acompanhou com compreensão e amor

AGRADECIMENTOS

Sou muito grata a Deus por me conceder a graça de concluir o Mestrado em Letras da UESPI, um sonho que se tornou realidade. Ele me sustentou nos momentos de dificuldade e me iluminou com sua sabedoria e entendimento.

Agradeço imensamente à minha família por ser a minha maior fonte de inspiração e motivação. Eles sempre me deram força, amor e conselhos para enfrentar os desafios da vida. Dedico este trabalho aos meu pai Antônio Alves e minha irmã Isabel Inocência, que nunca deixaram de acreditar em mim e em meu potencial acadêmico.

Agradeço também ao meu noivo Romildo Rocha, que foi um grande companheiro e parceiro em todos os momentos. Ele acreditou em mim e me ajudou a realizar o meu sonho.

Não posso deixar de agradecer à Universidade Estadual do Piauí, que me acolheu como aluna e me ofereceu uma formação de qualidade e excelência.

Agradeço também à FAPEPI – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Piauí, que me concedeu a bolsa de estudos que foi fundamental para o desenvolvimento da minha pesquisa.

Um agradecimento especial à minha orientadora Maria Suely De Oliveira Lopes, que me guiou com competência e dedicação durante todo o processo de elaboração da dissertação. Ela foi essencial, e me ensinou muito no grupo de estudos GEMETAFIC.

Agradeço também à minha co-orientadora Marcia Pinheiro, que me auxiliou com suas correções e sugestões valiosas para o aprimoramento do meu trabalho.

Agradeço a todos os professores que fizeram parte da minha formação no curso de mestrado, pelos conhecimentos transmitidos e pelas experiências compartilhadas.

Agradeço à minha amiga Samara Leal Barroso, que é uma pessoa essencial em minha vida. Ela me apoiou, me motivou e me confortou nos momentos de insegurança. Ela é uma amiga verdadeira, que levarei para sempre em meu coração.

Agradeço também à minha amiga Déborah, que sempre me passou palavras positivas e me ajudou a esclarecer as minhas dúvidas. Ela é uma pessoa generosa e bondosa, que admiro muito.

Agradeço a todos os meus amigos, pela amizade e pelo companheirismo durante o curso. Vocês foram muito importantes para mim.

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	11
1 GÊNERO, REPRESENTAÇÃO E IDENTIDADE: QUESTÕES QUE SE ENTRELAÇAM.....	16
1.1 Sobre as Questões de Gênero.	16
1.2 Sobre as Questões de Representação.....	25
1.3 Debates sobre Identidade.....	36
2 LITERATURA DE AUTORIA FEMININA.....	48
2.1 Uma Revisão da Crítica de Autoria Feminina.....	48
2.2 Helena Parente Cunha sob o Olhar da Crítica.....	56
2.3. As doze Cores do Vermelho: Um Romance Contestatório.	56
3 HISTÓRIAS E IDENTIDADES DAS SUJEITAS FEMININAS EM AS DOZE CORES DO VERMELHO (2009), DE HELENA PARENTE CUNHA.....	69
3.1 O Movimento Feminista no Contexto Sócio-político-literário nas Décadas de 60, 70 e 80 do Século XX.....	70
3.2 O Comportamento das Sujeitas: Tradição e Transgressão.	79
3.3 Processo de Formação das Identidades das sujeitas	87
3.4 As Diferentes Identidades em Construção das Sujeitas no Contexto Contemporâneo	95
CONSIDERAÇÕES FINAIS	101
REFERÊNCIAS	105

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A presente dissertação, intitulada *Histórias e identidades das sujeitas femininas em As doze cores do vermelho* (2009), de Helena Parente Cunha, tem como objetivo investigar como as sujeitas femininas constroem suas histórias e suas identidades em *As doze cores do vermelho* (2009), de Helena Parente Cunha, sob uma perspectiva dos estudos de gênero, do feminismo e de identidade.

É importante mencionar que quando falamos em estudos relacionados a gênero, deparamo-nos com uma quantidade substancial de estudiosos que dialogam sobre o tema, como: Judith Butler, Raewyn Connell, Rebeca Pearse, entre outros, que trataram em suas obras o conceito de gênero e sua importância dentro dos estudos literários. Assim como as pesquisas voltadas para o gênero vem ganhando destaque na contemporaneidade, os estudos de identidade também foram se consolidando dentro dos estudos literários, como os de Stuart Hall, Tomas da Silva Tadeu e até mesmo Raewyn Connell e Rebeca Pearse, que também articularam não só sobre gênero, mas também sobre identidade.

Helena Parente Cunha traz, em *As doze cores vermelho*, debates em torno do sujeito feminino, já que o romance apresenta personagens que estão em processo de construção das próprias identidades. Ao analisar essas mulheres e as respectivas histórias dentro da obra, acabamos por dar visibilidade às suas histórias de uma maneira detalhada, verificando as transições de identidades e posturas no desenrolar do romance.

Toda essa análise e discussão acerca da obra é possível ser percebida no romance de Helena Parente Cunha devido aos avanços dos estudos de identidade feminina, a qual passou a ser um tema bastante trabalhado dentro da academia, haja vista que as escritoras foram submetidas, por um longo período, a uma sociedade que era predominantemente “masculinista” branca e cristã e que via a mulher apenas como detentora do lar. Ressalta-se o contexto em que começou a emergir os estudos feministas marcado pelo crescente interesse que surgiu a partir da década de 1970¹, na qual observa-se a questão da “alteridade”, ou seja, da “exterioridade” em relação ao que é considerado o “centro”, tanto no âmbito social, quanto no acadêmico: no que se refere ao social, os movimentos anticoloniais, étnicos, raciais, de

¹ Conforme o Dicionário crítico de gênero (2009), quando falamos na história das mulheres ao longo dos anos, verificamos que a luta das mulheres se iniciou nos países ocidentais a partir da década de 1970, com o movimento feminista que foi responsável por fazer despertar nas mulheres seu lugar dentro do processo histórico. Uma das mudanças que se pode destacar dentro do campo do estudo da História das mulheres, foi o acesso ao ensino superior, a legitimação do ensino superior, núcleos de investigação e produção bibliográfica.

mulheres², de homossexuais e ecológicas se encarregam de empreender os debates; no âmbito acadêmico, filósofos franceses, como Michel Foucault (1926-1984) e Jacques Derrida (1930-2004), intensificam a discussão sobre a crise e o descentramento da noção de sujeito. (Holanda, 1994, p. 12).

Logo, quando articulamos sobre a identidade feminina, acabamos por dar espaço, também, a sua representação dentro da história da literatura, em razão disso não podemos deixar de listar os períodos que a teórica norte-americana Elaine Showalter (1985) chamou de Female literary Tradition, a repetição de certos padrões. Showalter dividiu a literatura inglesa produzida no período de 1940 a 1960 em três etapas. A primeira abrange o período entre 1840 a 1880, denominada de feminina, e se caracteriza pela repetição de padrões e tradições, pela imitação do modelo de cultura dominante. Já a segunda é chamada feminista, e se desenvolveu entre os anos de 1880 a 1920, período que foi marcado pelo protesto e pela ruptura em relação aos modelos e valores dominantes. E a terceira Showalter (1985) nomeou de fêmea (ou mulher), que pode ser compreendida como a fase da descoberta, das autodescobertas, da busca da mulher por sua identidade, que teve início em 1920 e se estende até os dias atuais, sendo apresentada por um novo estágio de autoconsciência na década de 60. Pode-se citar como autora da fase feminina a escritora maranhense Maria Firmina dos Reis, na fase feminista pode-se citar a escritora Clarice Lispector no Brasil e na fase fêmea a autora Helena Parente Cunha (Zolin, 2003, p.83).

Diante disso, propomos analisar as representações das histórias e das identidades femininas na obra de Helena Parente Cunha (2009), romance que traz o ser feminino como um ser fragmentado³ que acaba por se dividir devido à opressão da sociedade patriarcal na qual estava inserida. As personagens vão mudando suas atitudes, seus pensamentos e seus modos de serem, assim constroem uma nova identidade dentro da sociedade em que estavam inseridas. Logo, este trabalho mostra-se importante, pois permite o estudo mais aprofundado

² Essas mudanças foram possíveis através de obras como por exemplo de Simone Beauvoir *Segundo sexo* (1908-1986), que aborda assuntos relacionados a mulher, sob uma perspectiva existencialista, na qual o ser feminino é visto através das diferenças biológicas que acabam por fazer com que a mulher ocupe um lugar de inferioridade. A autora ainda afirma que somente por meio do trabalho que a mulher poderia ser o sujeito de sua própria história (Beauvoir, 2019).

³ Em *Identidade e diferença* (2021), Kathryn Woodward dialoga que nas últimas décadas, veem ocorrendo grandes mudanças no campo da identidade, e que essas mudanças são responsáveis por fazerem com que os sujeitos se fragmentem e tenham crises de identidades. Woodward (2021), atribui essas mudanças a cultura, visto que, as crises de identidade são características da modernidade tardia e que sua centralidade atual só faz sentido quando vistas no contexto das transformações globais que tem sido definidas como características da vida contemporânea (Giddens, 1990).

das personagens para que, a partir disso, seja possível constatar as diferentes identidades presentes e as diferentes oposições de comportamento da mulher na obra averiguada.

Isto posto, esta pesquisa apresenta como delimitação do tema Histórias e identidades das sujeitas femininas em *As doze cores do vermelho* (2009), de Helena Parente Cunha. E como questões norteadoras, tomamos como base: i) Como os estudos de gênero e de identidade se articulam na obra *As doze cores do vermelho* (2009), de Helena Parente Cunha? ii) De que forma se dá o processo de construção das identidades das sujeitas femininas em *As doze cores do vermelho*, de Helena Parente Cunha (2009)? iii) De que maneira os estudos feministas se articulam ao processo de formação das identidades das sujeitas femininas na obra em estudo? Diante das questões que norteiam esta pesquisa, elaboramos o seguinte objetivo geral: Investigar como as sujeitas femininas constroem suas histórias e suas identidades em *As doze cores do vermelho* (2009), de Helena Parente Cunha, sob uma perspectiva dos estudos de gênero, feminismo e identidade. E como objetivos específicos, esta dissertação apresenta: i) Analisar o comportamento das sujeitas femininas em *As doze cores do vermelho* (2009), de Helena Parente Cunha (2009); ii) Averiguar a oposição do comportamento das sujeitas de *As doze cores do vermelho* (2009), de Helena Parente Cunha, em relação às mulheres de sua época; iii) Constatar as diferentes identidades em construção das sujeitas, considerando o contexto contemporâneo. Para o embasamento teórico deste trabalho, utilizamos os estudos de gênero, de identidade e de feminismo. Metodologicamente, a pesquisa é de natureza exploratória, enveredamos pela investigação bibliográfica e qualitativa por se tratar de uma análise de cunho literário.

As personagens vão mudando suas atitudes, seus pensamentos e seus modos de serem, assim constroem uma nova identidade dentro da sociedade que estavam inseridas. Logo, este trabalho mostra-se importante, por permitir o estudo mais aprofundado das personagens para que, a partir disso, possa se constatar as diferentes identidades presentes e as diferentes oposições de comportamento da mulher na obra investigada. Importante ressaltar que essa temática em estudo se adequa à linha de pesquisa Historiografia e Memórias culturais, do programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Estadual do Piauí-UESPI.

A obra *As doze cores do vermelho* (2009), de Helena Parente Cunha (2009), foi escolhida como objeto de estudo desta pesquisa por apresentar uma linguagem poética e ser rica em detalhes, como a maneira que Helena Parente Cunha apresenta suas personagens e como os ângulos se encaixam independentemente da maneira que são lidos. Outro fato a ser observado é que a obra de Helena Parente Cunha perpassa o período dos anos 80, do século XX, o qual foi marcado pelas inquietações vindas dos movimentos feministas, da luta da

mulher por espaço na sociedade. No romance, é possível verificar que as personagens estão inseridas em uma sociedade totalmente marcada pelo patriarcalismo⁴. O romance em estudo é narrado em três tempos: passado, futuro e presente, mostrando as vivências de várias mulheres em diferentes contextos sociais, cada uma apresentando como pensa e age diante da sociedade.

Portanto, esta dissertação de mestrado está dividida em três capítulos: a Introdução, que apresenta as ideias gerais deste trabalho e toda a sua estrutura. O primeiro capítulo, intitulado *Gênero, representação e identidade: questões que se entrelaçam*, e que está dividido em três tópicos. No 1.1 Sobre as questões de gênero, foram abordados alguns debates sobre gênero, explanado sob a perspectiva de alguns pesquisadores que apresentaram os principais conceitos. Em 1.2 Sobre as questões de representação, foram abordados alguns estudiosos que retrataram qual era o papel da mulher na sociedade. Já no tópico 1.3 Debates de identidade, abordamos a definição de identidade verificada por vários estudiosos que apresentam suas principais ideias.

O capítulo dois, denominado *Literatura de autoria feminina*, foi dividido em três subtópicos que abordaram a vida e obra da escritora Helena Parente Cunha, levando em conta a contribuição de seus trabalhos para a nossa literatura. No tópico 2.1 Uma revisão da crítica de autoria feminina, é apresentado um estudo sobre a crítica e a literatura feminina, com o intuito de entender o lugar que a mulher ocupa dentro da literatura e na crítica literária. No tópico 2.2, foi apresentada a vida e obra da autora Helena Parente Cunha, seus principais trabalhos e o posicionamento de alguns teóricos sobre algumas de suas obras. Em 2.3, apresentamos o romance *As doze cores do vermelho*, e algumas das contribuições de alguns teóricos sobre a obra. O terceiro capítulo, denominado *Histórias e identidades das sujeitas femininas em As doze cores do vermelho* (2009), de Helena Parente Cunha, está divido em quatro subtópicos, no qual o primeiro versou sobre o movimento feminista no contexto das décadas de 60, 70 e 80 do século XX, o segundo tópico girou em torno do comportamento das sujeitas: tradição e transgressão, o terceiro tratou da formação das identidades das sujeitas e o quarto mostrou as diferentes identidades em construção no contexto contemporâneo.

Dessa forma, a presente dissertação se justifica pela oportunidade de analisar as

⁴ A palavra patriarcado se originada da combinação das palavras gregas pater (pai) e arkhe (origem, comando). A expressão refere-se a uma forma de organização familiar e social em que um homem, o patriarca, submete os outros membros da família ao seu poder. Ainda é possível afirmar que, a família patriarcal não possui apenas um modelo, pode apresentar variações em sua organização familiar ao longo do tempo e de acordo com o lugar, ainda que, possua um membro patriarca que detém o poder sobre os demais. (Dicionário crítico de gênero, 2019, p.578).

Histórias e identidades das sujeitas femininas, para que a partir das análises das histórias das personagens e de seus perfis dentro do romance, possamos verificar como se dá o processo de formação e de fragmentação das mulheres dentro da obra, e como suas histórias são tratadas, sendo verificado a partir do olhar da protagonista que nos apresenta as demais mulheres do romance. Considerando que *As doze cores do vermelho* (2009), de Helena Parente Cunha, seja conhecida e com uma variedade de trabalhos sobre o romance, a obra ainda continua atual, podendo ser trabalhada sob várias perspectivas.

1 GÊNERO, REPRESENTAÇÃO E IDENTIDADE: QUESTÕES QUE SE ENTRELAÇAM

Adotamos as palavras, citadas abaixo, de Laura Mulvey para anunciar o processo de representação da mulher e, de alguma forma, dialogar com os temas gênero, representação e identidade que são sugeridos nesta primeira seção.

A mulher, desta forma, existe na cultura patriarcal como o significante do outro masculino, presa por uma ordem simbólica na qual o homem pode exprimir suas fantasias e obsessões através do comando linguístico, impondo-as sobre a imagem silenciosa da mulher, ainda presa a seu lugar como portadora de significado e não como produtora de significado. (Mulvey, 1988)

Laura Mulvey nos incita a fazer uma reflexão a respeito de como a mulher é representada a partir de um olhar recheado de significado, incapaz de ser ela a produtora desse significado. Ou seja, o conceito proposto pela autora mostra que a mulher serve, unicamente, como algo a ser visto e não sujeita de sua própria história.

Para subsidiar nossa discussão, nesse primeiro momento, utilizaremos como embasamento teórico as considerações de alguns estudiosos como: Joan Scott (1970), Teresa de Lauretis (1994), Carla Cristina Garcia (2015), Raewyn Connell (2005- 2015-2016) Rebecca Pearce (2016), Judith Butler (2022), Tomaz Tadeu Silva (2014), Stuart Hall (2006-2014), entre outros. Os posicionamentos dos pesquisadores apresentados serão importantes para compreendermos a formação dos conceitos, por exemplo, o de gênero, e também como se dá o processo de representação da mulher dentro da literatura e como os estudos de identidade vêm avançando na contemporaneidade.

1.1 Sobre as Questões de Gênero

Neste tópico, prestamos algumas considerações sobre os estudos de gênero e da teoria feminista, uma vez que os estudos sobre essa categoria se consolidam a cada dia, isso é notável pela quantidade considerável de trabalhos que temos acesso nas plataformas, por exemplo, os periódicos da CAPES, que possuem uma infinidade de trabalhos que nos auxiliam a entender melhor a temática, a partir da perspectiva de outros pesquisadores do tema.

Muitos estudiosos vêm tentando definir o termo gênero, tarefa que não é fácil, pois cada pensador tem a própria concepção sobre o tema, e, a partir desses conceitos, tentamos

entender exatamente o que é essa categoria, pois os autores abrem um leque de significados, o que contribui ainda mais para o conceito. Podemos citar Teresa de Lauretis (1994) que, em seu artigo intitulado “*A tecnologia do gênero*”, acende uma discussão acerca da noção de gênero e suas ideias derivadas. Conforme Laurentiis (1994), os estudos que abordavam esse estilo nos escritos feministas teriam surgido entre os anos de 1960 e 1970, voltados para gênero e estavam relacionados à diferença social. A autora preconiza a universalização da dicotomia homem/mulher ao propor esses debates e acaba por tentar superar os limites que a noção dessa classe vinha trazendo para as análises semióticas, dado que a diferença sexual se resume à diferença entre homem e mulher, masculino e feminino.

Ainda dissertando sobre o tema, Lauretis (1994) nos explica que existem debates sobre a construção do termo feminino e feminista. Neste sentido, o feminino descrito por Lauretis estaria voltado a uma mulher representada como um ser frágil, já o termo feminista estaria relacionado à década de 1960, tendo em vista que o termo representaria um grupo, sendo eles mulheres ou simpatizantes que defendessem as lutas femininas. Diante disso, com base no que Lauretis (1994) nos apresenta, o termo feminista pode carregar conotações políticas e sociológicas ligadas à luta pela igualdade entre os sexos.

Esse debate proposto por Lauretis (1994) nos faz repensar que as relações de gênero deixam de fora espaços sociais ou discursivos produzidos nas margens e nas entrelinhas e nas novas formas de organização das mulheres. Para tanto, o sujeito do feminino, segundo a autora, estaria ligado à negatividade da teoria feminista e à positividade afirmativa de suas políticas. Esse sujeito negacionista seria como a mulher vista de maneira ingênua, conformada em ser frágil, e o afirmativo em suas políticas, quando sai, vai em busca de seus direitos políticos, deixando de ser “mulher” e passando a ser “Mulher”.

Nos Estados Unidos e na Europa, o início dos estudos sobre mulher e sua representação na literatura, datado dos 70 anos, foram de fato sendo legitimados, e assim começaram a nascer as primeiras produções, como confirma Joan Scott (1992):

A história das mulheres afastou-se da política ampliou seu campo de questionamentos, documentando todos os aspectos da vida das mulheres no passado, e dessa forma adquiriu uma energia própria. O acúmulo de monografias e artigos, o surgimento de controvérsias internas e o avanço de diálogos interpretativos, e ainda, a emergência de autoridades intelectuais reconhecidas foram indicadores familiares de um novo campo de estudo, legitimado em parte, ao que parecia, por sua grande distância da luta política. Finalmente, o desvio do gênero na década de 1980 foi um rompimento definitivo com a política e propiciou a este campo o seu espaço, pois o gênero é um termo aparentemente neutro, desprovido de propósito ideológico imediato. (Scott, 1992, p.67).

Conforme Scott (1992), esse rompimento fez com que as pesquisadoras ganhassem visibilidade dentro da academia, e para que ganhassem voz, era preciso ouvi-las. “Muitos daqueles que escrevem a história das mulheres consideram-se envolvidos e, um espaço altamente político, para desafiar a autoridade dominante na profissão e na universidade e para mudar o jeito que a história é escrita” (Scott, 1992, p.68). Nesse sentido, existe uma conexão entre a história das mulheres e a política, uma vez que ao associarmos as lutas das femininas à história, estamos tratando de governo e de poder, isso pode ser retratado quando Scott (1992) afirma que “A palavra política é usada atualmente em vários sentidos. Primeiro, em sua definição mais típica [...] ela pode significar atividade dirigida para/ou em governos ou outras autoridades poderosas, uma ação que envolve um apelo à identidade coletiva.” Essa coletividade que a autora argumenta pode ser representada pelo movimento feminista que lutava pelos direitos das mulheres e que as representavam perante os governantes.

De acordo com autora, foi a partir do ano de 1986 que houve uma reflexão da categoria como objeto de análise e que foi possível apresentar a sua utilidade dentro dos estudos historiográficos. Assim, compreendendo que o termo gênero possui vários significados, apresentamos, a seguir, a concepção de gênero sob a perspectiva de Scott (1992):

“Gênero” foi o termo usado para teorizar a questão da diferença sexual. Nos Estados Unidos, o termo é extraído tanto da gramática, com suas implicações sobre convenções ou regras (feitas pelo homem) do uso da linguística, quanto dos estudos de sociologia dos papéis sociais designados às mulheres e aos homens (Scott, 1992, p.89).

Concordamos com Scott (1992) quando tratamos sobre o conceito de gênero, logo, repensamos nos termos macho e fêmea que representavam apenas o fator biológico, mas, hoje, quando mencionamos a expressão gênero, refletimos que o termo vem sendo recheado de conotação cultural, podendo representar as crenças, as normas, os comportamentos e as identidades⁵ dos indivíduos. Seguindo o mesmo raciocínio, Scott (1992) afirma:

Cuidando dos relacionamentos macho/fêmea e de questões como o gênero, é percebido que processos são esses que estabelecem as instituições geradas, e das diferenças que a raça, a classe, a etnia e a sexualidade produziram nas experiências históricas das mulheres. A abordagem da ciência social ao

⁵ O processo de formação das identidades dos indivíduos está associado ao um conjunto de experiências sociais que são vivenciadas ao longo de suas vidas, na qual a identidade formada pode permanecer unificada ou fragmentar-se na medida que o ser humano passa a conhecer-se. Em cada sociedade, dependendo das especificidades culturais há uma construção cultural de gênero praticada, havendo valorização de alguns comportamentos em detrimento de outros (CRUZ; PALMEIRA, 2009).

gênero pluralizou a categoria das “mulheres” e produziu um conjunto brilhante de histórias e identidades coletivas. (Scott, 1992, p.91).

Diferente de Scott (1992), Carla Cristina (2015), em seu livro intitulado *Breve história do feminismo*, argumenta que um dos propósitos principais dos estudos de gênero ou da teoria feminista é desmontar o preconceito de que a biologia determina o feminino enquanto fator cultural ou humano como uma criação masculina. Para Cristina (2015), ao usarmos os termos masculino e feminino, não deveríamos pensar como fatores biológicos, mas sim como construções culturais.

De acordo com a teórica citada, esses tipos de discursos acabam por legitimar a ordem estabelecida e justificam a hierarquização dos homens e do masculino e das mulheres e do feminino em uma determinada sociedade. Dessa maneira, o gênero é considerado uma categoria central da teoria feminista e parte da ideia de que o feminino e o masculino não são fatos biológicos ou naturais, mas sim construções culturais.

Nesse contexto, as determinações biológicas entre homem-mulher são estabelecidas pela natureza, de acordo com Garcia (2015), mas como seres culturais a biologia não determina o comportamento dos indivíduos, pois o objetivo principal dos estudos de gênero ou da teoria feminista é o de desarticular o preconceito, no qual a biologia determina que o feminino enquanto o cultural ou humano é uma criação masculina.

Nesse sentido, a autora toca em um ponto importante ao falar que o conceito de gênero se constitui por meio dos estudos direcionados às mulheres na universidade, além disso, menciona que os estudos voltados à questão de gênero surgiram nas universidades norte-americanas na década de 1970 e acabaram se espalhando por universidades de todo o mundo, sendo inseridas às Ciências Humanas. Ela também aponta que muitas estudiosas não conseguiram explicar, por meio das correntes (marxismo, funcionalismo, estruturalismo), a opressão sofrida pelas mulheres, e que sob a perspectiva de Scott, o termo passou a indicar a qualidade fundamental e social das distinções baseadas no sexo, assim ressaltando todos os aspectos relacionados à feminilidade. Ademais, essa construção do conceito de gênero acabou gerando discussões e conflitos entre as teorias feministas, explica a autora.

Garcia (2015) lembra o posicionamento de Scott sobre as questões de gênero ao afirmar que a categoria passou a indicar a qualidade, fundamentalmente, social das distinções baseadas em sexo, dessa forma, passou a representar as definições normativas de feminilidade.

Ainda, nessa perspectiva, Judith Butler, no livro *Problemas de gênero feminismo e subversão da identidade* (2022), relata que a teoria feminista tem presumido que existe uma

identidade⁶ definida, compreendida pela categoria de mulher, que não só deflagra os interesses e objetivos feministas no interior e seu próprio discurso, mas consistiu o sujeito mesmo em nome de quem a representação política almeja. É importante ressaltar que embora os cientistas sociais se refiram ao gênero como um “fator” ou dimensão da análise, ele também é aplicado às pessoas reais como a marca de diferenças biológicas, linguísticas ou culturais.

Para a autora, o gênero pode ser compreendido como o significado assumido por um corpo distinguido sexualmente. De acordo com Beauvoir, “O gênero feminismo é marcado, já que a pessoa universal do gênero masculino se funde em só um gênero definindo com isso as mulheres nos termos do sexo deles e enaltecedo os homens como portadores de uma personalidade universal que transcende o corpo” (Butler, 2022, p. 31).

Dentro dessa linha de pensamento, Butler (2022) afirma que o gênero⁷ pode ser compreendido como um conjunto de significados culturais que, muitas vezes, são atribuídos pelo corpo sexuado. Nesse sentido, alguns cientistas sociais se referem ao gênero como uma espécie de “fator” da análise, esse termo também pode ser aplicado às pessoas reais, que usem como “marca” a diferença biológica, linguística ou cultural (Butler, 2022, p. 31).

Dessa forma, autora esclarece que a problemática da investigação feminista é sublinhada pela presença, por um lado, de posições que pressupõem ser o gênero uma característica secundária⁸ das pessoas (Butler, 2022, p. 34). Butler apresenta as ideias de Witting (1973), a qual argumenta que o termo é usado não só para intitular pessoas ou qualificar, mas também para constituir uma episteme por meio de um gênero binário que é universalizado. Da mesma forma, Witting (1973) nos revela que a categoria pode ser responsável por qualificar as pessoas.

Ademais, os debates sobre gênero de Butler (2022) abrem uma nova definição para o termo, isso porque traz em seus conceitos como algo binário um termo que ainda está em construção, sendo também levado para análise social, linguística e cultural, isso faz com que

⁶ A questão das mulheres como sujeito do feminismo suscita a possibilidade de não haver um sujeito que se situe “perante” a lei, à espera de representação na lei ou pela lei [...] o feminismo a ser encontrado numa identidade supostamente existente em diferentes culturas, acompanhados frequentemente a ideia de que a opressão das mulheres possui uma forma singular, discernível na estrutura universal ou hegemônica da dominação patriarcal (Butler, 2022, p.21).

⁷ O gênero é culturalmente construído: consequentemente, não é nem resultado causal do sexo nem tampouco tão aparente e fixo quanto ao sexo. Assim, a unidade do sujeito já é potencialmente contestada pela distinção que abre o espaço ao gênero como interpretação múltipla do sexo (Butler, 2022, p.26).

⁸ Quando se fala em gênero como característica secundária das pessoas, argumentamos que essas posições que argumentam ser a própria noção de pessoa, posicionada na linguagem como “sujeito”, uma construção masculinista e uma prerrogativa que exclui efetivamente a possibilidade semântica e estrutural de um gênero feminino. Essas discordâncias tão agudas sobre o significado de gênero (se gênero é de fato o termo a ser discutido, ou se a construção discursiva do sexo é mais fundamental, ou talvez a noção de mulheres ou mulher e\ou de homens ou homem). (Butler,2022, p.34).

suas ideias se assemelhem a outros pesquisadores que também pensaram nessa categoria sobre essa perspectiva.

Seguindo o mesmo raciocínio, Raewyn Connell e Rebeca Pearse, no livro *Gênero uma perspectiva global* (2015), elaboram o conceito de gênero a partir de uma análise da palavra gênero, explicando de maneira clara a definição do termo. Para isso, as autoras usam termos da língua inglesa, que são considerados neutros, já no português, enfatizam que a palavra “autor” poderia simplesmente representar homens e mulheres, como a palavra autor (a): “A palavra *autbor*, por exemplo, pode se referir a “autora” ou “autor” sem distinção. [...] Como estudos de gêneros e teorias feministas têm mostrado há algumas décadas, essa escolha da linguagem não é neutra” (Connell e Pearse, 2015, p. 17).

Segundo Connell e Pearse (2015), quando se fala em identidade, logo se pensa em novas maneiras de pertencimento, e isso inclui novas ideias sobre pertencimento, isto é, de sermos incluídos ou não em um determinado padrão, levando em conta se somos machos ou fêmeas. Isso nos faz compreender que os arranjos de gênero são, ao mesmo tempo, fontes de prazer, de reconhecimento e de identidade, além de repensarmos que o gênero é inerente ao político.

As autoras Connell e Pearse (2015) destacam, ainda, que os movimentos intencionados a essa mudança incluem campanhas pelo voto feminino, pela presença das mulheres em movimentos anticoloniais e na representação de governos independentes. De acordo com as autoras em questão, as novas percepções de gênero foram se transformando ao longo de trinta anos devido às novas discussões que vêm surgindo. Elas afirmam, também, que a palavra gênero ou “*gender*” se tornou comum nos debates da língua inglesa a fim de descrever um campo, e que o termo foi emprestado da gramática que significa “produzir” (*generante/gerar*) e deu origem a lavra significante “tipo” ou “classe” (*genus*) em diversas línguas.

Na citação abaixo, as autoras sinalizam o sentido da palavra gênero e seu significado nas línguas indo-europeias, entende-se, portanto, que se trata de uma palavra muito abrangente e que vem conquistando o mundo com possíveis significados. Nesse sentido, ao explicarem o uso do termo gênero em inglês, demonstram que o termo na língua inglesa não tem uma definição entre substantivos e adjetivos:

Nas línguas indo-europeias e semitas os substantivos, adjetivos, pronomes podem se diferenciar como femininos masculinos, neutros ou de gênero comum. Não apenas as palavras para espécies que reproduzem sexualmente podem ser generalizadas, mas também palavras para objetos de conceitos mentais (Connell e Pearse, 2015, p.45).

Pelo exposto, entendemos que a maioria das discussões sobre gênero na sociedade enfatiza uma dicotomia a partir de uma divisão biológica entre homens e mulheres, logo, define-se gênero como diferenças sociais ou psicológicas que correspondem a essa divisão, sendo construídas sobre ela ou causadas por ela.

Connell e Pearse (2015) dialogam, ainda, sobre as possíveis vozes que o gênero pode representar, e que podem caracterizar a masculinidade e a feminilidade de um determinado falante:

A maioria das discussões sobre gênero na sociedade enfatiza a dicotomia. Ao começar a partir de uma divisão biológica entre homens e mulheres. [...] Em seu uso mais comum, então “gênero” significa a diferença cultural entre mulheres e homens, baseada na diferença fêmea e macho (Connell e Pearse, 2015, p. 46).

É possível compreender a respeito da definição da expressão de Connell e Pearse (2015) que o termo está atrelado a fatores sexuais e na diferença de sermos mulheres e homens. “Nesse sentido, o gênero deve ser entendido como uma estrutura social” (Connell e Pearse, 2015, p. 47).

Em outro debate, Raewyn Connell, no livro *Gênero em termos reais* (2016), é pioneira em trazer debates em torno do gênero na sociedade, levando em conta o contexto social e a orientação sexual dos indivíduos. Tais discussões trazem à tona o estudo da classe dentro de várias perspectivas, por exemplo, a colonialidade do gênero e como ocorrem os regimes da categoria dentro do estado, entre outros debates que são extremamente importantes para estudar na atualidade.

Conforme foi abordado, as autoras Connell e Pearse (2015) enfatizaram, em outro trabalho, que o termo em estudo está relacionado a fatores biológicos e na diferença dos sexos, buscando denominar o termo a partir do comportamento dos indivíduos como um fator social. Diante disso, Connell (2016) explica:

O gênero pode, claro, ser definido de muitas formas: como um papel, uma identidade, uma formação discursiva, uma classificação dos corpos e outras mais. [...] pode-se dizer, é especificamente uma questão de corporificação social. Tecnicamente, pode ser definido como estruturas práticas reflexivas do corpo por meio das quais os corpos sexuais são posicionados na história. (Connell, 2016, p.17).

Outro aspecto relevante apresentado por Connell (2016) trata-se dos argumentos de Montecino para falar sobre as identidades de gênero na América Latina, principalmente no que diz respeito às mulheres ao afirmar que “são formadas da mesma forma que as identidades

de classe, ou seja, inscritas em projetos de mudança social. É importante então olhar as identidades coletivas sendo formadas em diferentes movimentos de mulheres” (Connell, 2016, p. 36). Para tanto, a autora expressa sobre a importância que os movimentos sufragistas e feministas representam quando falamos sobre as diferenças de sexo. Nesse contexto, Connell (2016) aponta que os estudos de gênero não vêm recebendo a devida atenção, principalmente dos grupos privilegiados, tal argumento é utilizado quando a estudiosa explica as questões de gênero no ambiente laboral, tendo em vista que as mulheres não tinham visibilidade na poderosa economia global. Esse debate nos faz repensar sobre o desafio enfrentado nos estudos sobre as relações de gênero, por exemplo, dentro do mercado de trabalho.

Connel (2016) destaca que essa classe pode ser conhecida como uma estrutura de relações sociais, na qual as capacidades dos seres humanos são postas na história, e que os seres humanos são definidos conforme sua colocação na arena reprodutiva. (Connell, 2009). A citada autora (2016) faz referência à Declaração Universal dos Direitos Humanos, de 1948, para dizer que a igualdade entre homens e mulheres é um princípio legal e que essa luta por igualdade é apoiada por muitos países, dessa forma, a igualdade de gênero é uma das causas que as mulheres mais defendem. Para que realmente aconteça uma mudança rumo a uma sociedade igualitária, são necessárias lutas diárias, tanto na conduta profissional como no âmbito pessoal, as mulheres precisam do apoio uma das outras, principalmente, da sociedade.

Em outro momento, Connell (2016) assevera que por meio das políticas públicas é possível firmar uma aliança entre os homens e as mulheres, como também alguns grupos feministas, dando ênfase principalmente para aqueles que combatem a violência praticada por homens. Outras feministas argumentam que alianças entre mulheres e homens são possíveis, ou até mesmo cruciais nesse processo, pois existe uma ideologia forte de igualdade de gênero e um ambiente favorável para que homens apoiem mudanças nos papéis de classes (Connell, 2005; Segal, 1997).

A contribuição de Connell (2016) nos estudos de gênero é significativa porque, primeiramente, o termo é apresentado como capaz de classificar corpos, além de identidades, como autora apresenta: “gênero é o padrão de relações sociais envolvendo homens e mulheres” (Connell, 2016, p. 62). Outro aspecto observado pela autora é a questão do gênero relacionada às capacidades reprodutivas, as quais representam os corpos como férteis ou não, dessa forma, a ordem patriarcal acaba por trazer benefícios ao patriarcado, de maneira que os homens, em grande maioria, são beneficiados e as mulheres continuariam em posição de subordinação pelo grupo dominante. Portanto, nesse contexto, a teórica afirma que a ordem de gênero acaba sendo inserida no cenário da economia global.

Para Connell (2016), apesar do termo “Gênero” estar muitas vezes atrelado ao significado de “mulheres”, os homens também passaram a ser envolvidos nas relações de gênero, isso inclui os padrões de masculinidade que são incorporados por meio da corporificação social.

Um fato importante destacado pela teórica trata-se do diálogo sobre a questão de gênero em ambientes de trabalho, uma vez que, se queremos acabar com o problema da desigualdade entre homens e mulheres, devemos investigar todos os lugares que podem ser responsáveis pelo preconceito. Isso acaba nos fazendo repensar o que Connell (2015) apresentou em seu trabalho *Gênero: uma perspectiva global*, que dá ênfase às questões voltadas para o gênero presentes nas primeiras tentativas dos intelectuais homens, em formar uma ciência da sociedade. Isso se justifica pelo fato de que inúmeras mulheres intelectuais da época trabalhavam com muita dificuldade, dado que não era esperado que elas elaborassem tratados teóricos. A grande maioria era excluída de quase todas as universidades, com isso, foi praticamente improvável encontrar uma “teoria de gênero” nos escritos feministas antigos.

De acordo com o pensamento da autora, as relações de gênero sempre serão reformuladas na vida das pessoas. Esses aspectos são medidos por meio das condutas dos indivíduos, variando conforme seu estilo e até sua interação com outras pessoas, e são cobradas em termos de categorias “sexuais”, presumindo em homens ou mulheres. Connell (2015) argumenta que não é um produto do gênero, mas sim o termo em si. Assim, fazemos a nossa própria classe, mas não somos livres para fazermos o que quisermos.

Dentro desse contexto, entende-se que o indivíduo não está livre para fazer o que quer, assim, ocorre o que Connell chamou de “mudanças nas relações de gênero”. A pesquisadora indaga: Por que os arranjos de gênero mudam? (Connell, 2015, p.177). A resposta é que o processo de mudança está relacionado a muitos aspectos na sociedade, por exemplo, as novas tecnologias, a vida urbana, a comunicação em massa e a “modernização”. Segundo a autora, esses fatores podem fazer com que ocorram alterações nos padrões sociais e, com isso, mudanças nos padrões de gêneros, que possuem tendências a transformações.

Tendo em vista o que foi abordado até aqui, comprehende-se que o estudo de gênero vai muito além do que foi apresentado, haja vista que ele teve início quando as primeiras universitárias norte-americanas apresentaram para o mundo a categoria gênero, inicialmente, orientadas pelo feminismo, que foi fundamental para a luta de igualdade de gênero. Outrossim, observa-se que o debate sobre gênero era usado para marcar a diferença entre macho e fêmea, entretanto, à medida que o termo foi ganhando espaço na academia e aparecendo contribuições de pesquisas, passou a ganhar significado mais amplo, dessa forma, começou a ser usado no

sentido de “cultura” e a representar homens e mulheres que lutam por espaços dentro da sociedade. Destaca-se que o termo gênero sofreu transformações ao longo dos anos, o que faz com que, muitas vezes, não fosse compreendido como fator decisivo para a libertação das mulheres e homens que se sentiam aprisionados em uma sociedade que acaba analisando somente o sexo do indivíduo em detrimento dos valores.

Com base no que foi apresentado, podemos dizer que o gênero pode representar não somente o sexo masculino/feminino, mas todos os indivíduos que se sintam incluídos em uma sociedade igualitária na qual homens e mulheres possam viver sem se preocupar por terem nascidos homens ou mulheres.

1.2 Questões de Representação

Neste tópico, será abordada a representação feminina ao longo do tempo, como as mulheres foram se destacando dentro da literatura e como evoluíram com o tempo, para isso, contaremos com a contribuição de algumas teóricas: Simone de Beauvoir (1980), Branco (1991), Teresa Lauretis (1994), Constância Lima Duarte (2002), Lúcia Osana Zolin (2003), Michele Perrot (2007), entre outras, que possam também contribuir com a análise feita neste texto.

Começamos abordando sobre a crítica literária feminista, levando em conta os estudos de Lúcia Osana Zolin (2003), que traz as concepções do feminino existencialista sob uma perspectiva de Simone de Beauvoir (1980). Segundo Beauvoir, foi a partir dos anos 1970 que o feminismo e a literatura deram origem à crítica literária feminista com o questionamento acerca da questão da mulher na sociedade.

Conforme a pensadora, o feminismo⁹ existencialista pode oferecer, de um lado, um estudo da opressão das mulheres e, de outro, formas de emancipá-las desse domínio. Beauvoir (1980) analisa a problemática feminina¹⁰ de modo a salientar que não existe absolutamente uma essência fêmea, responsável pela sua marginalidade, existe apenas o que ela chama de

⁹ O termo feminismo pode ser entendido como um fenômeno social, cultural que assume diferentes funções de acordo com o lugar e o ambiente. O feminismo pode ser compreendido como uma atuação das mulheres na sociedade que organizadas buscam defender os direitos trabalhistas, reprodutivos, pelos direitos contraceptivos, ao aborto e a crimes como assédio sexual e as mais variadas formas de violência doméstica que acontecem no dia a dia (Dicionário crítico de gênero,2019, p.253-254).

¹⁰ O feminino pode ser compreendido como um conjunto de características, qualidades e atributos sociais e culturalmente reconhecidos como parte da natureza da mulher. O termo pode estar diretamente ligado a posição binária, na qual o que não pertence ao masculino pode ser identificado como feminino. A feminilidade pode ser definida dentro das possibilidades de variação no tempo e no espaço (Dicionário crítico de gênero,2019, p.249-250).

situação da mulher. Desse modo, levando em conta a situação na qual as mulheres eram impostas, estando impossibilitadas de ir à caça e de se dedicar a trabalhos pesados em função de suas limitações físicas e dos cuidados com o bebê, a mulher foi privada de se afirmar em relação à natureza, como fizeram os homens.

De acordo com a autora supracitada, o feminino é subordinado ao masculino ou tratado como um masculino inferior, o poder é exercido na vida civil e doméstica de modo a submeter a mulher que, a despeito dos avanços democráticos, continua sendo dominada desde de muito cedo por um sistema rígido.

Michele Perrot, no livro intitulado *Minha história das Mulheres* (2007), traz toda a trajetória da evolução das mulheres até aos dias atuais. Em sua obra, Perrot (2007) engloba a essência da mulher, entre as várias temáticas envolvidas, podemos citar a alma, o trabalho das mulheres, em arquivos, biblioteca, corpo, aparência através de seus cabelos, sexo, maternidade, vida, artistas, entre outros assuntos muito bem enfatizados pela autora.

Ainda de acordo com Perrot (2007), tanto a religião como a ciência trazem traços da inferioridade a qual a mulher estava submetida, isso vem desde os estudos dos historiadores que mostram que até na religião as mulheres eram vistas de forma desvalorizadas. Isso se explica devido às imagens de santos da época os quais eram, em sua maior quantidade, representadas pelo gênero masculino, em alguns séculos atrás. Caso analisássemos nos dias atuais, perceberíamos que já são em grandes quantidades representadas pelo sexo feminino, o que nos mostra que a mulher foi ganhando seu espaço gradualmente.

Se as mulheres não eram representadas nem nas igrejas, pressupõe-se que nas bibliotecas e em espaços públicos também não eram bem-vindas, como mostra Perrot (2007) quando esclarece que durante muito tempo as mulheres tiveram suas vozes caladas, nas bibliotecas e nos arquivos:

O momento agora é de fazer com que um público mais amplo tenha acesso às descobertas dos historiadores. A história precisa sair das universidades e ganhar as ruas. A história das mulheres deve ser discutida nos salões de beleza, nos almoços de família, nas mesas de bar, nos ambientes de trabalho; deve estar presentes nas escolas, nas TVs e rádios brasileiras, no judiciário e no legislativo, assim como na elaboração de políticas públicas (Perrot, 2007, p. 11).

A proposição de Perrot (2007) nos faz repensar que por muito tempo as mulheres permaneceram caladas, e para ouvi-las era preciso investigar ou lê-las a fim de deixar sair o que há muito tempo as sufocava. As mulheres poderiam ser simplesmente objeto de inspiração dos homens em quadros ou romances que falavam sobre elas, mas não podiam participar da

sociedade, pois eram apenas coadjuvantes da própria história, isso faz com que reflitamos sobre o que levou muitas escritoras a usar pseudônimos, escrevendo no anonimato por não terem a liberdade de apresentar a própria identidade, assim ocultando o direito de ser mulher.

Diante do exposto, é possível evidenciar o desejo que a mulher tinha em ocupar o seu lugar que lhe é de direito, dessa maneira, vendo que havia muitos fatores que contribuem para que esse desejo não se concretizasse, muitas vezes, acabava por desejar ter nascido homem: “Em minha loucura eu me desesperava por Deus ter me feito nascer num corpo feminino, dizia ela numa sede de igualdade que saía por todos os seus poros desse período renascentista” (Perrot, 2007, p. 32).

Outra questão esclarecida por Perrot (2007) é que as mulheres não tinham controle sobre os seus próprios corpos e deveriam seguir os padrões da sociedade, um exemplo é o fato de que elas não tinham permissão para cortar os cabelos. No trecho que segue, observamos que os cabelos eram vistos como uma espécie de ornamento da mulher, cabendo a ela manter, para não perder a feminilidade: “A mulher é antes de tudo uma imagem” (Perrot, 2007, p. 49).

Perrot (2007) traça todo um percurso feminino até chegar os anos de 1920 a 1930, o chamado “Anos Loucos”, período em que as estudantes russas cortaram os próprios cabelos como forma de protesto, fato que se estendeu até a atualidade. O objetivo dessa ação era mostrar que a mulher, ao cortá-los, também estaria cortando relações com os padrões mais antigos. Assim, os debates da autora são pertinentes, pois ao fazer uma análise nos dias atuais, os cabelos, em algumas culturas, ainda representam a feminilidade.

É importante destacar que as mulheres foram excluídas também da vida artista, se escrever foi difícil, imagine pintar, esculpir, compor músicas - atividade designada apenas para homens. Elas, durante muito tempo na história, foram e ainda são inspiração para os homens. Diante dessa retrospectiva, observou-se que com o passar do tempo as mulheres foram se descobrindo como seres capazes de realizar atividades que eram consideradas tipicamente masculinas, como pintar, esculpir, isto é, provaram ser capazes de exercer qualquer atividade no ramo das artes. O papel delas na sociedade foi, por muito tempo, apenas o de se preparar para o matrimônio e ser uma boa esposa, não podendo se desviar desses princípios patriarcais.

Ainda na mesma lógica, Perrot (2007) argumenta sobre como era o trabalho realizado por mulheres no século XVIII, período em que a grande maioria realizava afazeres domésticos e outras cuidavam das lavouras. Entretanto, tal cenário modifica-se, pois o trabalho remunerado surgiu com a industrialização a partir dos séculos XVII-XIX, nas sociedades

ocidentais, contudo, as mulheres recebiam como recompensa dos seus trabalhos salários bem menores do que os dos homens.

Perrot (2007), por meio de sua obra *Minha história das mulheres*, mostra-nos os desafios enfrentados durante muitos anos pelas mulheres para ganharem espaço na sociedade, enfrentando-a para se tornarem quem são hoje. Elas lutaram e ainda lutam para se destacarem em todas as áreas, como no trabalho doméstico, operário, enfermeiras, secretárias, professoras, escritoras entre outras profissões que existem hoje em nosso meio.

Nesse sentido, a perspectiva de Perrot (2007) abre espaço para dialogarmos sobre o papel da mulher dentro da escrita feminina. Para isso, usamos o que Lúcia Castello Branco (1991) chamou de escrita feminina em seu trabalho intitulado *O que é escrita feminina*: “O que quero dizer é que, quando me refiro à escrita feminina, não entendo feminina como sinônimo de relativo às mulheres, no sentido que a autoria de textos revela esse tipo de escrita só possa ser atribuída às mulheres (Branco, 1991, p. 12).

De acordo com Branco (1991), a escrita de mulheres se diferencia das demais por possuir características como tom, dicção, ritmo e respiração própria. Além da linguagem, a escrita de cunho feminino possui temáticas que são próprias da escrita de autoria feminina:

É claro que os temas também eram em geral diferentes: as autoras falavam muito da maternidade do próprio corpo, da casa e da infância e quase nada ou (nunca) dos negócios, da vida urbana, das guerras do mundo exterior ao eu. Mas essas preferências são facilmente explicáveis por uma leitura de cunho sociológico: com um olhar histórico, não é difícil afirmar que as mulheres não escreviam textos épicos porque não iam às guerras, que sua preferência pelo gênero memorialístico ou autobiográfico se deve a seu profundo conhecimento dos universos do lar e do eu, da criação de uma escrita intimista etc (Branco, 1991, p. 14).

No trecho apresentado, é possível evidenciar que as mulheres falavam de si, de suas dores, angústias, quase nunca dos assuntos relacionados ao que acontecia no mundo, ou seja, sua dedicação era apenas aos ligados à família e isso era observável por meio da escrita de muitas mulheres que viveram durante muito tempo dentro do sistema patriarcal.

Branco (1991) esclarece que a diferença entre a escrita feminina e masculina, muitas vezes, está relacionada a voz que queremos representar, uma vez que, por traz da fala existe um indivíduo, uma identidade, e a escrita, muitas vezes, pode não representar o objeto desejado: “Entretanto, há escritas que privilegiam esse “por trás” do corpo, essa sua ausência/presença, buscando fazer disso uma pura presença, uma representação” (Branco, 1991, p. 22).

Dentro da mesma lógica, Branco (1991) afirma que a escrita de autoria feminina se opõe à masculina, isso porque a mulher possui as próprias marcas ao escrever, isto é, a mulher possui uma maneira particular de apresentar os fatos. Já os homens, por não possuírem as marcas femininas, acabariam mesclando-as: “Ao contrário dos homens essas marcas se misturam, até mesmo se tocam, embora não sejam idênticas” (Branco, 1991, p. 23).

As discussões de Branco (1991), nesse sentido, possibilitam repensar o que Elaine Showalter (1995) chamou de fase fêmea da narrativa de autoria feminina que se constitui na fase das descobertas. Segundo Elaine Showalter (1995), o termo *female* se contrapõe a *male*, afastando-se do aspecto relacional (masculino e feminino) inserido no conceito de gênero para se centrar no dado biológico. Desse modo, *female* significa simplesmente sexo feminino, a produção literária dessa fase é marcada pela construção de uma nova identidade feminina, mais livre do peso das relações de gênero.

De igual modo, Michelle Perrot (2007) argumenta que para ouvir a voz das mulheres “as suas palavras”, era preciso abrir não só os livros que falavam sobre elas, os romances que contavam suas histórias, era necessário mais que isso, ou seja, era imprescindível ouvir o que elas escreviam. Outrossim, o debate proposto por Perrot (2007) é similar ao que Nizia Floresta Brasileira Augusta e de Voluntary de Cleyre (2021), os quais propuseram na obra intitulada *Feminismo*, em que a autora apresenta assuntos relacionados às mulheres em diferentes momentos da história, denominada pelas autoras de primeira onda do feminismo. Augusta e Cleyre (2021) trazem em seus debates questões relacionadas à representação feminina em um contexto histórico, mostrando como se deu a evolução da mulher ao longo do tempo. Para tanto, quando falamos da história das mulheres, logo pensamos em como era a criação da mulher e quais eram suas responsabilidades, diante disso, deparamo-nos com o único papel que a mulher desempenhava: apenas cuidar da família¹¹. De acordo com Augusta (2021), em todos os tempos e em todas as nações do mundo, a educação da mulher sempre foi um dos

¹¹ Quando argumentamos sobre a transição do papel feminino de donas de casa para o mercado de trabalho, logo pensamos como se deu esse processo, levando em conta que durante muito tempo a única função da mulher era cuidar do lar. A industrialização foi um dos grandes fatores que contribuíram para sua integração no mercado de trabalho. O têxtil foi o grande gerador de empregos. Foi nos ateliês que muitas operárias participaram das fiações e tecelagens da Primeira Revolução Industrial em 1838. Muitas ainda jovens começavam as atividades nas fábricas a partir dos 12 a 13 anos até casarem, já as mais velhas eram dispensadas quando ficavam grávidas para cuidar da maternidade, quando passavam esse período, muitas vezes voltavam as suas funções acompanhadas dos filhos. No século XX muitos cartões postais traziam em suas capas jovens operárias entrando e saindo das fábricas, foram um dos primeiros usos da fotografia em meio operário. Foi no ano de 1950 que começaram a participar de cursos profissionalizantes de costura para desenvolverem suas capacidades manuais. O século XX foi responsável por apresentar novas profissões para o setor terciário como: enfermeiras, secretárias, enfermeiras entre outras (Perrot, 2007, p-119-125).

temas mais característicos das civilizações. Isso pode ser observado em países que fazem parte da Ásia, por exemplo, visto que a mulher sempre foi considerada símbolo de prazer material, ou submissa escrava do homem. No romance em estudo, em alguns momentos nos deparamos com essa mulher obediente, mas que, algumas vezes, insurgia-se, indo contra a própria família: “Nós éramos filhas obedientes e desobedecíamos porque queríamos obedecer. Não é sim anti-não¹² contra sim por que não sim? [...] Eu dizia não quando eu dizia sim [...] Vozes diziam que não deveríamos falar” (Cunha, 2009, p. 16).

Augusta (2021) ainda dialoga que até no Egito, que jazeu sempre submerso, apesar de sua sabedoria e da sabedoria dos sacerdotes, existia uma espécie de ignorância a respeito da educação da mulher, ou seja, seus hieróglifos, suas curiosas múmias e todos os seus fragmentos de sua tão admirável extinta grandeza são alguns dos motivos que fazem com que sábios arqueólogos modernos tivessem tanto interesse em estudar e tentar revelar a inteligência da mulher.

Ainda falando da representação da mulher na perspectiva histórica, Augusta (2021) relata que muitas mulheres apareceram na Grécia como símbolo de conhecimento, por exemplo, Aspásia¹³, mestra do filósofo Mártil. A figura feminina, era, portanto, considerada detentora do conhecimento, fato que fez com que as mulheres fossem admiradas.

Diferente de Augusta (2021), a pesquisadora Cleyre (2021) nos faz compreender que as mulheres tiveram também papéis importantes dentro da história, elas não foram apenas vistas como símbolo de beleza, mas também representadas como sábias, possuidoras de um grande saber. As autoras supracitadas articulam que mulheres em diferentes países, a título de exemplo, na Grécia, não eram vistas somente como sinônimo de prazer, mas, além disso, possuidoras do saber, como nas ciências, por conta de sua inteligência, atingindo a perfeição que muitos tentaram atingir. Já as mulheres romanas ficaram conhecidas como heroínas. O debate de Cleyre (2021) sobre o papel da mulher em diferentes civilizações é importante, porque mostra a evolução e o seu papel em cada sociedade.

¹² Neste trabalho, optamos por preservar algumas palavras gramaticalmente incorretas que aparecem nas citações da obra de Helena Parente Cunha. Essa foi uma escolha consciente, pois entendemos que essas palavras fazem parte do estilo e da intenção da autora, que busca retratar a realidade de seus personagens de forma autêntica e crítica.

¹³ Nascida em Mileto na Grécia Antiga, Aspásia de Mileto foi uma figura importante dentro da Grécia, isso se deveu devido sua inteligência e seu grande poder de oratória. Foi professora de oratória, destacando-se como uma das únicas mulheres na esfera pública. Viveu no século V a.C. Por mais que seu nome apareça em muitos escritos como os de Platão e Aristófanes, sua história não muito conhecida. Quando se pensa em representação feminina na Grécia Aspásia logo se destaca, por ajudar no processo de emancipação das mulheres atenienses tendo em vista que elas não tinham direitos civis, suas tarefas eram apenas baseadas em cuidar da casa e dos filhos. Seus discursos de maneira modesta acabavam por reivindicar os direitos das mulheres.

Os debates tanto de Cleyre (2021) como o de Augusta (2021) fazem parte do que as autoras chamam de primeira onda do feminismo. Cleyre (2021) argumenta sobre o matrimônio das mulheres dentro da história, a grande maioria delas deviam se encaixar nos padrões da sociedade, possuir determinadas características para serem aceitas ao matrimônio, como aprender as atividades domésticas, por último a dedicação à educação, já que a mulher deve ser filha, irmã, esposa, mas tudo isso deveria ser de uma forma dedicada. Dessa maneira, a mulher teria que possuir todos esses atributos, sem perder a graça, a beleza, seu espírito.

No trecho que segue, podemos verificar essa missão que as mulheres deveriam seguir: “depois cresce numa atmosfera toda contrária ao desenvolvimento de boas ideias e dos sentimentos próprios de filha, de esposa, de mãe, de mulher enfim, digna de compreendê-los, de cumprir sua missão na Terra” (Cleyre, 2021 p. 140). A autora ainda fala do trabalho diário realizado pelas mulheres, como cuidar da casa e das crianças, mesmo que em alguns dias não estivesse bem fisicamente para tal tarefa, soma-se a isso o fato de que, embora o casamento não estivesse bem, o marido e a mulher deveriam viver de aparências para manterem-se firmes perante a opinião pública.

Diante dessa abordagem e de acordo com Cleyre (2021), as mulheres são ainda muito julgadas pela sociedade, e o homem recebe o tratamento diferenciado. Por serem muitas vezes consideradas frágeis, acaba recaindo sobre elas toda responsabilidade e moralidade, dessa forma, não podem se submeter ao erro, realidade diferente para o homem que possui tal regalia sem sofrer a pressão da sociedade:

O homem profana os mais santos deveres da natureza e da lealdade; abusa da confiança das famílias nas quais é recebido, engana as raparigas, seduz as esposas, insulta os parentes e os maridos; rasteja, como um desenfreado animal, nos mais objetos níveis da sociedade [...] E ainda é recebido em todo lugar, festejado, e orgulhoso de suas conquistas (Cleyre, 2021, p.144).

A citação acima faz uma reflexão sobre o fato de que as mulheres não recebem o mesmo tratamento que os homens, pois são vistas como fracas e, quando erram, devem ser capazes de aguentar as críticas e as suas falhas. Essa visão da mulher como símbolo de fraqueza vem sendo modificada gradualmente, para que tanto o ser feminino como o masculino possa ser respeitado dentro do seu gênero.

Após os debates do feminismo da primeira onda, a partir das discussões de Cleyre e Augusta (2021), adentramos ao feminismo da segunda onda, sob a perspectiva da autora Margaret Sanger (2021) que, no livro *Felicidade no casamento*, aborda sobre a aceitação que muitos homens e mulheres deveriam possuir para chegar ao matrimônio, outro aspecto

retratado pela autora é o casamento prematuro. Os debates de Sanger (2021) em torno do casamento são bastante pertinentes, pois nos apresenta uma sociedade marcada pela busca do matrimônio, além de articular sobre o papel do cortejo, prática que esteve durante muito tempo enraizada na sociedade. De acordo com a autora, essa prática teve um papel decisivo, uma vez que, por muito tempo, o casamento era apenas visado para a reprodução, assim, durante muitos séculos as mulheres eram preparadas para o que Singer chama de “Mercado do casamento”.

Ressalta-se que a abordagem de Sanger (2021) promove reflexão sobre as condições as quais muitas mulheres viveram e ainda vivem nos dias atuais. Na obra em estudo *As doze cores do vermelho* (2009), de Helena Parente Cunha, é possível identificar em algumas personagens o desejo pelo casamento, entendido como uma realização da mulher ou apenas um refúgio. A mulher pintora do segundo ângulo se encaixa, por exemplo, no papel dessa que vive o dilema do casamento como uma tentativa de refúgio, de sair do lado de lá, em outras palavras, representado pelo sistema patriarcal: “1960. Você faz vinte anos e vai se casar. Anel e laço vindouro traço [...] um marido. Vozes repetindo. A mulher é a rainha do lar.” (Cunha, 2009, p.15). Esse trecho evidencia a imposição sobre o matrimônio, no qual a mulher devia ser inteiramente entregue, mesmo contra a própria vontade, era, portanto, uma cobrança da sociedade.

Os debates de Sanger (2021) se fazem importantes, já que apresentam como era o comportamento de muitas mulheres que se preocupam com aparência e com o corpo, pois no intuito de arranjarem matrimônio buscam destacar os seus atributos. Isso era realizado entre homens e mulheres, o que deixava ainda mais forte o “Mercado do casamento”. Em *As doze cores do vermelho* (2009), é possível evidenciar a preparação das personagens para o casamento ainda quando crianças: “Eu era menina como as outras que brincavam no arco da manhã. Nós brincávamos de casinha, comidinha de mãezinha das bonecas [...] você não vai mais entrar para escola de belas artes” (Cunha, 2009, p. 14). Por meio desse trecho podemos evidenciar que esses “nós” representam as personagens ainda na infância, sendo emolduradas para serem donas de casa. O casamento na década de 60 era visto como uma das principais realizações na vida das mulheres, e isso acabou fazendo com que muitas não conseguissem conciliar casa e estudos, realidade que faz e fez com que grande parte delas abdicassem de suas carreiras.

O trecho do romance de Helena Parente Cunha nos impulsiona para uma reflexão, pois discute sobre o que Sanger (2021) argumentou sobre a maternidade. Para a autora, muitas mulheres veem esse momento como algo negativo, um exemplo trata-se das questões financeiras para o sustento da família. Na verdade, muitas delas que têm gravidez prematura

não conseguem conciliar casa, trabalho e os estudos e enxergam o casamento e a maternidade como uma prisão e temem por sua liberdade.

Ainda falando sobre a representação feminina, a terceira onda do feminismo argumentada por Diogo Vitor de Carvalho (2021), no livro *O que é o feminismo?* Carvalho (2021), traz debates que nos fazem repensar que um dos principais motivadores do feminismo foram e são as ideias de liberdade, visto que, durante longos anos, as mulheres não eram protagonistas de suas próprias histórias, e hoje, depois de muito tempo, observamos que elas se tornaram sujeitas de si.

Carvalho (2021) esclarece que na medida em que as mulheres foram se emancipando, tomaram coragem e buscaram sua própria voz. De acordo com Carvalho, o feminismo pode ser compreendido como: O feminismo é – pelo menos em uma primeira instância – um movimento de igualdade de gênero. Não há o homem sobre a mulher ou vice e versa, mas ambos os gêneros evoluindo e se fortalecendo juntos na caminhada rumo ao progresso (Carvalho, 2021, p. 13).

Quando falamos em representação, logo lembramos das lutas que as mulheres tiveram para chegar no lugar onde estão hoje, e uma delas é o movimento feminista pelo voto, realidade ainda não vivida por todas as mulheres. De acordo com Carvalho (2021), o voto ainda não é a realidade de muitas mulheres, como as do Oriente Médio, e ele ainda esclarece que esse direito é considerado uma das primeiras formas de representatividade conquistada pelo movimento feminista, pois a figura feminina, ao conseguir votar, estaria participando da democracia e com isso ter reconhecimento na sociedade.

Carvalho (2021) tece comentários a respeito das três ondas aqui comentadas, e que segundo ele, foram fundamentais para as mulheres conseguirem consolidar suas conquistas. “A primeira onda foi responsável pela inundação que ocorreu na imaginação da sociedade, principalmente a classe oprimida” (Carvalho, 2021, p. 45). Dessa maneira, a luta pelo voto colocou em destaque outros assuntos, como a educação e a luta contra o racismo. Para tanto, a educação veio com o papel crucial de fazer com que as mulheres se tornassem conscientes da sociedade e pudessem lutar contra o machismo existente. É importante ressaltar que a primeira onda durou do fim do século 19 até o início do século 20.

De acordo com Carvalho (2021), a segunda onda iniciou-se nos anos de 1950 e se estendeu até os anos 1990, ela se fez sobre os vestígios da segunda guerra mundial e foi equiparada com as feministas que defendiam a ordem teórica, a filosofia, sociologia, a teologia e que tiveram seu início nesse período. Carvalho (2021) cita as teóricas que contribuíram com a segunda onda, como Ângela Davis e Simone de Beauvoir.

A terceira onda iniciou-se nos anos de 1990 e teve fim por volta dos anos 2000, conforme Carvalho (2021), ela foi a mais rápida e a mais eficaz, pois as outras duas necessitavam de teóricos que defendessem a causa, e com a terceira já não era necessário. O autor articula sobre a criação do punk que foi um grande marco no ocidente, com esse movimento veio a liberdade cultural, e com isso houve a inversão das vestimentas dos homens usando saias e mulheres calças. Esse acontecimento fez com que a terceira onda tivesse sido interpretada por muitos como extremamente radical.

Após a apresentação das três ondas comentadas neste texto, é importante esclarecer que Carvalho (2021) ainda nos apresenta uma quarta onda a qual, segundo ele, teria surgido no ano de 2012, mostrando-se ativa nas redes sociais ao retratar os abusos sofridos por mulheres. O autor afirma que o termo onda usado para classificar essa movimentação das mulheres ainda é recente, haja vista que ainda não há a devida valorização por parte de muitas pessoas para ele.

Essa possível quarta onda tem trabalhado para colocar em destaque as questões identitárias bem como as de gênero. Com isso, Carvalho argumenta sobre o que ela defende: “É comum o levante de bandeiras contra a ditadura LGBTQI+fobia, a gordofobia, contra a ditadura da heteronormatividade” (Carvalho, 2021, p. 54). Essa suposta onda teria um caráter político em comparação às anteriores, dessa maneira, ela seria responsável por criar laços com as outras ondas em busca de existência e visibilidade, dessa forma, acabam dando voz àqueles que tiveram vozes excluídas por muito tempo. Então, seria uma luta não por votos como diz Carvalho, mas por direito à existência. A citação abaixo permite refletir sobre esse sistema patriarcal na qual as mulheres foram e ainda estão submetidas, pois mesmo com as inúmeras lutas de movimentos que defendem os direitos das mulheres, ainda há muito a se fazer para tirá-las da zona de conforto em que ainda se encontram:

As estruturas sociais que existem hoje em dia são favoráveis ao sistema opressor e, como esse sistema já entranhado em nossa cultura, precisamos subvertê-lo de dentro para fora. Tomar cargos e posições importantes, sugerir mudanças e, principalmente, sermos a mudança. Esse é o caminho! (Carvalho, 2021, p. 114).

Quando se fala em representação feminina, pensa-se na representação do papel da mulher no mundo, no lugar em que vive, e esse papel vem se transformando na medida em que a globalização avança. Empoderadas e donas de si, formadoras das suas próprias histórias, mas nem sempre foi assim, pois quando olhamos para trás, percebemos o caminho árduo que elas percorreram, para chegar a serem quem são contemporaneamente. Isso nos leva a refletir

o que Friedan Betty (2021) relatou em seu livro *Mística feminina*, em que a autora relata como era o papel da mulher em algumas décadas passadas, de maneira que a sua única utilidade era preparar-se para o matrimônio e para a maternidade.

Na pesquisa desenvolvida por Friedan (2021), é possível verificar o papel que a mulher desempenhava na sociedade patriarcal, na qual não poderia ultrapassar os limites dos lares, pois o ser feminino só era considerado completo se estivesse de acordo com os padrões pautados no casamento e na procriação. De acordo com Friedan (2021), quanto mais uma mulher era privada de sua função social, mais seu papel doméstico e materno se expandia. Isso fez com que muitas delas renegassem o papel feminino dentro da sociedade:

A glorificação do papel da mulher então parece seguir uma proporção da relutância da sociedade em tratar as mulheres como seres humanos completos, pois quantos menos função real esse papel tem, mais ele é decorado com detalhes insignificantes para camuflar o vazio (Frendan, 2021, p. 297).

As mulheres que Friedan (2021) cita eram adeptas da Mística, seguindo apenas a vida de mãe e dona de casa, desistindo de sua identidade, sempre preocupadas com a sociedade. Contudo, isso não foi aceito por todas as mulheres, visto que muitas não viam o casamento somente como uma realização pessoal, já que almejavam mudar suas vidas monótonas.

Com isso, surgiram as mulheres corajosas capazes de ir contra o patriarcado, muitas conseguiram fugir da mesmice que viviam e foram atrás dos direitos que lhes pertenciam. Apesar das mídias da época tentarem, inconsistentemente, influenciá-las a serem apenas donas de casas comuns, tal atividade era vista como uma das maiores realizações de muitas mulheres, que desde cedo eram preparadas para exercer esse papel. Na obra *As doze cores do vermelho* (2009), podemos evidenciar essa busca pela perfeição que muitas mulheres almejam, por exemplo, a mulher pintora do ângulo 3: “E vai procurar organizar os horários para as obrigações domésticas. Limpeza, cozinha, compras, atenção e dedicação para a família” (Cunha, 2008, p. 15).

Apesar de estarmos no século XXI, ainda existem muitas questões para serem mudadas, já que ainda há diferenças das oportunidades de trabalho e nos salários entre homens e mulheres. Isso nos faz refletir conforme o sociólogo Parson (1949) ao afirmar que muitas mulheres com o passar do tempo começaram a seguir e ainda seguem o modelo dos homens:

É possível, é claro, que a mulher adulta siga o modelo masculino e busque uma carreira em campos de conquista ocupacional em competição direta com os homens da sua classe. É, no entanto, notável que, apesar de um progresso muito grande na emancipação da mulher do modelo doméstico

tradicional, apenas uma ínfima parcela tenha ido muito longe nessa direção. É também claro que a essa generalização só seria possível com alterações profundas na estrutura familiar (Parsons, 1949, p. 223).

Esse padrão citado por Parsons (1949) fez com que houvesse uma quebra no padrão da família tradicional, organizada colocando o homem como centro, com isso, aconteceu o que ele chamou de ruptura, o que fez com que as mulheres repensassem seu papel dentro da sociedade.

Portanto, podemos concluir por meio desses debates que a mulher percorreu um grande caminho para conquistar sua emancipação como ser humano dotado de inteligência, e isso fez com que muitas rompessem com a chamada mística, que consistia em uma espécie de manual o qual as mulheres tinham que seguir para serem aceitas dentro da sociedade. Assim, os debates em torno da mística descrita por Friendan foram fundamentais para compreender o processo de emancipação na qual as mulheres deixaram de ser “donas de casas” e passaram a ser “donas de si”, frequentando faculdades e universidades pelo mundo. Foram criados grupos de libertação para libertar as mulheres da cruel mística que se propagou por mais de uma geração, que mesmo nos dias atuais ainda é vista.

A abordagem em torno da representação feminina nos faz repensar sobre os inúmeros obstáculos que as mulheres ainda precisam vencer, e que a luta ainda continua por melhores empregos, salários e pela vida, para que assim todas possam seguir seus anseios genuinamente livres.

1.3 Debates sobre Identidade

Neste tópico, serão abordadas as questões de identidade sob a perspectiva de Beauvoir (1973), David Harvey (1989), Heloisa Buarque de Hollanda (1994), Tomas Tadeu Silva (1992-2000), Stuart Hall (2006) e Kathryn Woodward (2014). Estudiosos que articulam sobre os conflitos envolvendo as questões de identidades e de globalização na modernidade tardia.

A crítica feminista, desde o início de sua criação, assume um papel questionador sobre a prática acadêmica patriarcal. Dessa forma, a referida vertente vem gerando conhecimentos significativos no que diz respeito ao processo de formação da identidade cultural.

Zolin (2005) esclarece que a crítica feminista é maciçamente política na medida em que trabalha inferindo na ordem social, tendo em vista a maneira que vê a literatura empenhada na construção do caráter das ideologias de gênero ao longo do tempo pela cultura.

De acordo com Hollanda (1994), foi nas décadas de 60 e 70 que as questões sobre a identidade começaram a ganhar liberdade de expressão na imprensa feminista, no cinema de mulheres e nos estudos feministas enquanto área de conhecimento, assim, os estudos feministas se aprofundaram e se expandiram nas teorias feministas. A autora destaca que o estudo das relações de gêneros foi sendo substituído pela noção de identidade, passando a privilegiar o exame do processo de construção destas relações e das formas como o poder se articula em momentos datados como social e histórico.

Dessa forma, pode-se dizer que os estudos de identidade foram se construindo na medida em que a modernidade surgia. Essa questão pode ser contemplada nas contribuições de David Harvey (1989). Segundo o teórico, a modernidade implicou não apenas “um rompimento impiedoso com toda e qualquer condição precedente”, mas atua como “caracterizada por um processo sem fim de receptores e de fragmentações internas no eu interior” (Harvey, 1989, p. 12).

Branca Moreira Alves e Jacqueline Pitanguy, no livro *O que é o feminismo?* (1991), argumenta sobre o lugar da mulher e como ele é formado dentro da sociedade: “A mulher constitui assim um espaço próprio para expressar-se, sem a interferência masculina, para compreender-se através de sua voz e de suas companheiras, para descobrir sua própria identidade e conhecer-se” (Alves e Pitanguy, 1991, p. 67).

Quando falamos em estudos sobre identidade, deparamo-nos com alguns estudiosos que trouxeram, em seus debates, os estudos relacionados à identidade na chamada Pós-modernidade. Começaremos falando sobre um desses estudiosos: Stuart Hall (2014), em *A Identidade Cultural na Pós-modernidade*. O teórico aclara: “as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o sujeito moderno, até aqui visto como sujeito unificado.” (Hall, 2014, p. 9).

Nesse sentido, Hall (2014) contempla a questão do “nascimento” e “morte” do sujeito moderno e caminha rumo à demonstração da identidade do sujeito da modernidade tardia que está sendo descentrado. O autor tenta mostrar as concepções mutantes do sujeito, por meio de um diálogo com ideias voltadas para vários momentos históricos, que marcaram um grande rompimento na construção histórica-social.

Para isso, o autor elucida que a gêneses e a manifestação desse indivíduo centrado foi possível em razão de vários acontecimentos entre os séculos XVI e XVIII, tais como a Reforma Protestante, o Humanismo renascentista, as revoluções científicas e o Iluminismo. Esses eventos contribuíram para o surgimento do indivíduo “com certas capacidades humanas fixas e um sentimento estável de sua própria identidade e lugar na ordem das coisas” (Hall,

2014, p. 17). Todavia, na modernidade tardia, a concepção desse sujeito foi deslocada, acontecendo o seu descentramento e sua fragmentação.

Existem ainda outras reflexões de filósofos citados por Hall em seus estudos sobre *A identidade Cultural na pós-modernidade*, como o sujeito sob a perspectiva de René Descartes, com a famosa frase “Penso Logo existo”, na qual o sujeito dentro dessa perspectiva pode ser considerado, para o autor, um sujeito dotado de racionalidade. Hall (2014) ainda argumenta sobre o sujeito Cartesiano, que está por trás dos filósofos John Locke com a ideia do “indivíduo soberano” ou o “sujeito da razão”.

Com o surgimento do sujeito social, Hall dá ênfase a cinco grandes progressos na teoria social e nas ciências humanas ocorridas no pensamento, no período da modernidade tardia. Citamos, a seguir, apenas alguns exemplos dos cinco tipos de descentralização do sujeito. O primeiro corresponde ao segundo descentramento do sujeito no pensamento ocidental do século XX, que é a descoberta do inconsciente freudiano:

A teoria de Freud de que nossas identidades, nossa sexualidade e a estrutura de nossos desejos são formados com base em processos psíquicos e simbólicos do inconsciente, que funcionam de acordo com uma “lógica” muito diferente daquela Razão, arrasa com o conceito do sujeito cognoscente e racional promovido de uma identidade fixa e unificada. (Hall, 2014, p. 23).

Isto denota que o indivíduo não é livre em suas escolhas, ou seja, há um inconsciente que, de certa forma, o influencia sem que ele tenha o absoluto controle dessas escolhas.

Em outro momento, o pesquisador mostra outro exemplo correspondente ao terceiro deslocamento do sujeito que surgiu a partir das descobertas da linguagem concretizada por Ferdinand de Saussure. De acordo com o teórico, o indivíduo não é autor das afirmações que faz ou dos significados que expressa na linguagem.

Outro exemplo destacado por Hall corresponde ao quarto descentramento do sujeito, que estaria relacionado à obra de Michel Foucault e relacionado com aquilo que ele apresenta de poder disciplinar. Logo, o poder disciplinar concebe a regulação, a vigilância e o governo da espécie humana, ou também o controle do indivíduo e do corpo. Esse poder apareceu juntamente com as instituições que “policiam” e também disciplinam as pessoas tais como as oficinas, os quartéis, as escolas, as prisões, os hospitais, as clínicas, entre outras (Hall, 2014, p. 26).

O último avanço relacionado ao sujeito descentralizado estaria relacionado ao movimento feminista que tem o nascimento histórico na chamada “política de identidade”, na qual existe uma identidade específica para cada movimento (Hall, 2014, p. 27). Nesse

conjunto, o feminismo trouxe novos costumes para a sociedade e principalmente para o homem, e essas novas condutas estão associados à “crise de identidade” que acomete a humanidade nesses tempos (Hall, 2014, p. 26-27).

Como aponta Hall (2014), a identidade está ligada à cultura, aos costumes, às línguas, às tradições, nações, uma vez que essas se constroem a partir de diferentes grupos e gêneros, assim como a globalização que une e ao mesmo tempo distancia as ideias sociológicas, o tempo e o espaço.

Desta forma, pode-se dizer que as sociedades modernas são a definição das sociedades que estão em constantes mudanças. Assim, a modernidade tardia está vinculada à chamada “globalização” e ao seu impacto na sociedade cultural. Podemos verificar na citação de Marx sobre a modernidade:

É o permanecer revolucionar da produção, o abalar interrumpido de todas as condições sociais a incerteza é o movimento eterno... Todas as relações fixas e congeladas, com o seu cortejo de vetustas, representações e concepções, são dissolvidas, todas as relações recém-formadas envelhecem antes de poderem ossificar-se. Tudo que é sólido se desmancha no ar... (Marx & Engels, 1973, p. 70).

Na pesquisa desenvolvida por Tomas Tadeu Silva (2000), o pesquisador esclarece que não se deve focalizar apenas na biologia como forma de diferenciação para posicionamentos sociais desses sujeitos masculinos e femininos, dessa forma o autor afirma que:

Identidade não é uma essência; não é um dado ou um fato – seja da natureza, seja da cultura. A identidade não é fixa, estável coerente, unificada, permanente. A identidade tampouco homogênea, definitiva, acabada, idêntica, transcendental. Por outro lado, podemos dizer que a identidade é uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo. A identidade é instável, contraditória, fragmentada, inconsciente, inacabada. A identidade está ligada a sistemas de representação. A identidade tem estreitas conexões com relações de poder (Hall, 2006, p. 96-97).

Sabendo que conceito de identidade é bem complexo de conceituar, observa-se que é pouco entendida e compreendida na ciência social contemporânea. Para tanto, Hall (2006) nos apresenta três concepções distintas de identidade: sujeito do iluminismo, sujeito contemporâneo e sujeito pós-moderno. A primeira concepção está relacionada ao sujeito do iluminismo, considerado totalmente centrado, dotado de razão, consciência e ação.

O teórico ainda assevera que a segunda concepção de identidade é caracterizada como a do sujeito sociológico, que “refletia na crescente complexidade do mundo moderno e a

consciência de que em seu interior o sujeito não era autossuficiente, mas era formado na relação com outras pessoas importantes para ele”.

Hall (2014) aclara que o sujeito pós-moderno é caracterizado por não possuir uma identidade unificada e estável, pois esse sujeito a cada dia está se fragmentando, dessa forma, não possuindo uma, mas várias identidades:

O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós, há identidades contraditórias, empurrado em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. (...). Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por multiplicidade desconcertante e cambiante de identidade possível, com cada uma das quais poderíamos nos identificar ao menos temporariamente (HALL, 20, p. 13).

Em conformidade com Hall (2006), podemos dizer que a concepção de identidade vem mudando e se fragmentando ao longo do tempo, ou seja, o sujeito vem se construindo aos poucos quanto a sua identidade, não apenas uma, mas várias, podendo essas identidades ser algumas vezes contraditórias e outras não resolvidas.

Além de Hall (2006) existem outros pesquisadores que articularam sobre os conflitos envolvendo identidades como Cecil Jeanine Albert Zinani (2006). Para a autora, a identidade é entendida como um conjunto de características próprias do sujeito, que levam ao deslocamento do indivíduo, que não é mais percebido como um sujeito como que sofre ações em sua base. Dessa maneira, o sujeito acaba se tornando um ser problemático, e a identidade passa a não ser mais um elemento estável.

De acordo com Tomaz Tadeu da Silva (2014), existem conflitos envolvendo identidades que são produzidas pelos sistemas de representação, compreendidas como um processo cultural que inclui práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio do qual os significados são produzidos, tornando possível sugerir aquilo que somos. Nesse contexto, Silva (2014) afirma que “Assim como a identidade depende da diferença, a diferença depende da identidade. Identidade e diferença são, pois, inseparáveis” (Silva, 2014, p. 75). Dessa maneira, é possível dizer que a identidade pode ser compreendida como referência.

De acordo com Silva (2014), a identidade pode passar por processos, os quais possibilitam fazer com que a identidade sofra oscilações: “O processo de produção da identidade oscila entre dois movimentos: de um lado, estão aqueles processos que tendem a fixar e a estabilizar a identidade; de outro, os processos que tendem a subvertê-la, a

desestabilizá-la” (Silva, 2014, p. 84). Nesse sentido, Silva (2014) apresenta o seguinte conceito de identidade:

Primeiramente, a identidade não é uma essência, não é um dado ou um fato – seja da natureza, seja da cultura. A identidade não é fixa, estável, coerente, unificada, permanente. A identidade tampouco é homogênea, definitiva, acabada, idêntica transcendental. Por outro lado, podemos dizer que a identidade é uma construção, um efeito, um processo de produção, um ato performativo. A identidade é instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, inacabada. A identidade está ligada a estruturas discursivas e narrativas (Silva, 2014, p. 96-97).

Os debates de Silva (2014) corroboram ao pensamento de Hall (2006), pois segundo ele, vivenciamos várias identidades, todos os dias somos empurrados a diferentes direções, o que acaba nos remetendo a identificações temporárias. Dentro desse contexto, pensar numa identidade plenamente unificada seria, portanto, incoerente e fantasioso, isso nos remete aos ideais de Silva (2000) que apontam instabilidade e fragmentação do sujeito e fazem com que reflitamos sobre as identidades das sujeitas presentes dentro do romance *As doze cores do vermelho* (2009), de Helena Parente Cunha, que por possuírem uma identidade ainda em construção no primeiro ângulo, viviam o dilema que se resumia em desistir do lado de *lá*, que representava uma sociedade marcada pelas privações, ou seguia o lado de *cá*, que representava sua liberdade. Diante disso, as mulheres que compõe o romance viviam o impasse de prisão x liberdade, como mostra o trecho: “Vozes me chamavam do outro lado. Uma voz estreita. Uma voz estreita furou o ar do amanhã. Eu tive muito medo. Por que não podia passar para o lado de lá?” (Cunha, 2009, p. 14).

Ainda dissertando sobre identidade, agora serão apresentados alguns debates sobre a globalização na modernidade e na sociedade tardia, tendo em vista que ela está diretamente ligada à identidade, pois sabe-se que o indivíduo se fragmenta na medida em que a modernidade avança, já que a “modernidade é inerente globalizante” (Giddens, 1990, p. 63).

De acordo com Hall (2006), as identidades modernas estão entrando em degradação devido a uma mudança estrutural que vem transformando as sociedades modernas do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, de gênero, de sexualidade, de etnia, de raça e nas localizações dos indivíduos, assim, pode-se dizer que as identidades vêm se transformando, o que acaba abalando a ideia que se tem de nós como sujeitos integrados. E essa perda do sentido de sujeito ganha o nome de deslocamento de sujeito ou descentralização do sujeito. Sob a perspectiva do teórico, as sociedades da modernidade tardia

se caracterizam pela diferença, elas são atravessadas por diferentes divisões e antagonismos sociais que produzem uma variedade de diferentes posições de sujeitos.

Conforme Hall, as sociedades tardias modernas podem ser definidas como sociedades que estão em constantes mudanças, e essas mudanças estão acontecendo de uma maneira rápida e permanente. Isso pode ser complementado por Anthony Giddens:

Nas sociedades modernas tradicionais, o passado é venerado e os símbolos são valorizados porque contém e perpetuam a experiência de gerações. A tradição é um meio de se lidar com o tempo e o espaço, inserindo qualquer atividade ou experiência particular na comunidade do passado, presente e futuro, os quais sua vez, são estruturados por práticas sociais recorrentes (Giddens, 1990, p. 37-38).

Essas sociedades que Anthony Giddens cita são capazes de, por meio do tempo e do espaço, perpetuarem as experiências dos indivíduos, ou seja, as ações do passado e que podem ser vistas no presente e no futuro, as ações praticadas pelos sujeitos podem ser vistas em constantes mudanças, que é uma característica da sociedade moderna tardia. No trecho que segue, podemos identificar que as personagens de Helena Parente Cunha, ainda crianças, eram influenciadas pela sociedade a seguirem padrões impostos, a sociedade acabava por influenciar suas ações e comportamentos, como mostra o trecho: Eu queria desamarrar o traço e desenrolar o fio e segurar outro caminhando. [...] O lado de lá é diferente do lado de cá. Nada é igual a nada. Tudo é igual a tudo [...] Reduplicação reprodução imitação à e ào [...] Igual ao modelo (Cunha, 2009, p. 22).

A modernidade em contraste não pode ser definida apenas como experiência de convivência, ou mudança rápida, abrangente e contínua, mas sim como uma forma altamente reflexiva de vida na qual “As práticas sociais são constantemente examinadas e reformadas à luz das informações recebidas sobre aquelas próprias práticas, alterando, assim, constantemente seu caráter”. (Hall, 2006, p. 37-38).

Observa-se, portanto, que Hall (2006) defende o descentramento do sujeito na modernidade, e este aspecto está ligado às identidades que estão sendo fragmentadas, para tanto, o que aconteceu na contemporaneidade tardia não foi apenas a desagregação, mas a sua mudança. É importante destacar que esses deslocamentos são descritos por uma série de rupturas nos discursos conhecidos como modernos.

Estudos envolvendo a globalização foram destacados por Anthony Giddens (1990) o qual assegura que ela se refere àqueles processos que atravessam fronteiras nacionais,

integrando e citando comunidades e organizações em novas combinações de espaço-tempo, tornando o mundo em uma realidade e experiência.

Com isso refletimos no que Giddens (1990) argumentou sobre a globalização ao afirmar que a globalização envolve um movimento de distanciamento da sociologia clássica, na qual a sociedade é entendida como um sistema bem delimitado e sua substituição por uma perspectiva, que encontra na forma como a vida social está ordenada ao longo do espaço (Giddens, 1990, p. 64).

Existem duas tendências contraditórias no interior da globalização, entretanto, desde os anos 70, houve um aumento de ritmo da integração global que fez com que acelerassem os fluxos e os laços entre as nações. Contudo, podem-se descrever três consequências responsáveis pela globalização no que diz respeito à identidade. A primeira está relacionada às identidades nacionais que estão se desintegrando, como o crescimento da homogeneização cultural e do pós-moderno global, as identidades nacionais, assim como as locais estão em declínio, o que faz surgir novas identidades, como o hibridismo que vem ganhando e tomando o seu lugar.

Com isso, pode-se dizer que os estudos de identidade foram se construindo, na medida em que a modernidade surgiu. David Harvey afirma que a modernidade amplia não apenas “um rompimento impiedoso com toda e qualquer condição procedente”, mas atua como “caracterizada por um processo sem fim de receptores e de fragmentações internas no eu interior” (Hall, 2014, p. 13).

Pelos aspectos observados, é possível dizer que a identidade está diretamente ligada ao processo de globalização, tendo em vista que na medida em que essa ganha força na sociedade tardia, também acompanha esse processo por meio dos indivíduos que todos os dias vêm se fragmentando devido às mudanças que surgem todos os dias.

Nesse sentido, entende-se que a identidade vem mudando e se fragmentando ao longo do tempo, ou seja, o sujeito vem construindo, aos poucos, a sua identidade, não apenas uma, mas várias, podendo essas identidades se mostrarem, algumas vezes, contraditórias e outras não resolvidas.

Kathryn Woodward (2014), em seu ensaio intitulado *Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual*, retrata a identidade sob a perspectiva global, visando os vários tipos de identidades, entre elas fragmentadas e em construção, ligadas por aspectos individuais e culturais. Woodward (2014) afirma que a construção da identidade pode ser entendida como simbólica ou social. Para ela, a identidade pode ser marcada pela diferença, por exemplo, as identidades masculinas e femininas, bem como também por grupos étnicos,

além disso, a emergência dessas identidades, muitas vezes, pode estar relacionada a fatores históricos. De igual modo, a teórica nos leva à apresentação de como a identidade pode ser conceituada, ou como podemos chegar a um conceito, pois a essa envolve muitos aspectos, em muitos casos, considerados essencialistas, como quem pertence ou não pertence a determinado grupo identitário, no qual a identidade é vista, muitas vezes, como fixa e imutável. (Woodward, 2014, p. 13).

Em conformidade com Woodward (2014), a identidade está baseada em alguma versão essencialista da história e do passado, na qual a história pode ser construída ou representada como uma verdade imutável. Dessa maneira, a estudiosa assegura que nas identidades não unificadas podem ocorrer contradições em seu interior e que, muitas vezes, devem ser negociadas, é ainda possível que em algumas identidades haja discrepâncias entre o nível coletivo ou individual.

Dentro desse contexto, “para compreendermos o que faz da identidade um conceito tão central, é necessário entender as preocupações contemporâneas, no que diz respeito às questões de identidade em diferentes níveis”. (Woodward, 2014, p. 17). De acordo com autora citada, existem discussões nas últimas décadas sobre as mudanças que vêm ocorrendo no campo da identidade, e tais mudanças produzem o que chamamos na atualidade de “crise de identidade”. “Isso implica examinar a forma como as identidades são formadas e quais processos estão envolvidos” (Woodward, 2014, p. 17).

Woodward (2014) nos afirma que existem autores recentes que trataram e tratam das “crises de identidade”, as quais são as características da modernidade tardia, e que muitas vezes são vistas no contexto das transformações globais e são definidas como características da vida contemporânea. (Giddens, 1990).

Dessa maneira, concordamos com Woodward (2014), pois a estudiosa assevera que a globalização envolve uma interação de fatores tanto econômicos e culturais, o que acaba provocando mudanças nos padrões de vida e na produção de novas identidades. Com isso, a autora afirma que a globalização pode produzir diferentes resultados no que diz respeito ao termo identidade. Esse aspecto de mudança de identidade pode ser evidenciado na obra em estudo *As doze cores do vermelho* (2009), na qual as personagens, em vários momentos do romance, sentem-se indecisas de qual rumo e de quais vozes devem seguir para sentirem-se parte de algo, como aclara o trecho: Ela conhecerá muitas vozes e muitas vozes novas e olhará muitos olhares e reconhecerá outros desdobramentos de cores” (Cunha, 2009, p. 25).

Ao analisar esse trecho, comprehende-se e confirma-se que o meio pode influenciar a identidade do indivíduo, uma vez que todos os dias estamos em transformação, haja vista que

esse processo pode ser influenciado por quem está a nossa volta. Dessa maneira, podemos permanecer iguais em relação ao nosso comportamento, assim reproduzindo uma nova identidade dentro do meio em que estamos inseridos.

Outro aspecto abordado por Woodward (2014) trata-se da possível reconstrução dos sujeitos: “Mesmo que o passado que as identidades atuais reconstroem seja sempre apenas imaginado, ele proporciona alguma certeza em que um clima que é de mudança, fluidez e crescente incerteza” (Woodward, 2014, p. 25). A autora esclarece que as identidades em conflito estão inseridas dentro das mudanças sociais, política e econômicas, mudanças para as quais elas contribuem.

Convém frisar que em seu ensaio *Identidade e diferença: uma construção teórica e conceitual*, Woodward (2014) menciona que nos anos 70 e 80 que a luta política era descrita e teorizada em termos de ideologias ou em conflitos, esses conflitos tratam-se de identidades que acabam reforçando o argumento de que existe uma crise de identidade no mundo contemporâneo.

Woodward adota o argumento de Stuart Hall (1990) e suas contribuições em “*Identidade cultural e diáspora*”, na qual Hall argumenta que as diferentes concepções de identidades culturais buscam analisar determinadas identidades por meio da descoberta de um passado supostamente comum. A autora ainda afirma que Hall argumenta em favor do reconhecimento da identidade a qual esteja fixada na rigidez da posição binária (nós/eles). Isso se configura como uma nova forma de ver os processos identitários.

De acordo com Woodward, a formação da identidade pode ocorrer nos níveis local e pessoal, e que tais mudanças globais, por exemplo, na economia, podem fazer com que haja um aumento nas crises globais de identidade. Compreende-se, dessa maneira, o que Ernesto Laclau chamou de deslocamento, visto que não existe qualquer núcleo que produza identidades tidas como fixas, mas em deslocamento. “Laclau argumenta que isso tem implicações positivas porque esse deslocamento indica que há muitos e diferentes lugares a partir dos quais novas identidades podem emergir e a partir dos quais novos sujeitos podem se expressar” (Laclau, 1990, p. 40).

Nesse sentido, Woodward (2014) apresenta uma diversidade de posições da identidade, apresentando aspectos que podem ser verificados em diferentes identidades: “Algumas dessas identidades podem, na verdade, ter mudado ao longo do tempo. As formas como representamos a nós mesmos - como mulheres e homens, como pais, como pessoas trabalhadoras - têm mudado radicalmente nos últimos anos” (Woodward, 2014, p. 31). Conforme a estudiosa, é possível dizer que as identidades são diversas e alteráveis, isso pode

ser visto nos contextos sociais em que elas estão inseridas. Dessa maneira, muitas vezes, nós nos vestimos de uma identidade que não é nossa, fazemos isso para conseguirmos nos adequar aos padrões que são impostos pela sociedade, deixando de ser nós mesmos e passando a ser um outro, para assim sermos incluídos e aceitos.

Em *As doze cores do vermelho* (2009), é verificável que as personagens, ainda crianças, viviam divididas entre o lado de lá e o lado de cá, entre o que era certo ou errado, e debatiam sobre vários assuntos, entre eles o sexo e suas possíveis consequências:

Nós líamos debaixo da amendoeira do pátio da escola. Grávida por que fez aquilo. Ilo e elo. Não podia. A menina dos olhos verdes dizia que podia [...]. Nós tremíamos. Por que não podia? Quem disse? Quem não disse? [...] Víamos ouvíamos não víamos. Vozes estreitas. ão e ãos (Cunha, 2009, p. 78).

Por meio desse trecho, é perceptível que, em inúmeras circunstâncias, somos influenciados pela sociedade a fazermos o que não queremos, observa-se, portanto, no que se refere às personagens representadas pelas meninas, tal evidência quando se trata de assuntos como o sexo, por exemplo, considerado inadequado para ser abordado, tudo isso porque eram preparadas por uma sociedade que ensinava a seguir padrões do patriarcado. Diante desta análise, comprehende-se que havia uma interferência no processo de formação da identidade da figura feminina, já que assumiam identidades impostas pelo sistema. Em virtude dessa constatação, podemos dizer que essas identidades, de alguma maneira, sofrem o que Silva (2014) chamou de processo de hibridização e que pode ser analisada pela teoria cultural contemporânea, pois nasce de relações conflituosas entre diferentes grupos nacionais, raciais ou étnicos, por exemplo.

No ensaio intitulado “*Quem precisa da identidade?*”, de Stuart Hall, aborda-se a questão do termo identidade na atualidade. Neste trabalho, o autor afirma que para pensarmos na identidade cultural, é necessário nos referir a um “eu coletivo” ou verdadeiro que se esconde dentro de muitos outros “eus”. Portanto, esse coletivo é capaz de estabilizar, fixar ou garantir o pertencimento cultural, além disso, ele aceita que as identidades não são singulares, mas multiplamente construídas ao longo dos discursos, práticas e posições que podem cruzar ou ser antagônicas. Essas identidades estão sujeitas a historicização radical, estando constantemente em processo de transformação. Hall, ainda afirma que elas podem funcionar como ponto de identificação que pode excluir ou não o sujeito (Hall, 2014, p. 108).

As caracterizações das identidades discorridas por Hall se adequam às personagens de Helena Parente Cunha em *As doze cores do vermelho*. A obra apresenta mulheres que estão

em busca do seu lugar na sociedade, no mundo, que não sabem que caminho devem seguir: “Oscilações de franja a laço. Nô cego e fitas soltas balouçantes. Outras vezes eu ficava no meio sem lá nem cá sem sim nem não [...] Bifurcação cruzamento centro o meio entre o lado de lá e o lado de cá” (Cunha, 2009, p. 42).

Conforme os debates observados neste texto, pode-se dizer que a identidade está diretamente ligada ao processo de globalização, tendo em vista que na medida em que a globalização ganha força na sociedade tardia, a identidade acompanha esse processo através dos indivíduos que todos os dias se fragmenta, devido às mudanças que surgem cotidianamente. Tais transformações podem ser observadas por meio dos perfis dos sujeitos que estão mudando, e isso acontece com a velocidade da globalização. Essas breves conceituações sobre identidades que foram apresentadas estão em construção, assim não podem ser compreendidas como acabadas e fixas.

Na próxima seção, vamos propor discussões sobre a literatura de autoria feminina.

2 LITERATURA DE AUTORIA FEMININA

Um dia será óbvio que existem escritores homens e escritoras mulheres, em vez de, como no presente, escritoras mulheres e escritores (leia-se, reais, masculinos). Ainda não chegamos. Temos que dar continuidade ao processo, iniciado por mulheres, de reconhecer suas experiências masculinas e femininas. Michele Roberts, “Questions and Answers”

Neste capítulo, serão abordados alguns debates sobre a crítica feminina e Literatura de autoria feminina, na qual apresentaremos o posicionamento de alguns estudiosos sobre o tema. Esses debates farão com que possamos entender o lugar que a mulher ocupa na Literatura e na crítica literária. Ainda nesse capítulo, conheceremos vida e obra da escritora Helena Parente Cunha, como seus principais trabalhos e o posicionamento de críticos a respeito de suas obras. Essa dissertação contará como embasamento teórico os estudos de Lúcia Osana Zolin (2003), Constância Duarte (2007), Luiza Lobo (1993), Márcia Navarro (1995) e Susana Bornéo Funck (2016).

2.1. Uma Revisão da Crítica de Autoria Feminina

De acordo com Constância Lima Duarte (2007), a inclusão do tema mulher e literatura se deu e se dá devido a grandes variedades de trabalhos que vêm ganhando espaço em congressos, seminários e simpósios. Esse tema foi ganhando engajamento devido ao movimento feminista das décadas de 60 e 70, que teve como objetivo resgatar muitas das histórias das mulheres, e muitos desses trabalhos existentes contribuem para entender a questão da condição feminina.

Duarte (2007) argumenta que se for observada nas antologias mais clássicas de nossa literatura, é quase inexistente a presença de escritoras, isso ocorre porque a escrita dessas mulheres é como se nunca tivesse existido. Outra observação é possível porque a produção da escrita feminina sempre foi considerada inferior, dessa forma, por não serem valorizadas, muitas escritoras perderam suas produções ao longo do tempo.

Quando pensamos sobre escrita de autoria feminina, logo lembramos da luta que foi enfrentada por muitas escritoras, em não conseguirem divulgar os seus trabalhos, ou, muitas vezes, não serem reconhecidos pelo simples fato de serem mulheres. Isso nos faz refletir sobre o que Duarte (2007) retratou em seu trabalho intitulado “*Arquivos de mulheres e mulheres*

arquivadas: história de mulheres contadas”, na qual a autora traz um debate sobre como as mulheres do século XIX e XX se manifestavam como escritoras.

Desataca-se, desse modo, mulheres como Virginia Woolf (nascimento-morte), que demonstravam seu descontamento ao circularem por uma biblioteca em busca de obras que as representassem, e concluíram que eram quase inexistentes as obras escritas por mulheres. Os poucos trabalhos que existiam eram assinados com pseudônimos, devido a produção literária feita por mulheres não ser tão recebida pelo público leitor. E foi isso que fez com que muitas escritoras tivessem entusiasmo e fossem atrás de alternativas que fizessem com que suas vozes ecoassem e fossem ouvidas.

Ainda de acordo com Duarte (2007), a produção literária de autoria feminina é recente, e por mais que tenhamos acesso a vários trabalhos tratando dessa temática, se observarmos o que alguns historiadores e críticos escreveram sobre as mulheres, poderemos constatar que as condições de vida, nos séculos passados, mostram-nos que elas sempre ficam recolhidas entre quatro paredes, sem acesso à educação ou a uma vida social.

Para a autora, se aprofundarmos esse assunto, conheceremos um pouco desta história, já que muitas estudiosas desafiaram o sistema patriarcal da época e publicaram, mesmo que anonimamente ou sob pseudônimos masculinos, como estratégias de contornar os preconceitos sexistas no campo da recepção e da crítica literária.

Segundo Duarte (2007), foi a partir dos meados 80 que um grupo de pesquisadoras se reuniram em um projeto com intuito de recuperar as vozes de mulheres que foram perdidas. Esse projeto visava resgatar as produções literárias que foram durante muito tempo esquecidas. A estudiosa afirma que esse trabalho de resgate foi muito difícil, isso se devia às péssimas condições que foram encontrados os arquivos. No entanto, foi realizada também uma busca ativa de livros em diversas bibliotecas públicas e particulares.

Todo esse trabalho de resgate citado por Duarte ficou dividido em três partes, o primeiro datado em 1999, o segundo em 2004 e o terceiro ainda está em andamento. Para ela, o trabalho realizado por essas pesquisadoras nos mostra a tradição literária a qual revela a mulher como sujeito do discurso literário, dessa forma, contribuem com a construção da história e das mentalidades femininas e uma nova história das letras em nosso país. (Duarte, 2007, p. 3).

A referida autora apresenta as premiações literárias em que as mulheres são escassas. Ela cita o prêmio Goncourt que costumava ser reconhecido na França em 1903 e que se for observar as edições do prêmio, em cento e quatro anos de existência, só foram premiadas sete mulheres. Outro prêmio citado pela autora foi Renaud, considerado o segundo prêmio mais

importante da literatura francesa, que em suas edições teve como vencedor Daniel Pennac, aspecto que mostra os preconceitos existentes em todos os ambientes, inclusive na literatura, isso nos faz repensar na importância do resgate de obras e arquivos que falam sobre as mulheres e sua escrita. O trabalho de Duarte (2007) é pertinente por mostrar através dos arquivos que as mulheres foram, por muito tempo, silenciadas, e sem um estudo que recuperassem sua história, ficaria difícil termos acesso a fatos tão importantes e que precisariam ser externados para toda sociedade.

Quando falamos sobre a vida acadêmica das mulheres, ou de como é a sua produção literária, pensamos no que Marcia Navarro (1995) discorreu sobre sua escrita. Para ela, as mulheres escrevem de uma maneira diferente dos homens. Durante muito tempo, elas foram silenciadas e eram impedidas de se manifestarem publicamente, muitas vezes, não podiam ler e muita menos exercer a atividade de escrever, e quando tinham a oportunidade de ler, suas leituras eram guiadas apenas por produções religiosas ou voltadas para os afazeres do lar.

Sobre a escrita de autoria feminina, remetemos ao que Níncia Cecília Ribas Borges Teixeira (2008) chamou de escrita feminina. Para Teixeira, não é só a escrita que fala da mulher, ou seja, mesmo que os homens escrevessem sobre as mulheres, eles não seriam capazes de representar em sua escrita a essência que só as mulheres são capazes de mostrar:

Uma escrita feminina centra-se na relação cultural de mulheres em sociedade. Não é a escrita que simplesmente fala de mulheres, pois homens sempre escreviam sobre mulheres, sem necessariamente produzirem uma escrita feminina. A escrita feminina busca o menor microscópio, perpassa pela beleza estranha e pela delicadeza trágica, a sua política e a sua subjetividade (Teixeira, 2008, p. 42).

Teixeira (2008) esclarece que a literatura escrita por mulheres nos dias atuais está relacionada a assuntos envolvendo a identidade. Uma vez que, na medida que as mulheres superassem os obstáculos de serem representadas sob o anonimato, buscavam diferentes formas de sair do anonimato, para, dessa forma, deixarem de usar o pseudônimo masculino como forma de mascarar seus desejos (Teixeira, 2008, p. 45).

De acordo com Lúcia Osana Zolin (2003), os estudos em torno do pensamento feminista surgiram desde a década de 1960, e isso vem fazendo com que a mulher seja objeto de estudo em diversas áreas do conhecimento como pela Sociologia, pela Psicanálise, pela História e pela Antropologia, além de se destacarem nos mais variados trabalhos acadêmicos.

Conforme Zolin (2003), a crítica Literária feminista é considerada profundamente política, por trabalhar as questões das teorias de gênero. Conforme a teórica, é importante levar em conta alguns dos fatores determinantes na produção literária, já que muitos foram e

são os pesquisadores que vêm trazendo debates sobre o papel da mulher na literatura. De acordo com a pesquisadora, é necessário analisar esses discursos em torno do seu o papel, que era secundário em relação ao homem, nesse sentido, ela afirma que a crítica feminista trabalha no sentido de desconstruir a oposição homem/mulher dentro dos estudos literários.

Outrossim Zolin (2003) argumenta que, no Brasil, diversas foram as vozes que romperam com o silêncio e publicaram textos literários considerados importantes para entendermos a situação da mulher na sociedade. Textos esses que denunciavam a opressão sofrida pelas mulheres, mesmo que a crítica não os tenha reconhecido na época. Podemos citar como primeiro romance brasileiro de autoria feminina a obra *Úrsula* (1859), de Maria Firmina dos Reis, que foi seguida de muitas outras agora a conhecer pela crítica feminista (Muzart, 1999).

Ao discutirmos sobre literatura de autoria feminina, atentamos à escritora já mencionada nesse trabalho. Para tanto, a inglesa Virginia Woolf, autora de romances que romperam com o formalismo tradicional da ficção da Era Vitoriana, foi a escritora de vários ensaios sobre a mulher, sendo por isso batizada como a percussora da crítica feminista. Woolf, em “Profissões para mulheres e outros artigos feministas” (1982-1941), cita a resenha “Mulheres romancistas”, de R. Brimley Johnson (1918), na qual articula que a obra escrita por mulheres tem o seu diferencial, já que quando falamos em romances escritos por homens, logo percebemos diferenças, dado que as mulheres têm suas próprias interpretações, a partir de experiências próprias, algo que os homens não poderiam representar dentro de sua escrita. É como se as mulheres apresentassem na escrita particularidades que são próprias delas.

De igual modo, Luiza Lobo (1999) também discorreu sobre a questão da literatura de autoria feminina no ensaio “*A Literatura de autoria feminina na América Latina*”, na qual autora faz uma reflexão acerca das questões feministas, chamando atenção para a mulher como sujeito, que em sua escrita pode apresentar as próprias impressões sobre o que está escrevendo:

O texto literário é o que apresenta um [...] sujeito de enunciação consciente de seu papel social. É a consciência que o eu da autora coloca, seja na voz de personagens, narrador, ou na sua persona na narrativa, mostrando uma posição de confronto social com respeito aos pontos em que a sociedade a cerceia ou impede de desenvolver seu direito a expressão. Nesse sentido, sempre houve autoras “feministas” dentro do contexto de suas épocas, tornando-se o termo impróprio apenas por uma questão cronológica (Lobo, 1999, p. 5).

Seguindo o mesmo raciocínio, Lúcia Castelo Branco, no livro *O que é a escrita feminina* (1991), ponderou a respeito da escrita feminina que a maneira de escrever femininamente se distingue das demais, por possuir elementos que são próprios, entre eles, o tom, a dicção, o ritmo e a respiração. Outro aspecto observado pela escritora são as temáticas que as mulheres trabalhavam em suas obras, como mostra a citação abaixo:

É claro que os temas também eram, em geral, diferentes: as autoras falavam muito da maternidade do próprio corpo, da casa e da infância, quase nada ou (nunca) dos negócios, da vida urbana, das guerras do mundo exterior ao eu. Mas essas preferências são facilmente explicáveis por uma leitura de cunho sociológico: com um olhar histórico, não é difícil afirmar que as mulheres não escreviam textos épicos porque não iam às guerras, que sua preferência pelo gênero memorialístico ou autobiográfico se deve ao seu profundo conhecimento dos universos do lar e do eu, da criação de uma escrita intimista etc (Branco, 1991, p. 14).

Dentro dessa mesma linha da discussão, lembramos o debate em torno do papel da crítica feminista, pois logo pensamos na contribuição de Zolin (2003) a qual afirma que a norte americana Elaine Showalter (1985), em estudos sobre a temática, destacou dois aspectos que sistematizaram os estudos sobre a mulher e a literatura. Diante disso, a autora nos apresenta dois tipos de críticas:

A crítica feminista que se dedica as mulheres como leitoras, ocupando-se de analisar os estereótipos femininos, do sexismo subjacente à crítica literária tradicional; e o que chamou de ginocrítica que se dedica a mulheres como escritoras, constituindo-se em um discurso crítico especializado na mulher, alicerçado em modelos teóricos desenvolvidos a partir de sua experiência, conhecida por meio do estudo de obras de sua autoria (Zolin, 2003, p. 60).

A ginocrítica citada por Showalter (1985) é usada como instrumento capaz de possibilitar o conhecimento de “algo sólido”, duradouro e real em relação à mulher com a cultura literária (Zolin, 2014, p. 61). Zolin afirma que a crítica feminista vê a mulher como leitora e busca analisar os estereótipos, verificando e analisando a sua representação na história literária, já a ginocrítica busca entender fatores estudando sua história, estilo, tema e estrutura dos seus textos, com o intuito de entender a sua trajetória e carreira literária, tanto individual como coletiva.

Zolin (2003), ao discutir sobre a crítica feminista no Brasil, ponta que as primeiras instituições brasileiras, que começaram a divulgar trabalhos acadêmicos voltados para a representação da mulher na literatura, surgiram a partir dos anos de 1980. Isso só foi possível quando apareceram os primeiros grupos de pesquisadores que começaram a discutir o tema. Ademais, a autora ressalta sobre a importância desses trabalhos dentro da literatura no Brasil:

Trata-se de um trabalho voltado para reconstrução e crítica a modelos tradicionais que tornam compreensiva e instigadora a perspectiva feminina nos estudos literários e que em última análise, tem revertido progressivamente o quadro de carência que caracteriza os estudos voltados ao tema Mulher e Literatura no Brasil (Zolin, 2003, p.75).

Zolin (2003), ao apresentar a crítica feminista anglo-americana de Showalter (1985) e a crítica feminista no Brasil, mostra-nos como eram realizados os estudos voltados para a mulher, e a importância que esses trabalhos trouxeram para nossa literatura, à medida que a ginocrítica estudava as mulheres por meio de suas obras. De acordo com as ideias da autora, a ginocrítica é responsável por analisar e valorizar a escrita feminina, dando destaque para as mulheres que tiveram durante muito tempo suas obras ocultadas, e a partir desse estudo, puderam ser ouvidas e tiveram suas obras reconhecidas.

Isso só nos mostra a grande luta enfrentada pelo sexo feminino, que lutou para conseguir ganhar espaço na literatura, favorecendo, assim, as mulheres a deixarem de ser apenas leitoras e passarem a escrever suas próprias histórias, mas para isso foi necessário enfrentar o sistema patriarcal cujo domínio sobre elas durou por muito tempo. Tal aspecto nos faz refletir sobre o que Luiza Lobo (1993) argumentou em seu livro *Crítica sem juízo* (1993), o qual nos apresenta uma sociedade em que as mulheres não tinham liberdade para terem acesso a um simples livro, necessitando se dirigir a uma cidade vizinha, e, por isso, eram chamadas de loucas. A autora afirma que episódios como esses aconteciam pelo fato de não possuirmos literatura essencialmente feminina no século XIX: “Não havia qualquer literatura que servisse de base a uma ficção essencialmente feminina”. (Lobo, 1993, p. 20).

Lobo (1993) cita Virginia Woolf (1968) para alertar sobre o fato de que o feminino, considerado monetariamente pobre, e esclarece que a condição das mulheres passou por várias mudanças. Nesse sentido, comprehende-se que se as mulheres hoje possuem novas condições econômicas, isso se deve à liberdade de trabalho conquistada. Ademais, se refletirmos bem, as mulheres não tinham direito a frequentar lugares públicos como as bibliotecas, dessa maneira, o trabalho assalariado ainda se tornava muito distante para inúmeras delas. Sem uma condição financeira privilegiada e sem o apoio da família, muitas foram proibidas de ter acesso ao que seria essencial para a formação intelectual. Em 1928, as mulheres não tinham acesso às bibliotecas como hoje, para tanto, só poderiam frequentar esses espaços se fossem acompanhadas por algum membro da família e preferencialmente do sexo masculino.

O texto de Lobo (1993), mesmo mostrando um comportamento patriarcal de décadas atrás, faz-se necessário para entendermos a trajetória das mulheres dentro de nossa literatura.

Enquanto no século XIX era negado o direito de ler, o século XXI nos apresenta uma evolução na literatura. Nos dias atuais, as mulheres escrevem sobre as mais variadas temáticas, mesmo ainda sofrendo algum tipo de repressão, como as que fazem parte do Oriente Médio. Digamos que no Brasil, houve uma mudança favorável para a mulher e o seu papel dentro da sociedade, mas ainda existe muito a conquistar. Isso nos leva ao que Lobo (1993) disse: “Mas o que definiu um salto qualitativo de uma Virginia Woolf a uma Simone de Beauvoir? (Lobo, 1993, p. 21).

Na visão de Lobo (1993), os autores do sexo masculino se dedicaram a estudar minuciosamente a psique feminina, escrevendo sobre temáticas voltadas ao adultério, como uma tentativa velada de rebeldia às mulheres, enquanto as escritoras do sexo feminino se dedicavam às personagens sendo representadas como donas de casa e esposa. Mas, esse pensamento a respeito da escrita feminina se dá sob uma perspectiva mais atrasada, já que atualmente foi mudado o cenário da mulher na literatura, como mencionado anteriormente. Entretanto, ainda assim é interessante argumentar para, por meio dessa análise, percebemos as mudanças que ocorreram ao longo dos séculos. Para Lobo, “as mulheres exercem uma crítica diferente da dos homens, porque sua leitura é ao mesmo tempo diferente e produzida pela consciência de uma literatura da diferença como um paradigma crucial da construção cultural” (Lobo, 1993, p. 68).

Como aponta Lobo (1993), depois de anos de literatura feminina brasileira (1975-1985), é notável que a mulher começou a buscar e ainda vem buscando se libertar dos papéis considerados tradicionais. Conforme o estudioso, há uma diferença entre a literatura escrita por mulheres, na medida em que a voz feminina é fácil de terminar, e que essa voz produz, em sua escrita, uma representação consciente e originalmente contra a ideologia. Dessa forma, as mulheres exercem uma crítica diferente da dos homens, isto porque a sua leitura e a sua interpretação é diferente, e um dos grandes desafios da literatura produzida por mulheres no momento atual é conseguir aprofundar-se no mundo acadêmico. Essa inserção da mulher dentro da academia vem acontecendo todos os dias, com isso, refletimos no que Lobo (1993) aclara sobre o papel da mulher dentro da literatura: “Hoje o grande papel da abordagem feminista é buscar ver em que medida a escritora pode pertencer ao quadro da história literária geral e renová-la, implodi-la ou reescrevê-la”. (Lobo, 1993, p. 70).

Quando olhamos para trás e refletimos sobre todo o trajeto feminino, acabamos percebendo que muitas foram as melhorias ocorridas do século XIX até o século XXI¹⁴, e que ainda há mudanças substanciais a serem feitas, isso porque por mais que estejamos em um século de transformações, ainda existem muitas mulheres presas a um sistema de opressão, assim, é preciso ouvi-las, principalmente, ler o que elas escrevem, para que possamos mudar a realidade da nossa sociedade.

Em pesquisas recentes, como a apresentada pela estudiosa Susana Bornéo Funck (2016), em *Crítica literária feminista*, mostra-nos como é representado o ser feminino na literatura sob uma perspectiva heterossexual masculina, ou seja, observado tanto em ficções produzidas por escritores como realizadas por escritoras. Funck (2016) afirma que nos últimos 20 anos a crítica literária tem se preocupado, em primeiro lugar, com a relação da mulher e a literatura, enquanto leitora e escritora.

De acordo Funck (2016), o papel da crítica em primeira instância era revelar a misoginia que existia dentro das instituições literárias, isso foi realizado por meio de questionamentos a respeito dos estereótipos femininos e dos critérios de clássicos de excelência, é como se as escritoras, leitoras, críticas não pudessem se equiparar aos homens, como uma norma a ser seguida (Funck, 2014, p. 116).

Ainda segundo a autora, as mulheres começaram a perceber que sua experiência como escritoras, leitoras críticas e professoras não poderia ser nivelada a dos homens, situação que fez com que muitas estudiosas fossem em busca de sua voz. Logo após isso, surgiu a fase da crítica feminista chamada ginocrítica, que já foi apresentada neste trabalho. E partir dessa crítica feminista, começa-se a analisar a recepção e a influência que as obras produzidas por mulheres tinham dentro das academias.

Funck (2016) aclara que a evolução da crítica se deu a partir dos debates apresentados neste texto, com isso, em meados do ano de 1980 surgiu a chamada categoria de gênero como instrumento de análise literária, uma categoria que, juntamente com as classes de raça, foram apagadas sob o impacto universalizante liberal do século XIX (Funck, 2016, p. 117). Em concordância com Funck (2016), podemos afirmar que a crítica feminista se preocupou em

¹⁴ Existem uma grande variedade de romances contemporâneos de autoria feminina que trazem a mulher em suas temáticas, entre essas obras podemos citar: *As mulheres de Tijucopapo* de Marilene Felinto, *As meninas* de Lygia Fagundes Teles, *O peso do pássaro morto* de Aline Bei, *A cor púrpura* de Alice Walker, *Pequena coreografia do adeus* de Aline Bei, *Olhos D'Água* de Conceição Evaristo, *Conto da aia* de Margaret Atwood entre outras.

revelar toda a misoginia que era praticada dentro da literatura, buscando desfazer a imagem da mulher que era vista como anjo ou monstro¹⁵. A crítica literária foi extremamente importante por quebrar a tradição masculina, dando voz às mulheres dentro da literatura, para que elas pudessem escrever suas próprias histórias e começassem a integrar parte o cânone literário.

2.2 Helena Parente Cunha sob o Olhar da Crítica

Seguidamente, apresentamos vida e obra da escritora Helena Parente Cunha, levando em conta as contribuições de suas produções em nossa literatura. Citaremos as suas principais obras, trabalhos acadêmicos, ensaios e poesias. Serão mostradas, também, nesse capítulo, algumas entrevistas que Helena Parente Cunha cedeu a revistas e a universidades, nas quais a escritora enfatiza sua opinião sobre as suas obras e sobre a literatura. Salientaremos, ainda, a crítica de alguns autores sobre a romance *As doze cores do vermelho* (2009).

Para enriquecer nossa dissertação, salientamos a biografia de Helena Gomes Parente Cunha, que nasceu em Salvador, em 1930, e faleceu em 11 de fevereiro de 2023, aos 93 anos. Entre as suas profissões estão as atividades como: ensaísta, poeta, contista, romancista, professora e tradutora. Em 1949, ingressou no curso de graduação em letras neolatinas da Universidade Federal da Bahia - UFBA, que conclui em 1952. Helena Parente Cunha recebeu vários prêmios, sendo um deles prêmio Literário, em meio a várias correntes de mais de vinte países. Entre os seus alunos mais famosos podemos citar Glauber Rocha e João Ubaldo Ribeiro.

Conforme a Enciclopédia Itaú Cultural (2023), a romancista começou a trabalhar como tradutora em 1956, com o livro *A Educação da Criança Difícil*, do psicólogo italiano Dino Origlia. A escritora mudou-se para o Rio de Janeiro, em 1958, depois de dez anos publicou seu primeiro livro de poemas, *Corpo no Cercado* (1968). Com isso, seguiu a carreira acadêmica

¹⁵ O catolicismo é, em princípio clerical e macho; a imagem da sociedade de seu tempo. Somente o homem tinha direito ao sacerdócio. A mulher cabia o papel da prece, convento das virgens consagradas, a santidade. As donas de casa tinham por missão educar os filhos para serem bons cidadãos. Os homens tinham inclinação para o pecado (beber e blasfemar), já elas eram vistas no campo espiritual, orar pela sociedade, purificando a sua conduta e convidando os homens. As mulheres tinham a função social, a de esposa e mãe, que regulamentem os direitos da mulher em função dos seus deveres, e que designaram finalmente as mulheres como grupo social e comportamento que devem ser uniformizados, portanto idealizados (Duby e Perrot, 1994, p.07). Quando falamos sobre a mulher como anjo e monstro, acabamos por destacar que muitas mulheres dentro da história foram condenadas por não seguirem padrões que foram e são impostos na sociedade. Como por exemplo, as mulheres que eram consideradas hereges e feiticeiras que no período da inquisição, foram condenadas com a morte na fogueira devido suas práticas e por serem consideradas filhas do diabo. Elas foram queimadas por toda aparte, principalmente na Suíça, Alemanha, e no leste da França (Perrot, 2007, p.89-90).

na área de letras: mestrado na Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, de 1969 a 1972; doutorado na Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, entre 1974 e 1976; livre-docência, em 1976; e pós-doutorado novamente na UFRJ, de 1992 a 1994. Estudou na Università Degli Studi Di Firenze, na Itália, em 1978. Começou a trabalhar como professora adjunta na UFRJ no ano seguinte e tornou-se titular em 1984.

O primeiro livro da autora foi publicado em 1968 e a autora publicou seu primeiro livro de ensaios, *Jeremias, a Palavra Poética: Uma Leitura de Cassiano Ricardo*, o seu primeiro livro de contos: foi *Os Provisórios*, publicado em 1980. No final dos anos 1980, a autora começa a pesquisar sobre a representação feminina na literatura e a produção de escritoras brasileiras do século XIX ao início do XXI, trabalhos que são de suma importância para a Literatura de autoria feminina no Brasil.

Em relação aos ensaios produzidos pela autora Helena Parente Cunha, podemos citar como primeiras edições os seguintes: *Jeremias, a Palavra Poética: Uma Leitura de Cassiano Ricardo* (1979); *O Lírico e o Trágico em Leopardi* (1980); *Mulheres Inventadas 1: Visão Psicanalítica, Descompromissada e Interdisciplinar de Textos na Voz Masculina* (1994); *Mulheres Inventadas 2: Visão Psicanalítica, Descompromissada e Interdisciplinar de Textos na Voz Masculina* (1997); *Desafiando o Cânone e Aspectos da Literatura de Autoria Feminina na Prosa e na Poesia (Anos 70-80)* (1999).

Quando falamos das poesias da autora, não podemos deixar de citar: *Corpo no cerco* (1968); *Maramar* (1980); *Além de estar* (2000); *O outro lado do dia: Poemas de uma viagem ao Japão* (1995); *Cantos e cantares* (2005). Podemos citar, também, alguns de seus contos como: *Os provisórios* (1980); *Cem mentiras de verdade* (1985), *A casa e as casas* (1996); *Vento, ventania, vendaval* (1998). Entre os romances estão *Mulher no espelho* (1982); *Claras manhãs de barra Clara* (2002); *As doze cores do vermelho* (1988), obra escolhida para as análises desta dissertação. Entre seus trabalhos que se destacaram em conferências podemos citar: Discurso de Agradecimento pela emergência. Já na literatura infantil e juvenil a autora se destacou com: *Marcelo e seus amigos invisíveis* (2003). A obra em estudo se destacou no exterior com algumas traduções em: alemão, inglês e italiano.

A autora supracitada entrou no cenário literário com o livro de poesias *Corpo no cerco* (1968) e ganhou o primeiro lugar no Concurso de Poesia da Secretaria de Educação e Cultura do antigo estado da Guanabara. Na ficção, Helena publicou, inicialmente, o romance *Mulher no espelho* (1983) que foi vencedor de um concurso literário. Ressalta-se que, conforme estudo feito sobre sua fortuna crítica, a maioria de suas obras foi publicada em jornais e em revistas.

De acordo com análise biográfica realizada por Maicon Gonçalves, na década de 60 Helena Parente Cunha dedicou-se à tradução de livros, conquistando o 1º lugar, além de cursos de poesias da Secretaria de Educação e Cultura do Estado, com isso a autora fez as suas primeiras publicações de poesia e de ensaio em antologia e suplementos literários. No mesmo ano, entrou para a recém-fundada Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, por meio do convite do Professor Eduardo Portella, com o intuito de participar da sua equipe de estudos e de trabalhos.

É importante ressaltar que a escritora e estudiosa foi professora titular de Teoria da Literatura na Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde obteve os títulos de Mestrado, Doutorado, Livre-Docência, Pós-Doutorado. Em relação à temática de suas produções atuais, a autora imprime características líricas em sua narrativa, fazendo com que seja considerada uma prosa poética devido a experiência e amadurecimento no gênero.

É relevante destacar que a autora em estudo possui um grande legado literário, e, com base em produções literárias da estudiosa, traremos à tona posicionamentos de alguns críticos acerca de duas de suas obras, a primeira a ser apresentada será o romance *Mulher no espelho* (1985), que é considerada a obra mais comentada da escritora, e é, sem dúvida, a mais estudada dentro do campo da Literatura Feminina, em seguida, conheceremos o livro de contos “*Os provisórios*”, que foi o primeiro livro de contos da autora publicado em 1980.

De acordo com Helena Parente Cunha (2011), *A mulher no espelho* é considerada a obra mais conhecida, publicada na década de 80, pois traz uma narrativa marcada por abusos da dominação masculina, que são representados através de injustiças impostas às camadas mais excluídas. Devido ao contexto polêmico, a obra citada foi considerada escandalosa pela crítica, por apresentar uma linguagem ousada.

De acordo com a análise de Telma Maria Dutra (2004), o romance *A mulher no espelho* (1983) traz, na escrita, inquietações femininas levantadas a partir de um contexto sócio-político marcado pelo movimento feminista nos anos 60. Esse romance está voltado para a investigação acerca do sujeito feminino, destacando a diferença de gênero, de raça e de classe. Dutra (2004) afirma que o romance surgiu no cenário brasileiro, mostrando as inquietações femininas que acabaram rompendo com o universo marcado pela submissão e pela tradição machista ideológica. Ademais, segundo a autora, a obra traz o ser feminino em busca de sua autoconscientização, no qual a narradora trabalha as graduações sociais de sua época. Observa-se, desse modo, que Helena Parente Cunha escreve *A mulher no espelho* em um período no qual a mulher estava em busca de sua identidade.

No conto “*O pai*”, inserido em seu primeiro livro de contos “*Os Provisórios*” (1980), é perceptível a prepotência da figura paterna e a negação do papel da mulher. A referida análise é observada, pois o pai representa uma espécie de corrente, isto é, a figura paterna é representada como um perseguidor das ações da filha, não a deixando viver a própria vida. Dessa forma, podemos perceber que Helena Parente Cunha traz no livro “*Os provisórios*” uma narrativa marcada pela opressão, os seus personagens ganham voz em sua narrativa, e acaba nos mostrando, através do personagem “O pai”, que a mulher vive uma espécie de submissão, ficando totalmente ao sistema patriarcal.

As obras de Helena Parente Cunha têm sido objeto de estudo de muitos pesquisadores do Brasil, principalmente, na perspectiva do feminismo. Em uma entrevista concedida à revista *Latitudes – Cahiers Lusophones* (2009), a autora reflete sobre o seu lugar como escritora feminina na literatura brasileira contemporânea, como mostra a citação abaixo:

Eu me sinto em sintonia com o atual momento histórico, ao lado de escritores e escritoras em diálogo com as contradições e incertezas que provocam tantas perguntas e respostas desnorteadoras. Minha obra tem sido objeto de estudos nos cursos de Letras do Brasil, resultando em várias teses de doutorado, dissertações de mestrado, monografias na graduação e pós-graduação, trabalhos em congressos, seminários, simpósios, debates em sala de aula. Em geral, o lado polêmico de minhas posições tem despertado muito interesse, ao lado da construção poética da linguagem e do traço estilístico (Cunha, 2009).

O depoimento da autora nos mostra a importância do seu trabalho ao desempenhar o papel de escritora ficcionista e de ensaísta. Dessa maneira, a recepção de sua obra ultrapassa o meio acadêmico, devido a sua linguagem e a sua aceitação na academia.

Em uma entrevista cedida a Maria Célia Teixeira (2003), a autora Helena Parente Cunha fala que só no final do século 70 que começou a escrever contos e romances, quando era jovem se dedicou a escrever apenas poesia:

Algo inteiramente diverso do que vinha fazendo, pois meus temas preferidos nos poemas eram ligados a angústias metafísicas, desesperos ontológicos. Minha produção ficcional é contemporânea da efervescência contestatória que se espalhou pelo planeta, sobretudo a partir dos anos 60, fazendo emergir as chamadas minorias que até então viveram silenciadas e, revoltadas, de repente se puseram a clamar por seus direitos (Cunha, 2003).

Outro aspecto abordado pela autora dentro do contexto da entrevista de Maria Cécilia Teixeira é a questão do experimentalismo na linguagem em seus contos e da ênfase em “*Os provisórios*”, que é possível ver a transgressão como marca relevante, tanto no aspecto formal quanto nos temas abordados. A autora ainda fala sobre suas influências na literatura e no

campo da prosa ficcional e cita como importantes influências, Clarice Lispector, Guimarães Rosa e Pirandello.

Portanto, ao lermos os poemas de Helena Parente Cunha na atualidade, é possível perceber, mesmo tendo sido produzidos há 40 anos, que há sempre uma discussão atual. A escritora consegue transmitir sentimentos capazes de encantar os leitores. Em relação a sua poesia, assevera:

A minha grande influência foi Cassiano Ricardo. Devo a ele o aprendizado da contenção, que é a minha marca na poesia e também na prosa. Ele dizia: “Não esbanjar palavras. Dizer o máximo, com o mínimo.” Quando Afrânio Coutinho leu meus poemas de *Corpo no cerco* disse: “Quem vai adorar é o Cassiano Ricardo.” Estive com ele em São Paulo e ele fez um prefácio para o livro (Cunha, 2003).

A autora ainda afirmou que suas poesias são influenciadas pelo modernismo e pelo movimento concretista dos anos 60, e que além dessas influências citadas, ela ainda se sentiu influenciada pelos autores Cecília Meireles, Fernando Pessoa e Leopardi. Ela garante: “Quanto mais eu lia Leopardi, mas eu ficava angustiada. Tive uma juventude de muita dor e, por isso, não tenho saudades daquele tempo. Costumo dizer que os meus “anos dourados” são hoje”. (Helena Parente Cunha, 2003).

Sobre a teoria literária ela afirma que:

A verdadeira literatura existe independente da teoria literária. Se a pessoa for escrever olhando a crítica, preocupando-se com isso, sua criação estará comprometida [...] A minha criação não está atrelada à teoria literária. Na hora do ato criador, há uma independência (Cunha, 2003).

Em uma entrevista concedida à Lígia Vassalo (1999), a autora Helena Parente Cunha (1999) argumenta sobre os mais variados contextos existentes em seus romances, e ainda afirma que as suas protagonistas sofrem muito em suas narrativas porque fazem parte do momento histórico após os anos 60, no qual estão inseridas em uma atmosfera composta por mudanças que são capazes de nos conduzir à revolução cultural¹⁶, período responsável por dar voz às minorias discriminadas:

¹⁶A Revolução Cultural foi o movimento responsável por valorizar a cultura e a tradição popular. No Brasil teve início na década de 1960, e foi responsável por influenciar as mais variadas áreas do conhecimento como: a literatura, música cinema e as artes plásticas. Podemos destacar também o movimento Tropicália, que trouxe artistas nacionais e internacionais como elemento de representação. Alguns dos escritores que se destacaram nesse período forma: Clarice Lispector e João Guimarães Rosa por explorarem a identidade brasileira em suas produções. Muitas obras literárias foram censuradas devido ao seu teor, e por suas produções estarem ligadas ao período da ditadura militar.

Muitas mulheres tomaram consciência da situação de dependência e sujeição em que viviam completamente anuladas e sem condições para decidir os próprios caminhos. Foi nos anos 70 a grande explosão da literatura de autoria feminina no Brasil, com o surgimento de nomes que se tornaram reconhecidos pela crítica e pelo público. Muitas dessas autoras apresentam personagens que vivem aquele momento de desafio ao cânone patriarcal. Minhas personagens sofrem porque questionam os padrões em que foram criadas, almejam livrar-se das cadeias tirânicas, sonham com uma vida de liberdade, tentam escapar do cerco, mas a culpa as persegue (Cunha, 1999).

À vista disso, podemos dizer que o depoimento da escritora Helena Parente Cunha traz compromisso político, responsável não só por denunciar as práticas patriarcais na qual muitas mulheres estavam inseridas. Ainda sobre a entrevista de Lígia Vassalo (1999), autora comentou que concorda sobre a concepção de Rita Terezinha Schmidt no que diz respeito ao que vem sendo considerado “literatura de autoria feminina”, para ela a literatura feminina é um texto escrito sob o ponto de vista da mulher. Ademais, a autora se posicionou sobre a literatura: “A verdadeira literatura existe independente da teoria literária. Se a pessoa for escrever olhando a crítica, preocupando-se com isso, sua criação estará comprometida [...]. A minha criação não está atrelada à teoria literária. Na hora do ato criador, há uma independência.” (Cunha, 2003).

Segundo Leonardo Campos (2011), Helena Parente Cunha tem uma visão caleidoscópica da literatura contemporânea, uma vez que, em uma entrevista dada a UFBA, autora discorre que existe um enorme número de autores e autoras do período pós-moderno que dão testemunho da nossa literatura, e a obra em estudo pode ser considerada testemunho de uma época por retratar como era a mulher dos anos 80. Na mesma entrevista, a autora afirmou que não gosta de ler o que escreve, mas diz gostar de ler a obra *As doze Cores do Vermelho* por ter uma linguagem poética e pela organização narrativa, a qual é dividida em três ângulos, representando três tempos simultâneos.

Em relação às narrativas de outros autores, ela cita como favoritas as obras de Clarice Lispector, de Guimarães Rosa e de Machado de Assis. Já no gênero poético, destaca Cecília Meireles, Fernando Pessoa, Cassiano Ricardo e os concretistas e trovadores medievais, em especial Dante Alighieri. Entre os livros de cabeceira, ressalta Clarice Lispector, Guimarães Rosa e os ensinamentos do Mestre Saint Germain.

Depois de analisarmos a vida e a obra de Helena Parente Cunha, podemos dizer que é extremamente importante conhecermos suas obras as produções da escritora, haja vista que

sua escrita se destaca dentro de nossa literatura brasileira por apresentar obras riquíssimas que podem ser trabalhadas dentro das academias. Isso se deve ao fato de Helena Parente Cunha fazer parte da literatura de autoria feminina e, por isso, enriquece ainda mais os estudos em torno da mulher, além de contribuir para os que são direcionados à questão de gênero. Agora, adentraremos pelas trilhas de *As doze Cores do vermelho*, obra de Helena Parente Cunha.

2.3 As doze cores do vermelho: Um Romance Contestatório

Depois de conhecermos um pouco da vida e obra da autora Helena Parente Cunha, iremos adentrar a obra em questão *As doze cores do vermelho* (2009), que vem ganhando destaque dentro do campo da Literatura de Autoria Feminina. A citada obra foi publicada na década de 90 período marcado por inquietações vindas das décadas 70 e 80, período marcado pela consolidação do movimento feminista.

O livro de Helena Parente Cunha (2009) traz, por meio do perfil da personagem-protagonista, certa oposição por demonstrar como era o comportamento da personagem em relação às mulheres da época, haja vista que se pode identificar elementos que compõem uma identidade moderna da personagem no romance.

A obra se desenrola em um ambiente dominado pelo sistema patriarcal, no qual a personagem mulher pintora tem que atender determinados padrões para se tornar uma boa moça, e ser boa moça significa ser digna, ou seja, manter uma postura adequada para assim encontrar um marido, casar e ter filhos. O comportamento da personagem mulher pintora era considerado praticamente um mandamento que era repassado às famílias. A protagonista, desde criança, tem o sonho de ser pintora, mas o casamento e seus filhos fazem com que ela deixe a vida artística em segundo plano. A personagem tem sua fragmentação caracterizada por duas vertentes: o lado de lá que representa o seu destino de ser mulher e o lado da cá que representa o desejo de ser uma artista.

Em relação ao título *As doze cores do vermelho* (2009), pode ser entendido como a personalidade e as posturas de cada personagem no romance. A obra em estudo retrata certas contestações das normas sociais e literárias, com base nisso é considerada uma produção de literatura de autoria feminina, pois se diferencia da escrita de autoria masculina. O romance *As doze cores do vermelho*, se destaca no âmbito literário por ter uma linguagem poética, além de contar com um recurso que permite ao leitor escolher qual ângulo ler por vez. Quando falamos no título da obra, logo fazemos uma reflexão sobre a cor vermelha que tanto é destacada na narrativa da obra em destaque, visto que se analisássemos a partir das histórias

das personagens, poderíamos dizer que o vermelho está relacionando à vivacidade das personagens, bem como representar o desejo delas em modificarem a realidade de suas vidas.

Temos observado a grande quantidade de estudiosos que trabalharam as obras de Helena Parente Cunha, em especial, *As doze cores do vermelho*. Por esse motivo, destacamos, aqui, o que alguns pesquisadores argumentaram sobre o romance em estudo. Começamos com Maria Lúcia Rocha Coutinho (1994) que, em seu trabalho denominado *Tecendo por trás dos panos a mulher brasileira nas relações familiares*, também se posicionou em relação à obra de Helena Parente Cunha. Para a estudiosa, as mulheres da época, na qual a personagem está inserida, foram submetidas ou influenciadas pela socialização tradicional, de modo que a infância teve um papel fundamental, pois foi responsável por treiná-las em seu modo de pensar, agir e sentir.

Coutinho (1994) dá ênfase ao papel da personagem pintora dentro da obra, nesse sentido, segundo a autora, a pintora e as mulheres, de modo geral, são levadas ao entendimento do seu novo papel na sociedade, ou seja, elas caminham rumo a autonomia por meio da arte e acaba por trocar o *script* que está relacionada à identidade feminina antiga, que é contida pela submissão, por uma vida social e carreiras profissionais, indo contra o que o sistema patriarcal esperava.

Ao leremos a obra *As doze cores vermelho*, deparamo-nos com uma escrita muito significativa, que se caracteriza pela linguagem poética. Além disso, a maneira como Helena Parente Cunha escreve faz com que ela se destaque dentro do âmbito literário. Para tanto, a escrita da autora nos faz repensar quanto ao que Zilda de Oliveira Freitas (2002), em *A literatura de autoria feminina*, afirmou sobre a diferença existente entre a escrita feminina e masculina: “Afastando-se da identidade pré-fabricada no espelho do homem é que melhor a mulher se vê. Para além do mero mimetismo masculino, a mulher busca a diferença como identidade. Por isso, não se deve definir o feminino, a partir do modelo masculino.” (Freitas, 2002. p. 120).

Conforme a citação acima, a autora pode sim se diferenciar do modelo masculino, isso só dependerá da maneira como produz a obra. Essa diferenciação pode ser percebida na obra *As doze cores do vermelho* (2009), na qual Helena escreve o romance em prosa-poética, dessa forma, é dada a possibilidade de o leitor perceber através da própria estrutura textual e por meio da temática, a diferença existente entre os tipos de escrita. O outro aspecto que pode ser analisado é a maneira como a escritora apresenta as personagens sempre com muita sensibilidade, possibilitando-nos sentir as emoções dentro da narrativa.

O romance de Helena Parente Cunha, *As doze cores do vermelho* (2009), é dividido em 48 capítulos denominados módulos, ou ângulos. Nele, é apresentada uma proposta diferente de leitura, na qual é permitido ao leitor escolher um ângulo por vez. Dessa forma, caberá ao leitor decidir se quer ou não ler os textos na ordem, independentemente do ângulo escolhido o romance não perde o sentido, é como se as histórias de alguma maneira fossem independentes.

Durante a leitura da obra, somos conduzidos pela protagonista que por ser pintora tem em suas mãos uma grande variedade de cores, a qual utilizará para nomear as personagens e os elementos em sua volta, no desenrolar da narrativa. Dentre essa variedade de cores possíveis, o vermelho será a cor que ganhará mais destaque. Essa estratégia usada para nomear elementos nos faz refletir sobre as personagens (mulheres) que podem representar qualquer pessoa que se identifique com as cores e as personalidades das sujeitas dentro do romance.

Para Zinani (2006), pensar na subjetividade da pintora dentro da obra *As doze cores do vermelho* (2009) resulta em desconstruir a ideia que temos de sujeito concreto, o qual serve para representar o mundo objetivo. Esse pensar feminino pode ser produzido por uma multiplicidade de discursos, nos quais se deslocam a percepção que se tem da protagonista como portadora de uma identidade coerente e unificada.

Conforme a análise de Fabiana Rodrigues Carrijo (2007), dentro da narrativa, verifica-se que as personagens não possuem nome, são apenas correlacionadas a cores como: a menina de cabelo castanho, o menino do cabelo mel de laranjeira, a menina do cabelo loiro, a amiga do cabelo vermelho, a amiga dos olhos verdes, a amiga negra, entre outras, utilizadas para caracterizar as personalidades e posições das figuras representantes do enredo, dentro da sociedade na qual estão inseridas. Diante disso, com base nesses nomes/adjetivos, iremos analisar as histórias das personagens dentro da obra.

Em *A identidade da mulher em construção: Uma leitura de As doze cores do vermelho* de Helena Parente Cunha, de Maiane Moura Gomes (2007), é proposto o estudo das relações de gênero e do papel da mulher visto da hibridização e do multiculturalismo que constituem a sociedade atual. Gomes (2007) argumenta sobre a estrutura da obra a qual denomina como incomum. Para a autora, a protagonista fragmentada mostra-se mais sensível para ir além do comum.

De acordo com a análise de Dutra (2008), o livro *As doze cores do vermelho* (2009) pode ser considerado aberto por não possuir fronteiras preestabelecidas. O texto possui uma tranquilidade sobre o espaço e ainda dispõe de um discurso nômade que trabalha a escrita rizoma, e que está sempre em busca de multiplicidades, o diálogo das vozes, os vários

caminhos e possibilidades do ser, o qual é compreendido como sendo um fluxo, nunca idêntico a si mesmo.

A dissertação *Literatura e Ecofeminismo: uma abordagem de a força do destino, de Nélida Piñon e As doze cores do vermelho*, de Helena Parente Cunha, de Maximiliano Gomes Torres (2009), aborda sobre duas áreas de estudo: a ecologia e o feminismo, o que permitirá melhor conhecer o ecofeminismo e sua atuação nos estudos literários. Trabalho que traz uma análise sobre a segregação da mulher no espaço público e também a discriminação sofrida pelo sexo feminino, bem como sobre os movimentos de luta para que essa diferença seja eliminada, em especial os temas ecológicos e feministas através de duas narrativas contemporâneas de autoria feminina: “A força do destino, de Nélida Piñon e As doze cores do vermelho”, de Helena Parente Cunha.

O livro *Limites e ultrapassagens no autoconhecimento da mulher*, de Angélica Soares (2009), argumenta que em *As doze cores do vermelho* (2009), de Helena Parente Cunha, são questionadas as condições de sobrevivência das mulheres em sociedades machistas e opressoras, nas quais a mulher aparece destinada a conviver com o poder de realizar-se de forma feliz. Outro aspecto destacado por Soares (2009) trata-se da ausência de nomes dos personagens e sobre os recursos utilizados pela autora, como pontuação dispensada, concordâncias e o uso acentuado de neologismo, o que faz com que o romance ganhe ainda mais prestígio no meio acadêmico.

As autoras do trabalho *As doze cores do vermelho* (2009), de Helena Parente Cunha: *Possíveis leituras*, Manuelle Bandeira e Shirley Freitas (2009), articulam sobre a escrita de Helena Parente Cunha (2009) ao trazerem a mulher como questionadora de sua condição dentro da sociedade, isto é, uma mulher desafiadora do cânone patriarcal. As autoras citadas, ainda argumentam que as múltiplas vozes dentro do romance transmitem a vida da protagonista sem nome.

No artigo *Identidade feminina em as doze cores do vermelho: uma construção*, de Pereira (2010), é apresentada uma discussão acerca da fragmentação da identidade feminina em *As doze cores do vermelho*, de Helena Parente Cunha. Com alguns debates sobre a crítica feminista e dos estudos culturais, analisa a trajetória e os conflitos vividos pela personagem central e ainda algumas reflexões a respeito da desconstrução de conceitos essencialistas e naturalizantes da visão una de sujeito, ao tempo em que mostra que a identidade, antes concebida como fixa, não é senão contraditória e cambiante ante a complexidade.

Na dissertação *O lado de cá e o lado de lá diferentes tons de Literatura*, de Pereira (2011), é abordada uma análise da construção da identidade feminina em “*As doze cores do*

vermelho", de Helena Parente Cunha, visto que é retratada a imposição de um modelo patriarcalista, cuja ordem disciplinar impõe o silenciamento e impede as descobertas constitutivas do corpo.

É importante salientar, de acordo com Adriana Lopes de Araújo (2010), que a narrativa de Helena Parente Cunha é considerada contestatória por colocar em evidência temas como: aborto, adultério, prostituição, virgindade e sexo. Araújo (2010) ainda esclarece que a obra também está relacionada à identidade, porque mostra como era infância de muitas mulheres, ou seja, como elas foram se encaixando em uma sociedade totalmente marcada por normas e condutas e que foram sendo impostas a futuras gerações.

Consoante a Araújo (2010), o romance em estudo vincula-se ao momento histórico posterior aos anos 60, a autora traz a personagem feminina inserida em uma sociedade completamente patriarcal cheia de opressão e de conflitos, na qual a personagem-protagonista se encontrará dividida entre manter-se submissa às condições de vida que lhe são impostas ou romper os vínculos com essa sociedade movida por preconceitos, sempre em busca da sua própria identidade.

Outra pesquisadora que contribuiu com estudos em torno da obra de Helena Parente Cunha foi Glauce Sousa Santos (2011), em *As doze cores do vermelho: Uma contestação às normas sociais e literárias*, em que afirma que a obra de Helena Parente Cunha é uma contestação às normas sociais literárias, observando em toda sua essência aquilo que podemos ou não considerar literatura feminina não só por sua diferenciação, principalmente, em sua temática. Santos (2011) também comenta sobre a falta de nome das personagens, um aspecto bastante comentado por outros críticos. É importante frisar que mesmo sendo publicada na década de 90, a obra é cercada pelas inquietações de minorias de décadas de 70 e 80, que foi o período da consolidação do movimento feminista

Na dissertação *Caleidoscópio intersubjetivo: representações femininas em As doze cores do vermelho*, de Souza (2012), é abordado um mapeamento das diferentes representações do feminino, buscando entender a construção e os deslocamentos referentes à questão de gênero, especificamente a produção de subjetividades das personagens enfocadas, buscando entender a construção e os deslocamentos referentes à questão de gênero.

Em uma das dissertações mais recentes, intitulada *Mulheres e matizes: cativeiros sociais em As doze cores do vermelho*, de Helena Parente Cunha, de Perez (2021), são analisadas as cinco personagens femininas do romance *As doze cores do vermelho* (1998), da autora baiana Helena Parente Cunha, tendo como hipótese a de que cada uma delas está inserida de forma direta ou indireta nos cativeiros sociais das mulheres – a partir da teoria

proposta pela doutora em Antropologia Marcela Lagarde y de Los Ríos em sua obra *Los cautiverios de las mujeres: madresposas, monjas, putas, presas y locas* (2005).

Já a dissertação intitulada *Nós, as mulheres/nós femininas: Rupturas e multiplicidades em As doze cores do vermelho*, de Helena Parente Cunha, de Lima (2019), têm como objeto de estudo analisar as personagens criadas pela escritora baiana, com o intuito de perceber como as personagens desmisticificam o sujeito feminino representado no processo histórico-sócio-político-literário pelo imaginário masculino, instituído através de mecanismos de poder, e como estas representações interferem na construção identitária desse sujeito.

No trabalho *Multiplicidade e plurissignificação o vermelho múltiplos*, de Helena Parente Cunha, Andre do Roccio Souto (2019), a obra de Helena Parente Cunha, é analisada com o intuito de buscar desconstruir o discurso hegemônico da cultura dominante a fim de reconstruir o canal discursivo em que a voz da mulher possa ser ouvida. Para Souto (2019), o romance refletiu caráter inovador até certo ponto, pois apresenta subsídios em nossa sociedade patriarcal.

Conforme os posicionamentos que foram apresentados, podemos dizer que a obra de Helena Parente Cunha guarda uma essência admirada por muitos pesquisadores, que, mesmo de acordo com o que foi apresentado nesse tópico, *As doze cores do vermelho* (2009), dispõe de uma estrutura diferente das obras que estamos acostumados. Soma-se a isso o fato de que por Helena Parente Cunha (2009) apresentar elementos estilísticos dentro da narrativa, a torna ainda mais significativa para o estudo.

Com isso, podemos afirmar que a obra *As doze cores do vermelho* (2009) nos proporciona uma leitura poética e artística, tendo em vista os elementos que a constitui, como uma linguagem riquíssima de poesia e a possibilidade de o leitor escolher um ângulo por vez para a leitura, permitindo, assim, diferentes interpretações da obra. Outrossim, o romance enquadra-se dentro da perspectiva da Literatura de autoria feminina por nos apresentar uma escrita sob o ponto de vista de uma mulher e em função da representação particularizada e especificada no eixo do gênero.

Após a primeira publicação, “*As doze cores do vermelho*” (2009) continua atual no cenário literário, por esse motivo, ao trabalharmos com a obra de Helena Parente Cunha, faremos com que a sua escrita e a sua produção sejam renovadas e jamais sejam esquecidas.

Diante do exposto, esta pesquisa ampliará os estudos sobre questões de identidade e gênero, trazendo em discussão variadas histórias e a construção das identidades das sujeitas femininas, aliadas aos estudos da crítica feminista no contexto contemporâneo. Considerando-se que ainda não foi realizado um trabalho que abordasse todas as personagens femininas da

obra em estudo, numa perspectiva individual, esta pesquisa leva em conta o que o romance traz, destacando não só a identidade de uma personagem, mas a de todas, revelando que as suas histórias por mais que sejam diferentes, de alguma forma, se entrelaçam, isso sendo observado a partir de suas cores/adjetivos que fazem com que cada uma das personagens se destaque dentro do romance *As doze cores do vermelho*.

3. HISTÓRIAS E IDENTIDADES DAS SUJEITAS FEMININAS EM AS DOZE CORES DO VERMELHO (2009), DE HELENA PARENTE CUNHA

Centralizando a trama nesta rede, a protagonista se compõe e descompõe, enlaçada às demais personagens que a acompanham no entrelaçado do percurso (Cunha, 2009, p. 9).

No desenrolar de *As doze cores do vermelho*, Helena Parente Cunha nos apresenta a história de cinco mulheres, cada uma com peculiaridades distintas, cuja narrativa gira em torno do sistema patriarcal, que suprimia das personagens o direito de ter voz e de realizar os próprios anseios. Mesmo depois de muitos anos de publicação, a obra ainda permanece viva na atualidade, isso porque as personalidades representadas pelas personagens são vigentes nos dias de hoje, haja vista que muitas mulheres vivenciam situações parecidas com as que autora apresenta.

Na obra em tela, encontra-se o perfil de cinco mulheres, os quais, durante análise, direcionaremos por meio de adjetivos que Helena Parente Cunha usou para nomear cada personagem. Para tanto, no primeiro ângulo que representa a infância e o passado das personagens, teremos: menina pintora, menina loira, menina dos olhos verdes, menina negra e menina dos cabelos cor de fogo. No segundo ângulo que representa o presente, ou seja, a fase de transição das personagens, serão denominadas por: amiga pintora, amiga negra, amiga dos olhos verdes, amiga dos cabelos cor de fogo e amiga loira. Já no terceiro ângulo que representa o futuro das personagens, iremos chama-las de: amiga pintora, amiga jornalista, amiga médica, amiga loira e amiga prostituta.

Em *As doze cores do vermelho*, é possível perceber que as histórias das personagens se ligam uma às outras, embora narradas em ângulos separados, em algum momento, são entrelaçadas. Neste sentido, observa-se que o processo de construção das personagens está ligado intimamente ao que hoje nós chamamos de sororidade¹⁷ - termo que vem ganhando destaque em estudos voltados para as mulheres, principalmente no que tange ao feminismo. Tal ideia permite que a mulher apoie e encoraje umas às outras, buscando ter empatia, confiança, isto é, exercendo o acolhimento.

Essa análise acontecerá mediante o estudo de cada ângulo de maneira separada, para melhor compreensão das histórias em torno de cada uma das personagens. Salientamos que

¹⁷ Conforme o dicionário Conceito (2017) o movimento feminista criou o neologismo sororidade, palavra que vem do latim “sor” que significa “irmã” e que é capaz de representar vínculos de solidariedade entre mulheres, esses vínculos podem representar igualdade, lealdade e confiança. Dessa maneira, pode-se afirmar que por meio dessa união, elas são capazes de ir contra qualquer forma de domínio masculino.

analisaremos as personagens por meio do primeiro ângulo, que é responsável por mostrar as vivências e a infância de cada uma. Infância essa de descobertas, de privações, de desejos e dos não-s, na qual até mesmo as brincadeiras eram questionadas, já que era necessário haver o consentimento de um adulto em muitas situações, como o fato de os meninos serem privados de brincar com as meninas, as meninas do lado de *cá* e os meninos do lado de *lá*.

Ressaltamos, ainda, que a autora Helena Parente Cunha traz, em seu romance, a figura feminina detentora de uma voz identitária no que diz respeito à crítica e à resistência ao sistema patriarcal galgado na mulher submissa. Assim, podemos dizer que algumas das personagens apresentadas neste trabalho são demonstradas como violadoras do espaço da família. Essas características podem ser observadas por meio das personagens: menina pintora, menina dos olhos verdes, menina negra e menina do cabelo de fogo. A menina loura apresenta certa submissão em todo o romance, como é demonstrado no trecho: “A menina loura queria aprender a pintar porcelana para quando se cassasse poder enfeitar a casa” (Cunha, 2009, p. 60).

Algumas personagens que aparecem no primeiro ângulo da história demonstram uma visão avançada para a época em que vivem, enquanto outras ainda estão em busca de se encontrarem. Esse contraste entre as diferentes perspectivas e experiências das personagens cria um enredo envolvente e cambiante que explora as nuances da sociedade e da cultura daquele período.

3.1 O Movimento Feminista no Contexto Sócio-conômico-literário nas Décadas de 60, 70 e 80 do século XX

Analisaremos, agora, como se deu o movimento feminista em algumas décadas e as contribuições, como os direitos conquistados pelas mulheres e os desafios que enfrentaram para chegarem aonde estão e a ser quem são hoje. Branca Alves e Jacqueline Pitanguy (1991), no livro *O que é o feminismo*, argumentam que o feminismo procurou, em sua prática enquanto movimento, superar as formas de organização tradicional permeada pela assimetria e pelo autoritarismo. Desse modo, as feministas não se organizam de uma forma centralizada, recusando-se a seguir uma disciplina única, imposta a todas as militantes.

Alves e Pitanguy (1991) firmam que o feminismo tem como objetivo buscar, repensar e recriar a identidade de e o sexo sob uma ótica em que o indivíduo, seja ele homem ou mulher, não tenha que se adaptar a modelos hierarquizados em sua globalidade. Sendo assim, entende-se que a efetividade, a emoção e a ternura podem aflorar sem constrangimentos nos homens e

serem vivenciados nas mulheres como atributos não desvalorizados. Com isso, a mulher contribui com um espaço próprio para expressar-se sem a interferência masculina, para compreender-se através de suas companheiras, para descobrir sua identidade e reconhecer-se (Alves e Pitanguy, 1990, p. 9).

Ainda sobre o termo feminismo, na obra intitulada *Breve história do feminismo*, Carla Cristina Garcia (2015) nos informa que a palavra foi usada primeiramente nos Estados Unidos por volta de 1911, quando escritores homens e mulheres começaram a usá-lo no lugar das expressões utilizadas no século XIX, como movimento mulheres e problemas das mulheres. Tais movimentos e problemas foram utilizados para descrever um novo movimento na longa história das mulheres. Um dos objetivos das feministas americanas era um equilíbrio entre as necessidades de amor e de realização individual e política o que parecia muito difícil de conseguir (Garcia, 2015, p. 13).

Conforme Garcia (2015), o feminismo pode ser entendido como uma tomada de consciência das mulheres no coletivo humano da opressão, dominação e exploração de quem foi e é objeto por parte do coletivo de homens, no meio do patriarcado, sob diferentes fases históricas, e que as move em busca da liberdade de seu sexo e de todas as transformações da sociedade que sejam necessários para este fim. A autora também esclarece que não existe apenas um tipo de feminismo, mas vários, entre eles, feminismo socialista, marxista, radical, contemporâneo, como por exemplo o feminismo da diferença¹⁸. São, portanto, muitas correntes de pensamentos que o compõe, isso porque uma das características que diferencia o feminismo de outras correntes de pensamento político está construído pelo fazer e pensar de

¹⁸ Foi por meio do feminismo socialista que foi possível alterar as relações entre gêneros, uma vez que, que instalado um novo sistema econômico foi possível incorporar as mulheres no trabalho industrial, por mais que seus salários não fossem iguais aos dos homens e que sua mão de obra fosse mais barata, foi por meio do socialismo que as feministas socialistas tentaram abordar a discriminação sexual e a desigualdade de gênero dentro do contexto mais amplo das estruturas socioeconômicas. No que tange o feminismo marxista, podemos dizer que ele articula que a opressão da mulher é um efeito do capitalismo, e que a emancipação feminina só poderá acontecer por meio do fim do capitalismo. Quando falamos em feminismo radical, logo repensamos que ele estava voltado para as crenças na qual a mulheres só seriam livres da opressão da sociedade, quando deixassem de ser controladas pelos homens, ou seja, quando o patriarcado chegassem ao fim. E por fim, o feminismo contemporâneo, pode ser entendido não apenas uma teoria ou uma ideologia, mas uma prática diária, realizada por milhares de mulheres que lutam por seus direitos e pela igualdade de gênero, significa respeitar a si mesma e aos outros, reconhecendo a diversidade e a pluralidade de vozes e experiências que compõem o movimento. Um exemplo de feminismo contemporâneo, é o da diferença na qual as mulheres buscam combater a diferença sexual, para com isso estabelecer a liberdade feminina e com isso possa encontrar sua própria identidade.

milhares de mulheres pelo mundo todo e não apenas em um local determinado (Garcia, 2015, p. 13).

Garcia (2015) argumenta, além disso, que com o termo feminismo surgiu com o que chamamos de patriarcado¹⁹, isto é, sociedades dominadas pela figura paterna. De acordo com a autora, a partir do século XIX, quando começaram a serem desenvolvidas as teorias que explicam a hegemonia masculina, passou-se utilizar o termo em seu sentido crítico. Já o feminismo radical surgiu a partir dos anos 70 no século XX, utilizado como peça-chave de suas análises. É importante ressaltar que a existência do patriarcado não fez com que as mulheres não tivessem nenhum tipo de poder ou direito, havia restrições, no entanto, as feministas chamam as conquistas políticas das mulheres neste sistema de vitórias paradoxais (Garcia, 2015, p. 16). Conforme a autora, as feministas de 1970 foram responsáveis por reagir contra o sistema patriarcal, nesse mesmo período foi definida a categoria denominada mulher, para compartilhar experiências e novas perspectivas transculturais.

A estudiosa ainda afirma que o movimento pela libertação patriarcal da década de 80 está direcionado ao tema da diversidade entre mulheres e se caracteriza por criticar o uso monolítico de categoria mulher e está centrado nas práticas e teóricas da diversidade de situações em que vivem as mulheres. Muitas foram as conquistas adquiridas por meio do movimento feminista, entre elas estão a de que a figura feminina conseguiu superar o preconceito e lutar por igualdade entre homens e mulheres (Garcia, 2015, p. 95).

Quando tratamos sobre o feminismo, devemos considerar toda a trajetória de um grande grupo de mulheres, cada uma em determinada época, lutando por causas que consideravam justas, o movimento nada mais é que a luta incessante de mulheres por direitos que foram durante muito tempo negados, e a busca pela valorização da mulher dentro da sociedade na qual está inserida, respeitando os direitos individuais de todos, inclusive dos homens que as oprimiram por muito tempo. Tanto o feminismo como o movimento de mulheres ou sindicatos buscam inserir a figura feminina na sociedade a fim de que usufrua de direitos políticos e socioeconômicos.

Os argumentos apresentados nos levam a pensar sobre a condição da mulher no século XX, época em que se situa a obra analisada e que o feminino era reduzido a um único papel social: o doméstico. A obra em estudo retrata bem o papel da mulher na década de 90, que se

¹⁹ De acordo com glossário do livro do feminismo de Hannah Mccann (2019), o patriarcado é um sistema social no qual é atribuída aos homens a maior parte ou todo o poder, privilégio e valor, e as mulheres são em grande maioria ou completamente excluídas deste poder; sistema em que o pai ou homem mais velho é o chefe da família e a descendência é considerada através da linhagem masculina (Mccann, 2019, p. 340).

iniciava na infância, quando a criança recebia a preparação para ser dona de casa e mãe. Tendo em vista o contexto de que as mulheres, durante muito tempo, não puderam frequentar escolas ou universidades, a sua única obrigação era a de se preparar para o casamento. No trecho que se segue, é possível evidenciar a personagem mulher pintora do segundo ângulo, uma jovem que sonha em se casar e ter filhos, seguindo o modelo tradicional da família imposto pela sociedade. Para tanto, o trecho demonstra o tão esperando momento do matrimônio:

1960. Você faz vinte anos e vai se casar. Anel e laço e vindouro traço. Seu noivo tem a promessa de uma situação melhor no emprego. Futuro. Um marido. Vozes repetindo. A mulher é a rainha do lar. Você não vai mais entrar na escola de belas artes. Você prometeu seu noivo que não vai mais pintar. Ele elo. Você está preparada para o casamento (Cunha, 2009, p. 15).

Percebe-se, na citação acima, que uma das personagens abdica do sonho de estudar e de se formar para agradar o futuro marido. Atualmente, restrições como essas ainda existem, de modo que muitas mulheres, em algum momento, vivenciaram situações semelhantes, como não se dedicar a atividades que não fossem voltadas para o lar.

Convém destacar que o ano de 1960 é responsável por nos fazer refletir sobre a segunda onda do feminismo, cujo principal slogan era “o pessoal é político”. De acordo com Hannah Mccann (2019), na obra *O livro do feminismo*, as mulheres perceberam que os direitos legais adquiridos durante a primeira onda não contribuíam para o cotidiano, voltando a atenção à redução da desigualdade em áreas que seguiam do local de trabalho à família. Ademais, a década de 1960 estimulou o clima revolucionário, já a segunda onda se denominou como “Movimento de Liberação das mulheres” (Mccann, 2019, p. 15). Ainda sobre o movimento das ondas feministas, é importante mencionar que foi ele o responsável por fazer com que as mulheres reivindicassem direitos ao longo dos anos. Sabemos que esse processo seguiu um caminho lento, todavia mais eficiente, pois por meio dele foi possível lutar por condições de igualdade.

Nesse sentido, diante dos acontecimentos ocorridos em 1960, afirma-se que houve muitas campanhas contra a prevenção de doenças contagiosas, as quais foram organizadas por mulheres que lutavam para o controle de natalidade, pois assim poderiam ter liberdade sobre o próprio corpo, cabendo unicamente a elas a decisão de reproduzir ou não. Nesta luta pelos direitos reprodutivos, temos como representante a ativista Margaret Sanger, uma das grandes responsáveis pela causa. Dentro desse contexto, a pílula anticoncepcional passa a ser visibilizada, no entanto, só podendo ser liberada para o consumo em 1960. Portanto, cabe

enfatizar que tal década foi responsável pela intensificação da segunda onda do feminismo e pelo movimento de libertação feminino da opressão.

Outro importante evento que deve ser lembrado, embora tenha ocorrido em um contexto norte-americano, trata-se da inauguração do movimento feminista por meio da obra *Mística Feminina*, de Betty Friedan, publicada pela primeira vez em 1963, tornando-se um dos mais importantes trabalhos do século XX.

No ano de 1970, o movimento feminista se destacou, principalmente, pela luta das mulheres por igualdade em meio à ditadura militar no Brasil, período em que lutaram contra o preconceito. Para tanto, o romance em estudo pode ser encaixado na primeira onda do feminismo, movimento que iniciou no século XIX.

Quanto aos primeiros protestos das mulheres, deram início a partir do século XIX, nos Estados Unidos e na Europa. Na primeira onda do feminismo, os debates giravam em torno das questões de gênero ou voltados para o matrimônio, de modo que o movimento foi crescendo até o século XX. Foi somente no final do século XIX e nos primórdios do século XX, que as mulheres, pelo mundo, começaram a reivindicar os próprios direitos.

A segunda onda do feminismo nasceu em meados dos anos de 1960 e se pendurou até 1980. Iniciou-se, para tanto, com debates em torno do termo feminilidade, o qual é bastante trabalhado em obras citadas neste trabalho, por exemplo, *A mística Feminina*, de Betty Friedan e o *Segundo Sexo*, de Simone de Beauvoir, trazendo grandes contribuições ao movimento feminista, com a famosa indagação: O que é ser mulher? (Duarte, 2006).

Outro aspecto importante que adveio foi a criação de novos grupos feministas como o grupo das acadêmicas, criação das primeiras delegacias especializadas em 1985, com o intento de proteger as mulheres em condições de vulnerabilidade ou vítimas de agressão (Otto, 2004). Com isso, podemos afirmar que o movimento feminista brasileiro teve início na década de 1970, influenciado pelos movimentos vindos da Europa, além de ter sido marcado pelo golpe militar de 1964.

Outrossim, nessa década, a figura feminina pôde repensar sua condição de mulher, começando a criar uma consciência que não se limitasse em ser apenas dona de casa e mãe, mas, além disso, encontrar o lugar de fala na sociedade, como buscar conhecimentos que envolvesse a saúde reprodutiva da mulher, por exemplo, já que nesse período o tema não era debatido, pois as mulheres não tinham acesso amplo sobre o assunto, dificultando, assim, a compreensão. Por outro lado, a década de 70 trouxe consigo a chamada era dos “anticoncepcionais”, o qual trouxe melhorias para as vidas das mulheres que não queriam ou que não estavam preparadas para maternidade. Essa domesticidade foi apresentada no capítulo

teórico com as ideias de Betty Friedan, a partir do que foi proposto em *A mística feminina* (1963).

A década de 1970 foi significativa para as mulheres, conforme Mccann (2019), exemplo disso é que, em 1975, a Organização das Nações Unidas (ONU) elegeu o dia 8 de março como Dia Internacional da Luta pelos Direitos das Mulheres. Salienta-se que uma das principais pautas responsáveis por conduzir o movimento feminista brasileiro foi a violência doméstica que as mulheres enfrentavam, assunto que chamou a atenção da população brasileira e que, muitas vezes, era tratado como um conteúdo privado, restrito somente às famílias. A bandeira levantada com a data 8 de março foi fundamental para que as ativistas pudessem ir às ruas reivindicar os problemas que eram vistos como sociais. Outro acontecimento que marcou a década de 1970 foi a publicação do livro de Kate Millett, obra que apresenta e define o patriarcado como sistema opressor das mulheres. De acordo com autora, a principal representação do patriarcado está na família, porque por meio dela são reforçados os padrões que devem ser seguidos na sociedade (Mccann, 2019, p. 145).

A terceira onda do feminismo teria surgido a partir da década 1990, quando as mulheres buscaram lutar contra o assédio sexual e as desigualdades de gênero. Dessa maneira, o movimento feminista percorreu uma grande trajetória até ser o que é contemporaneamente no século XXI. Foram muitos anos de lutas, em vários países e em todas as civilizações, pois sempre houve mulheres a frente do tempo que não concordavam com a forma que eram vistas na sociedade na qual estavam inseridas. A vitalidade do movimento estava em grupos negros, homossexuais, lesbianismo, entre outros. Quando falamos no feminismo na década de 1990 logo repensamos em Mccann (2019), ao argumentar sobre o surgimento de novas questões feministas como uma nova geração de jovens ativistas que mudaram a maneira de pensar na heterossexualidade, levando como normas as teorias feministas e os estudos sobre gênero. No mesmo ano é inaugurado *Problemas de gênero*, da conhecida teórica Judith Butler, que desenvolveu a teoria de estudo de gênero, na qual ela define como algo não binário. Esses estudos fizeram parte da terceira onda do feminismo.

De acordo com Rebeca Walker, a terceira onda do feminismo desafiava alguns temas como racismo e preconceito de classe e o sexism²⁰, ainda dominante na sociedade. Com

²⁰ De acordo com o dicionário de gênero sexo é a categoria biológica utilizada para diferenciar homens e mulheres, baseada na ordem compulsória do binarismo macho\ fêmea no reino animal. Essa dualidade biológica ainda permanece dominante, comumente relacionadas a gênero, atravessadas pelas questões de poder (Sthey, 2009). O conceito de sexismo está relacionado ao sistema patriarcal que perpassa a sociedade atual. Essa forma de hierarquia entende o mundo e as relações que nele se estabelecem através do macho como o patriarca, chefe da família e a mulher caberá apenas o papel de submissa ao pai ou ao marido (Therborn, 2006). Conforme Ferreira (2004), Meninos e meninas, homens e mulheres ao irem se construindo, em contextos opostos, na qual

isso, podemos argumentar que a primeira onda feminista teve um papel importante ao conduzir debates sobre a igualdade de gênero, enquanto a segunda buscava examinar as raízes opressoras e a terceira onda buscava mostrar para as mulheres, principalmente as negras e as minorias, que a luta não acabou, e que as mulheres ainda teriam uma grande jornada pela frente (Mccann, 2019, p. 254-255).

Em *As doze cores do vermelho* (2009), temos esse forte debate por mais que o romance tenha nascido na década de 90. Quando observamos a personagem amiga dos olhos verdes/jornalista, logo percebemos que desde de criança se mostrava à frente do tempo, com opiniões próprias fortes sobre assuntos considerados polêmicos, por exemplo, o aborto, a menstruação, o sexo e a traição. A mulher pintora no segundo ângulo é possuidora de desejos que a fazem se destacar. Sempre questionava por não poder fazer sexo antes do casamento, o que a tornava violadora do sistema patriarcal que presa pela castidade:

Seu corpo é um rio que se abre em fluidas fozes. Vocês se aproximam. Surpreendida você se levanta com a blusa aberta. Você treme desestremecida. Você é obrigada a ir para o quarto. Você se tranca e chora, mas não chora. Você se deita e fecha os olhos e seus seios estremecem as pontas mais duras. É preciso casar virgem? (Cunha, 2009, p. 11).

A obra de Helena Parente Cunha pondera com o que Duarte (2019) argumentou sobre o século XX, período em que houve grande divulgação de obras escritas por mulheres. Em 1980, surgiu o chamado “boby do batom”, que foi responsável por vários avanços nas vidas das mulheres. Isto posto, a década de 80 foi responsável pelo destaque das mulheres dentro da literatura, das várias escritoras que entraram nesse cenário literário podemos citar a escritora em estudo Helena Parente Cunha que traz em seu romance aspectos das décadas de 70 e 80.

Outro aspecto importante na década de 1980 trata-se da incessante luta pelo aborto que, embora considerado um assunto polêmico para o período, não impediu que muitas mulheres fossem para as ruas em busca da aprovação, para decidir sobre a continuação ou não de uma gestação, independente do feto apresentar problemas de saúde. É necessário frisar que o movimento de mulheres da época lutava pelo direito ao próprio corpo, ainda que existissem muitos empecilhos pelo caminho, como é o caso das igrejas, em sua grande maioria, e simpatizantes contra o aborto, criando movimentos como o pró-vida, entre eles, os grupos de pessoas que saia para as ruas a fim de manifestar contra o aborto induzido. Temas sensíveis

o masculino sempre domina o feminino, é que surgi as formas de opressão masculinas em diferentes contextos. Dicionário crítico de gênero, 2019, p. 666-668).

como esses são apresentados na obra de Helena Parente Cunha, a personagem mulher jornalista no ângulo dois e três apresenta alguns debates sobre o tema dentro do romance, como mostra o trecho: “Você vai ao lançamento do livro de sua amiga dos olhos verdes. Reunidas num volume as reportagens mais audaciosas sobre o aborto” (Cunha, 2009, p. 39).

O movimento feminista trouxe consigo muitas mudanças na vida das mulheres e, à medida que crescia, foram surgindo os mais variados tipos de feminismo, cada um com as próprias causas, mas todos com o único objetivo: trazer a mulher do cenário de submissão para o lugar de fala.

A quarta onda do feminismo teria surgido no ano de 2010 influenciada pelo ativismo virtual, conhecido como ciberativismo (Peres, Ricaldi, 2019), ainda podendo ser chamado de ciberfeminismo quando direcionado ao movimento feminista na internet. Nessa fase do movimento, são usados os discursos virtuais com a finalidade do empoderamento²¹feminino.

No século XXI, o feminismo ganhou força a partir de 2012, momento em que mulheres jovens estavam à frente de uma sociedade na qual a linguagem do feminismo já existia ainda que a igualdade de gênero não estivesse estabelecida (Mccann, 2019, p. 292). Conforme a autora, a quarta onda pode ser considerada como *online*, devido as ativistas usarem as principais plataformas como Facebook, Twitter para divulgar protestos pela rede como forma de difundir as suas próprias ideias para uma maior quantidade de pessoas pelo mundo. Esse tipo de atividade pode se encaixar no que chamamos de feminismo contemporâneo, o qual fez com que muitas feministas começassem a reivindicar por igualdades e a ajudar todas as mulheres que estivessem passando por algum tipo de opressão, como é o caso do movimento #metoo²² que usou as redes para se manifestar a favor das mulheres que sofreram violência sexual.

Para tanto, o feminismo é um assunto que vem sendo debatido ao longo dos anos, e, com um passar do tempo, foi se modernizando como movimento e até mesmo nomenclatura, alguns autores trazem o feminismo em uma perspectiva contemporânea, como a autora Marcia

²¹ O empoderamento é um conceito fundamental para o feminismo, pois expressa a capacidade das mulheres de transformarem suas realidades e lutarem por seus direitos. Conforme o glossário do livro do feminismo (2019) de Mccann, o empoderamento pode ser compreendido como um conjunto de medidas que visam o melhoramento das vidas das pessoas oprimidas, particularmente mudanças legais e sociais. Pode também representar a força experimentada por mulheres quando promovem mudanças pessoais internas e nos campos profissionais e dos relacionamentos (Mccann, 2019, p. 338).

²² É um importante movimento da quarta onda do feminismo, que aconteceu primeiramente nos Estados Unidos, liderado pela feminista negra Tarana Burke em 2006. Movimento estava diretamente relacionado a mulheres vítimas de agressão sexual, desde de 2007 o #metoo passou a ser conhecido mundialmente e sua frase foi traduzida em vários idiomas (Mccann, 2019, p. 297).

Tiburi (2021) no livro *Feminismo em comum: para todas, todes e todos*, ao afirmar que o movimento nos faz repensar nos direitos de todos, todes e todas, pois acabou por liberar as pessoas de pensarem não apenas só como mulheres ou homens, mas abriu o espaço ao debate para outras expressões de gênero.

Conforme aponta Tiburi (2021), para começarmos a entender o feminismo, é necessário defini-lo como um desejo por democracia radical voltado à luta pelos direitos daqueles que sofrem injustiças aparelhadas pelo sistema patriarcal. Ademais, a autora argumenta que o feminismo ainda está ligado ao capitalismo e o seu contexto está voltado não só para a dominação, violência, exploração, opressão, mas também para a sedução. Dessa forma, o feminismo surgiu com o intuito de desconstruir o patriarcado, por isso que o termo “gênero” vem sofrendo represálias, pois é usado para analisar os papéis masculinos e femininos que se tornaram hegemônicos.

Segundo a autora, “O feminismo está aí para ajudar as pessoas a se perguntarem sobre os jogos de poder envolvidos em sua própria vida” (Tiburi, p. 31, 2021). O feminismo, para a pensadora, é responsável por ensinar as mulheres a lutarem por um mundo no qual os seus corpos e sua dignidade possam ser resgatados, a autora ainda articula que a misoginia está presente, principalmente, quando é associada à condição de loucura, histeria e natureza. As feministas são consideradas seres em luta, sendo mulheres ou não, pois a diversidade que compõe o termo feminista não está apenas relacionada ao termo “mulher” em um sentido natural.

Tiburi (2021) também afirma que o feminismo pode ser compreendido como um campo teórico e prático, capaz de construir uma política com outras referências, como a natureza o corpo, o cuidado, a presença e a vida digna. A partir disso será possível criar uma sociedade capaz de ajudar, educar e cuidar de seus cidadãos, ou seja, uma sociedade de direitos fundamentais.

Diante dos aspectos mencionados, os estudos em torno do movimento feminista são responsáveis por apresentarem como se deu o processo de luta por direitos e igualdades das mulheres e dos grupos que abraçaram a causa. As ondas do feminismo que foram apresentadas representam um marco na história das mulheres, de modo que cada onda descrita representa a evolução do movimento por meio de uma sucessão de movimentos sociais e ideológicos baseados nos direitos das mulheres e na igualdade de gênero na qual homens e mulheres possam usufruir das mesmas oportunidades.

3.2 Comportamentos das Sujeitas: Tradição e Transgressão

Ao leremos o romance de Helena Parente Cunha, deparamo-nos com o perfil de cinco mulheres, cada personagem tentando respeitar seus princípios, no primeiro ângulo, verifica-se que as histórias das meninas são conectadas, embora a autora traga diferentes histórias, elas são ligadas desde suas infâncias. Para melhor entendimento do primeiro ângulo, iremos salientar que suas identidades ainda estão em construção, nesse sentido, a autora Helena Parente Cunha apresenta em seu romance as sujeitas como detentoras de uma voz identitária no que diz respeito à crítica, respeito ou resistência ao sistema patriarcal que mostra a mulher, muitas vezes, como totalmente submissa. Com isso, analisaremos o comportamento das personagens em relação ao seguimento da tradição patriarcal ou à transgressão dentro do romance, e se as personagens conseguem se sobressair apesar da sociedade tentar dominar seus comportamentos.

Observa-se que mesmo na condição de meninas, em meio ao processo de descoberta e desenvolvimento, as personagens sofriam com os padrões que deviam seguir para serem aceitas na sociedade e não serem julgadas no futuro. Quando conhecemos as histórias das personagens através da voz da menina pintora, verificamos como se dá a relação entre a diferença de gêneros. A primeira personagem, a menina pintora, ainda criança tem o sonho de trabalhar com arte, dedicar-se à pintura e ter sucesso, mas enfrenta muitos obstáculos em seu percurso. No decorrer do romance, são apresentadas as várias tentativas das personagens de se realizarem enquanto profissionais e, ângulo após ângulo, vão sendo desvendadas as histórias e as dificuldades enfrentadas para chegarem a tão sonhada liberdade profissional.

Começaremos analisar, a partir da menina pintora que relata como eram as brincadeiras de sua época, o que ela e as amigas podiam ou não fazer, e a privação que faz com que as personagens despertassem o interesse em descobrir o que existia do lado de lá. E por que não conhecer o lado de lá? Essa indagação desperta certa curiosidade na menina pintora e de suas colegas, fazendo com que elas quebrem algumas regras, como a curiosidade que era algo que as meninas não podiam demonstrar, como mostrar a citação a seguir:

Eu era uma menina como as outras que brincava no arco da manhã repleta de alvoradas. Nós brincávamos de casinha comidinha de mãezinha das bonecas. Os meninos brincavam de soldados, espingarda revólver de espoleta. As meninas do lado de cá e os meninos do lado de lá. Entre o lá e o cá o meio é cheio de medo. [...] Um dia eu cortei as tranças de minha boneca morena. Um dia eu saí da roda e não quis mais brincar. Um dia eu subi no alto do muro. No alto do muro eu olhei o lado de lá. [...] O menino sorriu e disse que tinha onze anos. Eu tinha oito. Eu pulei pro lado de lá. Eu tinha medo, mas não

tinha. [...] O menino disse que quando crescesse ia ser arquiteto. Eu queria ser pintora. [...] vozes me chamavam do outro lado. Uma voz estreita furou o ar da manhã. Eu tive muito medo. Por que não podia passar para o lado de lá (Cunha, 2009, p. 14).

Quando conhecemos a história da menina loira, logo percebemos que ela está voltada aos padrões da sociedade patriarcal. Diante disso, a personagem não se mostra questionadora dos padrões, ainda pequena denota indícios de querer seguir os padrões da sociedade na qual as mulheres não podem falar de assuntos considerados polêmicos, por exemplo, menstruação. A menina loira é vista como submissa, permitindo-se ser guiada por tudo o que era imposto, seguindo as regras de etiquetas, como se vestir, costurar, cozinhar, bem como se comportar e falar. Tais regras fariam com que as mulheres se tornassem boas donas de casa, nesse sentido, isso faz com que reflitamos sobre o que Betty Friedan chamou de *A mística feminina*, publicado pela primeira vez em 1963, ao trazer debates sobre o comportamento das mulheres, uma espécie de manual feminino que relatava as vivências das mulheres como boas donas de casas.

O comportamento da menina loira se opõe à menina pintora por representar a personagem como seguidora dos padrões, buscando sempre não desobedecer e, com isso, conseguir se encaixar no padrão vigente, dessa maneira, a menina loira mostra-se lapidada, desde a infância, a ser uma boa menina:

Eu tinha doze anos e tomei um susto quando vi minha calcinha manchada de sangue. Flor Vermelha entre minhas pernas. Líquida flor mornamente se abrindo. Vozes me dizia que eu já era uma moça [...]. Eu devia comportar-me e ter juízo e falar baixo e rir pouco e não gesticular e não mudar de roupa na frente dos outros. [...] Não devia ficar fazendo perguntas. Não devia ficar conversando com os meninos. [...] Aprendia a costurar a bordar a cozinhar eu a prendia a ser uma boa dona-de-casa. A menina loira não gostava de ouvir falar em menstruação e dizia que era coisa feia. Por que era coisa feia? (Cunha, 2009, p. 18).

A citação apresentada mostra que a menina loira não tinha interesse em conversar sobre assuntos relacionados à mulher, como a menstruação, que é responsável por marcar a transição da fase adolescente para a fase adulta, enquanto que a menina pintora, mostra-se curiosa. Esse trecho mostra o comportamento que esperado das meninas nesse período, com essa transição surgiram as proibições e os não.

Sabendo-se que as personagens pertencem a mundos diferentes, cada uma das meninas tinha a própria maneira de agir e a própria história, muitas vezes influenciadas pela sociedade. Ressalta-se que, mesmo ligadas por laços de amizade, há o preconceito entre algumas delas, como quando refletimos sobre a história em torno da menina negra e da menina

cabelo cor de fogo, pois logo examinamos que elas eram vistas como fora do padrão, destarte percebemos as diferenças que a autora pretendeu revelar no romance. É possível, assim, observar o próximo trecho o qual explicita que a menina pintora questiona o porquê de não poder ser amiga da menina dos cabelos cor de fogo. No romance, a personagem menina cabelo cor de fogo sofre por ser filha de uma prostituta e a mãe ser uma mulher solteira, algo considerado fora dos padrões estabelecidos da época. Por não fazer parte do mesmo círculo das outras meninas, a sociedade condenava, embora fosse apenas uma mocinha em formação:

Dávamos nosso sim ao não e dizíamos sim e não. Eu dizia não quando eu dizia sim, mas eu tinha medo e tivesse. Vozes estreitas repetiam que nós não deveríamos falar nem brincar com a menina dos cabelos cor de fogo. A menina não tinha pai e a mãe não prestava. As vozes ecoavam. Por que não prestava? A mãe da menina dos cabelos cor de fogo era desavergonhada e não sabia educar a filha (Cunha, 2009, p. 20).

As vozes que ecoavam na cabeça da menina pintora representam a sociedade que condenava as mulheres fora dos modelos preestabelecidos. Tais ecos visavam uma dona de casa com marido. Entende-se, portanto, que a história da menina dos cabelos cor de fogo gira em torno das críticas da sociedade que, na maioria das vezes, é capaz de induzir até os pensamentos de uma criança que ainda não tem opiniões formadas sobre o que é dito e considerado como certo ou errado.

Quando analisamos a história da menina negra, testemunhamos que essa personagem também sofre preconceitos na sociedade, entre de cor, pois, ainda criança, sempre ocupava o lugar de inferioridade. A menina pintora é apontada como uma personagem observadora do que acontecia com as suas amigas, visto que por mais que as meninas quisessem falar ou demonstrar suas vontades, sempre eram barradas, dado que, na condição de mulheres, não deviriam falar e expressar opinião. Isto posto, Helena Parente Cunha usa a menina pintora como porta voz das outras:

No pátio antes de entramos para sala de aula minha colega negra ocupava o último lugar na fila. Por que se ela era maior? Vozes me mandavam calar a boca. Por que eu não podia falar? [...] Minha voz eu invertia. Por que eu tinha medo de falar? Divisão dividido. A menina negra a diretora deixou que frequentasse a escola sem pagar. Na hora do recreio a menina negra apagava os quadros-negros e apanhava os papeis no chão das salas de aula. Quando ia para o pátio o recreio estava acabando. Comia depressa seu pedaço de pão e corria para o final da fila. E me sorria atrás dos vidros dos óculos (Cunha, 2009, p. 26).

Conforme o trecho destacado, pode-se perceber que a menina pintora não se sentia contente ao observar a maneira como a menina negra era tratada na escola. Por meio de sua fala, é verificável que ela tenta algumas vezes questionar o tratamento dado a sua amiga, no entanto, é privada. Isso pode ser associado à condição financeira que possuía, por fazer parte da sociedade de classe média, não podendo se misturar. Quando a personagem descreve que a menina negra ri por trás dos óculos, significa que a personagem aceitava, muitas vezes, ser humilhada sem questionar, como se os óculos representassem um refúgio e, por trás deles, ela pudesse ser quem é de verdade, ou seja, a menina pintora era capaz de analisar o lado bom da colega, observando cada detalhe de sua personalidade.

Helena Parente Cunha traz, em seu romance, a menina de olhos verdes sempre à frente do seu tempo, com uma história que gira em torno de assuntos polêmicos, além disso, pode ser classificada como destemida por não se importar com a sociedade. Em todo o romance, a personagem mantém-se firme com as próprias convicções, sem abalar-se pela sociedade, evento que é percebido ainda na infância quando a menina dos olhos verdes compartilha interesses incomuns com as demais amigas, mostrando não se deixar influenciar:

Minha amiga dos olhos verdes tinha um namorado. Eu também. E nós tínhamos onze anos. Pequenos cardumes numa água menor à espera da onda. Depois da aula nós parávamos debaixo dos rumores das amendoeiras. [...] Meu namorado se aproximava de leve e sorria devagarzinho. [...] Eu voltava para casa e minha amiga dos olhos verdes demorava com o namorado debaixo das amendoeiras [...] Um dia eu demorei debaixo da amendoeira e havia os rumores secretos e mais folhas abertas. Quando eu voltei para casa eu não queria que ninguém me visse e subi as escadas correndo e me tranquei no quarto. Eu tinha de voltar para casa antes das seis? Porque. Porque (Cunha, 2009, p. 30)

Por meio da fala da menina pintora, constatamos também existir uma certa disparidade entre as personagens amiga dos olhos verdes e a menina pintora, por não conseguir ir contra as regras impostas a ela, enquanto que amiga não tinha medo e fazia o que queria sem se importar. No final do trecho, a personagem se revolta por não conseguir libertar-se das amarras da sociedade.

No romance em estudo, as personagens são oprimidas por vozes que ecoavam o que elas deveriam ou não fazer. Essas vozes descritas representavam o sistema patriarcal que ditava regras as quais as mulheres deviam seguir, ressoando na vida das personagens, mesmo que nem todas seguissem o que era exigido:

Muitas vozes eram vozes e vezes na vigência dos nossos ouvidos.
Vozes dizendo. Cuidado. Juízo. Bom comportamento. Nada de

saliência. Rapaz direito só se casa com moça de recato. Muito pequena para saber [...] Só pode depois que se casar [...] Uma moça estava grávida e fez aborto e morreu. Grávida. Gravidez. Gravidações. Por que estado interessante? Por que véu e grinalda? Branco. Pureza. Pura. Puta [...] Vozes proibidoras gritavam silêncio concedidos. Vezes concedidas calavam gritos negadores (Cunha, 2009, p. 36).

O trecho mostra como a sociedade impunha às mulheres um modelo de comportamento baseado na castidade, na submissão e na obediência. Dessa forma, as mulheres eram vistas como seres inferiores que precisavam da orientação e do controle da sociedade para se manterem na linha. Qualquer desvio dessa norma era considerado uma afronta à moral e aos bons costumes, um exemplo é que se as mulheres não se casassem virgens seriam desprezadas e marginalizadas. Portanto, o texto revela uma visão machista e patriarcal da sociedade que limitava a liberdade e a autonomia das mulheres.

Helena Parente Cunha apresenta como se deu o processo de preparação das meninas para o casamento ao propor debates muito fortes sobre o assunto. No trecho que segue, podemos verificar as personagens sendo lapidadas para os afazeres domésticos. A menina pintora se sente pressionada a aprender o que era posto e conta com ajuda de sua amiga aplicada, menina loira, que sempre apresentasse de maneira dedicada no que se refere à preparação para ser dona de casa. A motivação e preparação para serem donas de casa iniciava-se na infância, eram influenciadas por brincadeiras, uma espécie de exercício para o futuro. O trecho a seguir apresenta esse processo:

Eu tinha que aprender a cozinhar. Porque quando eu me cassasse. A menina deve se preparar desde cedo para ser uma boa dona-de-casa. Eu tinha que teria de aprender a costurar. Por que quando eu me cassasse. Eu tinha que. Eu teria de. Bordado à mão trabalhos manuais. Me casasse asse as. Teria. Aprendia. Ia. Um dia. [...] Minha amiga loura disse que não adiantava chorar e prometeu me ensinar a fazer bolo [...] Eu tinha que ter muito cuidado. Teria que aprender a fazer bolo para quando eu me cassasse. Meu marido poderia gostar muito de bolo. [...] Quando eu me casasse tinha que teria de ter cuidado (Cunha, 2009, p. 50).

Outro aspecto importante sobre as histórias das personagens é que estão relacionadas à sexualidade, o romance de Helena Parente Cunha apresenta muitos pontos sobre esse debate, nesse viés, as personagens em estudo tinham opiniões divergentes sobre o tema. Entretanto, é importante considerar que o período no qual se desenrola a narrativa é contextualizado pelo patriarcado, com isso, as mulheres não poderiam falar abertamente sobre assuntos como sexo, por exemplo. Atualmente, apesar dos avanços do feminismo, esses debates ainda são considerados tabus por muitas pessoas por acharem que não é algo que precisa ser debatido

ou exposto para a sociedade, assim, muitas mulheres ainda não conseguem debater abertamente sobre esse tema, e entre os fatores estão as crenças sobre temas como a virgindade. Helena Parente Cunha apresenta como era tratado esse assunto no romance por meio das quatro amigas que, apesar dos nãos que eram impostos, descobriam o prazer, mesmo sabendo que não era permitido. Para tanto, as personagens apresentadas no trecho a seguir podem ser consideradas transgressoras, de modo que a menina negra, menina dos olhos verde, a menina pintora e a menina cabelos cor de fogo, mostram-se indiferentes apenas à menina loura:

Nós tínhamos dez anos. Minha amiga dos olhos verdes dizia que era bom. Não tinha nada de coisa feia e nós poderíamos fazer. Os olhos dela eram dois minerais incendiados. Duas folhas de hortelã molhadas. Ela dizia mas nós não sabíamos a gente põe o dedo assim. Pra lá e pra cá. Passando e pulsando. [...] Latejando breves curva. As cores de nossos olhos subiam em rápido fechado. Nossas vozes recolhidas em pequenos ninhos [...] Nossas mãos doze flores vermelhas. Nossas pernas cintilavam no quarto. [...] Quatro meninas de dez anos em busca do fundo do corpo. Madrugada de desejos e passarinhos no espreitando de voar. Lá fora vozes bem longe se arrastavam. Pra lá e pra cá. Era bom. E não tinha nada de coisa feia? De repente do outro lado da porta a voz da menina loira. Se espremendo ao lado de outra voz estreita. A voz se estreitou mais no abrir simultâneo da porta. Nossas pernas e estreitaram no se apagou da estrela em nossa mão (Cunha, 2009, p. 54).

A menina dos olhos verdes narra o episódio em que ela e suas amigas exploraram seus corpos e sensações, desafiando as regras impostas pela sociedade. Desse modo, a personagem conta como elas se tocavam e se entregaram a uma experiência íntima, mesmo sabendo que era um tabu. Havia, nelas, o desejo de explorar o mistério de seus corpos. A passagem, portanto, apresenta as personagens como totalmente violadoras do sistema patriarcal, que tenta controlar e reprimir a sexualidade, e por mais que vozes tentassem proibi-las, não conseguiram impedi-las de se libertarem das amarras sociais e experimentarem o que desejavam.

Além da sexualidade, o romance ainda traz debates relacionados aos estudos de gênero, elucidando que a sociedade da qual as personagens faziam parte era dominada por homens detentores do poder sobre as mulheres. Nesse sentido, acabamos por refletir que os homens sempre puderam escolher quais profissões seguir, podendo trabalhar em qualquer ambiente sem serem questionados, enquanto as mulheres, durante muito tempo, foram silenciadas sem poder escolher que caminhos seguir, suas vidas estavam resumidas apenas à família. Foi a partir da década de 1980 que surgiram os primeiros debates sobre o feminismo, assim, com o surgimento das ondas do feminismo, a vida das mulheres tomou outra direção.

Em *As doze cores do vermelho* (2009), autora procurou mostrar como era retratada a escolha das profissões das personagens e as desigualdades de gênero existentes:

Desde que eu era muito pequena sempre dizia que quando eu crescesse queria ser pintora. Vozes rangiam que mulher tem que colocar em primeiro lugar o lar. E pintar? Família marido filhos casa eu tinha que me preparar. Eu dizia que também que queria pintar. Vozes se quebravam em suadas ruminações. A esposa deve se dedicar e servir. Pintar só se meu marido consistisse? Por que consentir? Minha amiga dos olhos verdes seria escritora mesmo que o marido não quisesse. [...]A menina loira queria aprender a pintar porcelana para quando se cassasse poder enfeitar a casa. A menina negra não queria casar. Eu queria casar com um pintor [...] Eu escutava que os pintores eram boêmios e não gostavam de se casar. Minha amiga dos olhos verdes dizia que ser boêmio não tinha nada de mais. Eu disse que queria ser boemia. Por que não podia? (Cunha, 20009, p. 60).

Ainda explorando sobre os sonhos e desejos das personagens, comprehende-se que suas vidas refletiam seus sonhos, como por exemplo, se formar ou seguir a vida de dona de casa. Seus futuros até aqui permaneciam incertos. Nesse trecho, são evidenciadas as profissões que as personagens desejam seguir e indagações sobre o que a sociedade esperavam delas, esse impasse sobre o futuro foi bem enfatizado pela autora. Outrossim, por meio das histórias de cada personagem, é possível que tenhamos um reflexo de como poderá ser esse futuro das meninas:

Nós falávamos do que falávamos. O que íamos ser quando saíssemos do colégio e o que íamos estudar não estudar e fazer e não fazer. A menina dos olhos verdes ia ser jornalista. A menina negra ia estudar medicina. A menina loura namorava um rapaz do último ano de arquitetura e ia ficar noiva na formatura dele e ia ser dona de casa [...] Falávamos do que falávamos. Noivado faculdade véu grinalda diploma. O futuro era um arco suspenso acessível a nossos desejos [...] Ou casa ou estuda por quê? Vozes eram vozes que havia e mastigavam o que haveria de haver. Por que era melhor casar e ser rainha do lar? A menina dos cabelos cor de fogo era puta na rua das putas. Por que ela não podia casar? Por que não podia estudar? Eu queria me casar. E me dividiria entre cuidar da família e pintar. Eu minhas colegas falávamos do que falávamos (Cunha, 2009, p. 88).

Por meio do trecho, podemos identificar que tanto a menina pintora quanto a menina loura mostravam interesses pela carreira profissional, mas também pensavam em casar-se, por mais que a vida de dona de casa pudesse tirá-las do caminho, representando um desvio de identidade. Quanto à menina negra e à menina dos olhos verdes, validavam quais profissões seguiriam, enquanto a menina dos cabelos cor de fogo tinha futuro e profissão incertas devido aos estereótipos existentes em torno da figura da mãe, os quais acaba recaíndo sobre ela.

Por mais que as personagens tivessem um caminho a prosseguir, a personagem menina dos olhos verdes quebra o padrão imposto pela sociedade ao engravidar na adolescência. Ademais, ainda que as personagens demonstrassem coragem em alguns momentos, como tentar sair da condição de serem dominadas e passassem a tentar conquistar seu lugar de fala na sociedade, eram condenadas pelas próprias ações e convicções. Ressalta-se que, se olharmos sob um viés contemporâneo, verificaremos que mesmo existindo estudos sobre as mulheres, destacando suas lutas por meio do movimento feminista ao longo dos anos, ainda é pertinente frisar que existem milhares de mulheres que sofrem preconceito por serem diferentes e por não seguirem o padrão, por exemplo, casar-se virgem ou se dedicar exclusivamente ao lar, como é destacado romance. A citação seguinte elucida o comportamento dado a personagem menina dos olhos verdes ao engravidar ainda muito jovem:

No pátio da escola eu e minhas colegas falávamos e dizíamos e afirmávamos. A menina dos olhos verdes expulsa da escola porque estava grávida. Regulamento punição expulsão tão e tão. Não. Não era justo. Era certo? Grávida e expulsa. Ia ter o filho não ia. Ia fazer aborto não ia. Rua das putas mãe solteira vergonha. [...] Quem tem coragem de fazer aquilo? Quem deixava o namorado passar aquilo na perna? Quem pegava naquilo? [...] Não podia se esfregar. Se fizesse aquilo ficava grávida. A menina dos cabelos cor de fogo por que ela não ficava grávida? [...] Nós éramos nós íamos ser. Nós seríamos. [...] Uma menina não era uma moça. Mulher (Cunha, 2009, p. 102).

Um aspecto importante nesse trecho é o fato de as meninas reagirem de forma surpreendidas ao descobrirem sobre a gravidez da colega menina de olhos verdes. Diante disso, por mais que se mostrassem a frente do seu tempo, é como se não expectassem o acontecimento vindo por parte dela. Com isso, entram em cena as indagações sobre a menina dos cabelos cor de fogo por ser filha de uma puta, é como se já fosse algo esperado. A sociedade condena as mulheres, muitas vezes, sem ao menos conhecer as histórias, no trecho, a personagem menina pintora questiona o porquê de a colega ser expulsa e o porquê de não ter relações sexuais antes do casamento. Dessa maneira, isso retrata o que a sociedade repassava para as jovens sobre sexo, gravidez. Esse recurso era usado para incentivar a não prática do ato sexual e o uso de contraceptivos, tendo em vista que por muito tempo as mulheres só tinham apenas uma única função: reproduzir, o que implica dizer que deviam seguir à risca todos os padrões da época em para serem dignas de formar uma família.

Em virtude do que foi apresentado sobre a vida das mulheres descritas por Helena Parente Cunha, isto é, escolhas, carreiras e sonhos, refletiremos sobre como finalizou a infância das meninas que aqui foram apresentadas, verificando o deslocamento das

personagens para o próximo ângulo que apresentará uma nova fase na vida das personagens. Contudo, não se pode esquecer que, no primeiro ângulo, ainda estão com as identidades em curso, se construindo na medida que as personagens se conhecem e se aceitam como mulheres detentoras de suas vidas, cabendo a elas decidirem o próprio destino. A menina pintora apresenta a luta das personagens em sair do lado de *cá*, que representa a opressão, e seguir rumo ao lado de *lá*, que representa a liberdade:

Eu pedalava no meu carrinho vermelho. Quatro cantos de passarinho [...] Vozes repetiam que eu não podia andar de carrinho na ladeira [...] A ladeira seria se fosse um novo ritmo. Proibido descer a ladeira de carrinho. O lado de cá o lado de lá. No lado de cá pode. Não pode no lado de lá. [...] por que não podia? No alto da ladeira eu via a precipitação de cores de sem repouso e apelos e quatro casas de janelas. [...] Por que na ladeira não? No alto da ladeira eu estava no alto ladeira. A ladeira era mais além. Por que não podia? Eu tinha medo. Eu ia eu fui eu fosse (Cunha, 2009, p. 106).

No final do trecho, identificamos que a ladeira descrita representa a tomada de posição da personagem, na qual começa se questionar sobre o porquê de não poder conhecer o que existe além do lado de *cá*. Convém mencionar que o lado de *cá* representa a sociedade castradora e o lado de *lá*, a busca por independência, a tão sonhada liberdade. Consequentemente, ir em direção à ladeira revela a disposição em lutar pelos direitos enquanto mulher. Isso reflete não apenas a história da menina pintora, mas também as outras personagens que foram apresentadas.

3.3 Processo de Formação das Identidades das Sujeitas

Nesse tópico, iremos entender como se dá o processo de formação das sujeitas da obra *As doze cores do vermelho*, de Helena Parente Cunha. Para isso, iremos nos atentar ao segundo ângulo da obra que traz as personagens sob uma perspectiva adulta. Nesse ângulo, direcionaremos as personagens por meio dos nomes: mulher pintora, amiga loira, amiga jornalista, amiga médica e amiga cabelos cor de fogo.

No segundo ângulo da obra, as mulheres, em questão, estão em um processo de formação de identidades, algumas ainda em transformação, descobrindo-se como mulheres fortes e detentoras de um poder que desconhecem. Quando falamos em formação de identidades, logo retomamos aos pensamentos de alguns estudiosos que foram apresentados nesse trabalho, como Alves e Pitanguy (1991), os quais afirmam que quando falamos em estudos de identidade, imediatamente ponderamos que o processo está diretamente

relacionado ao de decisão dos indivíduos dentro da sociedade, como agem ou pensam, podendo ser influenciados por ideologias impostas pela sociedade.

De igual modo, Hall (2014) foi outro estudioso que também ponderou sobre os estudos voltados para identidade. De acordo com os debates do autor, o sujeito pode ser detentor de várias identidades, não se prendendo apenas em uma, e que essa identidade pode passar por transformações, na medida em que a sociedade avança, portanto, esses sujeitos podem se fragmentar e essa fragmentação pode estar relacionada ao seu autoconhecimento como indivíduo. Levando em consideração esses e outros debates apresentados nessa dissertação, iremos analisar as personagens da obra de Helena Parente Cunha, que se apresenta em processo de evolução, isso é observável na mediada que avançamos ângulo a ângulo.

Esses debates permitem-nos repensar sobre a posição de cada uma das personagens de Helena Parente Cunha dentro da obra, haja vista que no ângulo dois e três apresentam as vivências no presente/futuro e, a partir dos estilos de vida, é possível conhecer as evoluções enquanto mulheres dentro do romance.

No ângulo dois, a personagem mulher pintora, já na condição de casada, relata sua escolha entre dedicar-se à carreira de pintora ou seguir como dona de casa, apenas se dedicando a trabalhos que não fossem relacionados à pintura, como atividades relacionadas à casa e aos cuidados com os filhos. No trecho seguinte, é possível verificar o descontentamento da personagem em ter que desistir do sonho de ser uma pintora de sucesso, por imposição do marido, que não acreditava no potencial dela como artista. A personagem, nessa passagem, mostra-se vinculada à vida de dona de casa, demonstrando-se como uma boa esposa e obediente ao marido:

Ordem ordenado ordenação ordenado tudo preparado. Você olha o seu cavalete fechado. Seu marido deixou você trazer o cavalete mas você prometeu nunca mais pintar. Nunca mais? Lembrança recordação. Você lembra quando você queria pintar a cor da chuva. O vento move a barra da toalha posta. [...] Você corre até a porta. Você pega a pasta preta do seu marido (Cunha, 2009, p. 17).

Ao analisar progresso identitário da personagem mulher jornalista, conseguimos percebermos que, desde o primeiro ângulo, ela apresenta-se como uma personagem de personalidade forte, demonstrando não ter medo da sociedade, sempre um passo à frente das amigas. No ângulo dois, podemos constatar a evolução da personagem como mulher que se mostra ainda mais intensificada. É possível, pois, perceber uma mulher questionadora de temas considerados polêmicos pela sociedade da época:

Sua amiga jornalista vai a seu apartamento. Os olhos verdes duas folhas de hortelã acesas. Você admira sua maquiagem e seu cabelo feito no salão penteados [...] Você não tem dinheiro para ir ao salão de beleza [...] Sua amiga fala mas experiências da vida amorosa de desquitada e nas facilidades da vida financeira. E fala de suas reportagens que questionam os mecanismos responsáveis pela opressão da mulher denunciam as estruturas sociais-políticas-econômicas geradoras das milhares de prostitutas das grandes cidades (Cunha, 2009, p. 23).

Por possuir um perfil desafiador do sistema patriarcal, cai sobre a mulher jornalista o papel de mostrar o caminho às demais personagens, entre elas, a amiga pintora que vive insatisfeita com a atual condição, visto que, por mais que tenha um trabalho de meio período, redigindo cartas comerciais em um escritório, ainda não se sente realizada como mulher. Dessa maneira, o papel da amiga jornalista é influenciar a pintora a sair da condição de subjugada para continuar com a pintura dos seus quadros e tentar convencê-la a expor em uma galeria:

Sua amiga insiste para você organizar os quadros da exposição individual. Sua amiga diz que o dela amigo crítico espera que você telefone. Você não tem coragem de dizer que não tem coragem de mostrar a ninguém os quadros que ninguém entende. Você não mostra à sua amiga o conto da cigarra estelar. Sua amiga vai embora e você fuma pensando nas cartas comerciais que você redige (Cunha, 2009, p. 23).

O trecho acima só evidencia a falta de confiança da mulher pintora em seguir sua jornada como artista, assim, um dos motivadores da personagem não conseguir seguir em frente é o olhar de negação do marido que, no decorrer da obra, mostra-se incrédulo na profissão da esposa, isso, inclusive, é observável no primeiro ângulo quando a personagem apenas se relacionava de maneira inocente com o futuro marido.

A vida da mulher pintora resumia-se apenas a cuidar da família e a um emprego que não gostava. É importante salientar que por mais que ela tivesse dúvidas sobre o matrimônio²³, e de como sair da situação na qual estava inserida, vivia um impasse entre o lado de *lá* e o lado de *cá*. Diante disso, os arrependimentos eram constantes em seu dia, e por mais que o esposo nunca tivesse apoiado seus sonhos, ela encontrava força nas outras mulheres para seguir:

²³ A sacralização do matrimônio tem origem na igreja cristã medieval, quando tinha como único fim a reprodução. O casamento era tido como um contrato desigual, na qual a mulheres deviam obediência ao marido, e era visto através de vários discursos como a única maneira da mulher se realizar, através dos papéis de esposa e mãe, contudo, muitas acabaram por se sujeitar em relação ao sexo oposto. (Dicionário crítico de gênero, 2019, p. 171-178).

A família em primeiro lugar e as camisas de seu marido e o almoço das meninas e a pracinha, mas o relógio. De noite você não tem tempo para pintar seus quadros. você está cansada? Por que você está chorando? [...] Você se arrepende de não ter ido ao ateliê do pintor boliviano que viu um trabalho seu e disse que você tem talento. Você quer saber a verdade dos dois lados. Por que você não consegue fazer a sua pintura do lado de cá? Você sente aquela dor no estômago. As escondidas você liga para sua amiga médica. Restringida e sequer. Você se revolta porque seu marido não gosta de gente negra (Cunha, 2009, p. 31).

As personagens de Helena Parente Cunha acabam fazendo com que reflitamos sobre o papel da mulher na sociedade, esse aspecto acaba por direcionarmos a obra *Mística feminina*, de Betty Friedan (2021), que fez parte da chamada segunda onda do feminismo, trazendo debates sobre como as mulheres enxergam papel que possuem dentro da sociedade.

Como já foi apresentado neste trabalho, a mística era considerada um manual no qual as mulheres eram educadas para o matrimônio. No caso da mulher pintora em estudo, é possível destacar que acaba priorizando os afazeres domésticos, como renunciando a carreira. No trecho apresentado, constata-se que a mulher pintora, apesar de ter deixado o lado de *lá*, que representava sua liberdade profissional, ainda permanecia presa no lado de *cá*, não conseguindo viver o lado de *cá*, que é representado por sua vida como mãe e esposa, sem um lugar para conseguir revelar sua verdadeira identidade. Esse conflito de identidade acaba nos remetendo ao que Woodward (2021) chamou de crise de identidade: “Mesmo que o passado que as identidades atuais se reconstroem seja, sempre apenas imaginando, ele proporciona alguma certeza, em um ambiente de mudança e incerteza” (Woodward, 2022, p. 25). A pesquisadora faz com que vejamos a personagem como possuidora de uma identidade em construção em conflito, entre dois lados distintos.

Ainda sobre a carreira da mulher pintora, é importante mencionar que, no segundo ângulo, é constante a reflexão de um futuro ilusório, em sonhos que nunca se realizaram e que só são vivos nos pensamentos da personagem, e isso, contudo, acaba por atormentá-la. No romance *As doze cores do vermelho*, de Helena Parente Cunha, as mudanças nas personalidades das sujeitas estão associadas ao que Hall (2014) chamou de nascimento do sujeito moderno, que está vinculado à ideia de que as identidades eram consideradas absolutamente unificadas, e que nos dias atuais mostram-se totalmente modernas (Hall, 2014, p. 17). Na citação abaixo, é possível analisar o momento em que a personagem tem essa tomada de consciência:

Você fica sozinha quando está sozinha. Insônia de olhos abertos [...] Os olhos dele fechado os de você olhos abertos mais. Você olha as paredes do apartamento de dois quartos estrito espaço para as suas cores. O carro que

você não tem. Rodar rodas círculos que você não tem. Seus quadros nas paredes de suas paredes. Telas empilhadas um e um em cima de um e mais 1e 1 [...] Você vai a sala e acende a luz. Você quer muitas luzes. Galerias medalhas prêmios bienais coletivas individuais jornais tevês viagens seu nome em grande letra. Insônia nos olhos abertos. Sonho de antigo sonho mas você presa nas paredes de suas paredes [...] E se o invisível que você ver não estiver no visível que você mostra ? Muito medo de mostrar seu você-é no você-vê (Cunha, 2009, p. 39).

O trecho foi apresentado traz uma mulher vivendo uma crise de identidade, na qual vivendo em outro tempo, não consegue seguir sem recordar o que a opõe. Ademais, o apartamento da personagem pode ser interpretado como cativeiro o qual não a permite avançar, onde suas cores se desbotam juntamente com os quadros empilhados sem vida à espera de uma luz para desabrochar. A mulher pintora pensa em como seria sua vida se ela tivesse seguido seu sonho de estudar na escola de Belas Artes. As reflexões, portanto, mostram que, muitas vezes, ela está tomada pelo medo e acaba não demonstrando o verdadeiro eu.

Como já foi apontado neste trabalho, as personagens possuem uma ligação, proposto por Helena Parente Cunha em seu romance. Assim, as histórias se entrelaçam entre uma página e outra, e, apesar das personagens possuírem personalidades diferentes, compartilham desde cedo infâncias, dificuldades, dúvidas e opiniões. Essa união se estende até a fase adulta, no entanto, ainda que as mulheres tenham enfrentado problemas na infância, ainda permanecem determinadas a dialogarem sobre temas considerados polêmicos. Ao verificarmos a citação abaixo, poderemos perceber que a autora demonstra que as personagens, ao articularem sobre temas considerados sensíveis, demonstram que por mais que o sistema insista em calá-las, acaba provando que as sujeitas estavam se redescobrindo e se transformando:

Você recebe a visita de suas amigas. Vocês e risos [...] Chazinho bebidinha docinho conversando-zinhas. A reportagem sobre as mães solteiras. As fábulas de La Fontaine no original. O melhor método para evitar filhos. Desacertos conjugais. Acertos extra-conjugáveis. Casadas. Solteiráveis. A mãe de família é a rainha do lar. A mulher precisa ter muitas experiências sexuais. Risinho. Risada de revoadas resantes. Certos. Incertos (Cunha, 2009, p. 41).

Conforme Woodward (2021), as identidades podem, ao longo do tempo, sofrerem mudanças, esse fato acaba fazendo com que os indivíduos repensem sobre eles mesmos. Além disso, ao tomar consciência de suas experiências, fragmentam-se: “Podemos viver, em nossas vidas pessoais, tensões entre diferentes identidades quando aquilo que é exigido por uma identidade interfere com as exigências da outra” (Woodward, 2021, p. 32). Com base no que

a pesquisadora afirma, iremos verificar o momento em que a mulher pintora e a mulher loira começam a tomar posição no que concerne o rumo das próprias vidas, isso é reconhecível no momento em que as personagens decidem se aperfeiçoar ao iniciarem os estudos. Sabendo que as sujeitas estão inseridas em uma sociedade patriarcal, sabe-se que a obrigação delas deveriam apenas ser a de servir aos maridos e ao lar.

Nesse contexto, ao analisarmos a personagem mulher loira, verificamos, por meio do trecho, que ela inicia um processo de fragmentação de si, quando inicia uma nova fase na vida, no entanto, por ainda existir um impasse entre o *lá o cá*, ainda são alimentados pensamentos que representam o sistema patriarcal:

Você e sua amiga loura estudando para o vestibular da escola de belas artes. Quebra de rumos. Horizontes entreabertos. [...] A letra redonda mensurada de inserções fechadas. Margens de duas cores feitas à régua nas folhas dos cadernos. [...] Antes da aula você encontra o pintor boliviano. Ele quer apresentar a você ao cônsul para uma exposição no seu país. Ele vai recomendar você a um amigo. E convida você par ir ao ateliê ver os últimos quadros. Você vai para a sua aula no cursinho. Sua amiga loura dizendo que mulher casada deve se dar o respeito. De noite você quer estudar mas a menina menor não sabe armar o jogo dos três ursinhos e começa a chorar. A menina maior põe o som muito alto e dança no meio da sala. [...] As meninas já estão dormindo e você senta para estudar. Seu marido guarda as fichas e vai para o quarto sem falar com você. Cicatrizes (Cunha, 2009, p. 53).

Diante do que foi apresentado neste trabalho, as mulheres possuem uma ligação a qual faz com que elas dividam as angústias e os sonhos. No trecho que segue, é possível perceber que a amiga jornalista, que demonstra ter uma personalidade além do seu tempo, sempre apresenta os vários caminhos que a mulher pode seguir. Helena Parente Cunha deixa claro em toda a obra que a personagem mulher jornalista carrega o que podemos definir como representação. A mulher jornalista é, portanto, uma figura central na narrativa, pois, por meio dela, as outras personagens se inspiram e se motivam a buscar novos horizontes e desafios. Ela representa a força e a determinação femininas, bem como a capacidade de transformar a realidade ao seu redor. Ressalta-se, ainda, que a representatividade²⁴ faz com que reflitamos no que Silva (2021) argumentou sobre a identidade e a diferença, que podem ser fortemente ligadas à representação, ou seja, quem tem o poder poderá determinar e definir a identidade,

²⁴ Importante refletir que o ato de “representar” implica uma série de possibilidades, por exemplo: para Jaime Ginzburg (2001), pode significar fazer as vezes da realidade; para Roger Chartier (1990, p. 10), é “instrumento de um conhecimento mediador que faz ver um objeto ausente através da substituição por uma imagem”; para Pierre Bourdieu (2008), representar significa lutar pelo monopólio da visão legítima do mundo.

dessa forma, a representação acaba por ocupar um lugar central na teorização do contemporâneo sobre os estudos e movimentos ligados à identidade (Silva, 2021, p. 91).

Outrossim, pensando sobre o papel da representação da mulher jornalista, a personagem mulher pintora acaba por sentir-se afetada no que tange as afirmações da amiga, percebendo que essas “mutações” fazem parte do próprio eu ao se deslocar completamente para o lado de *cá*, destarte, passando a ser outra:

Você recebe as visitas de suas amigas idas e vindas em tempos de cá e lá[...] Sua amiga jornalista vai recomendar você ao dono da galeria da praia. Os olhos verdes se desdobram em folhas de hortelã [...] Sua amiga não quer mais compromissos amorosos. Você fica pensativa quando sua amiga diz que sai com quem quer e trepa com quem gosta. Você não diz e dissesse que a mulher só se realiza no amor se conhecer muitos homens e transar muitos paus. Você começa a chorar quando ela diz dissera que você está perdendo mutações e cambiamentos e cambiantes nuances [...] Irreversíveis idas perdidas. Os gritos do lado de lá em sua cabeça prometida. Seu pulso é um passarinho desmaiado (Cunha, 2009, p. 67).

No que concerne a história da amiga prostituta, o elo criado entre ela e as outras é mantido através do olhar da sociedade que a condenava ainda criança. Com isso, evidenciamos que por ela ser filha de uma prostituta, era desprezada, e, mesmo na fase adulta os reflexos da infância dolorosa se refletiam no presente. Outro ponto é quando autora usa os termos “laços” e “elos”, fazendo-nos entender que por mais que a vida de personagens fossem diferentes, eram ligadas, e por mais distantes que estivessem, pareciam estar sendo puxadas ao lado de lá:

A voz de sua amiga prostituta do outro lado. O outro lado do lado de lá. Ela prefere telefonar quando seu marido não está em casa. Se um marido não gosta de mulher aquela. Os laços e os elos e os nós você espremida no espaço escasso [...] o marchand que ido à casa da mulher dos cabelos cor de fogo quer comprar o quadro [...] As águas unindo o lado de lá o lado de cá. Seu marido chega e escuta as fulgurações. Você se assusta com a dele voz estreita e comprida [...] Dizendo dito que amiga de puta puta é (Cunha, 2009, p. 69).

Observa-se que a mulher jornalista tem um papel importante no processo de emancipação das outras, isso porque mostra-se forte e resoluta, além disso, apresenta as possibilidades existentes ao romper com o lado de *lá*. Não podemos esquecer de outro aspecto interessante, que é a personagem sempre debater sobre assuntos importantes para as mulheres, como liberdade econômica, relacionamentos, entre outros assuntos. Helena Parente Cunha traz a jornalista em várias passagens da narrativa com responsabilidade de orientar as personagens a conseguirem se libertar, a mudarem, ou seja, aprenderem a ressignificarem a própria vida:

Sua amiga dos olhos verdes entra sem seu apartamento com uma revista na mão. E lhe mostra o artigo que ela escreveu sobre meninas que não são mais virgens. Verticalidades explodidas rompimento ruptura. Você se assusta porque ela defende a emancipação da mulher desde os primeiros anos. Laços elos cadeias correntes. Quebradas quebrados. Quebranças [...] Você pensa nos dois lados. Excesso lá e cá [...] De que lado você quer ficar? Você não quer aqui nem ali nem o meio dos receios. Você tem que decidir. Onde o grito onde calo [...] Você e sua amiga escolhem os quadros que irão para o dono da galeria da praia [...] Você aperta a mão de sua amiga. De que lado você vai ficar? Final de afinal? (Cunha, 2009, p. 75).

Ainda falando sobre o processo de fragmentação das personagens, conseguimos verificar que a mulher pintora e a mulher loira, passam juntas pelo processo de fragmentação de suas identidades, primeiro quando começam a estudar juntas e, segundo, quando vivenciam a traição: “Você pensa e não pensa no seu marido e na sua amiga loira” (Cunha, 2009, p. 77).

Tendo em vista que ao leremos a obra de Helena Parente Cunha, acabamos nos deparando com a figura de menina/mulher perfeita representada pela amiga loira, sempre seguindo os padrões e, muitas vezes, discordando das amigas, respeitando os princípios que a mulher é considerada a rainha do lar. A personagem mulher pintora, por mais que em alguns momentos do romance se mantenha indecisa entre o lado de *cá* o lado de *lá*, tenta manter a essência como uma fiel dona de casa, respeitando os princípios e amizades. Um aspecto importante a ressaltar é que a infidelidade, tema debatido na obra, não é algo aceito em sociedades consideradas patriarciais. A personagem mulher pintora, até certo momento da obra, mantém-se fiel ao marido, submissa a seu marido e à família e vai, no decorrer do romance, criando uma nova identidade, mas que, com passar do tempo, essa identidade acaba se fragmentando, isso é possível de identificar no trecho que segue, ao mostrar o momento do rompimento com padrões prescritos pela sociedade conservadora e com os elos:

O telefone toca. A voz de gruta ensolarado do seu amigo arquiteto marido de sua amiga loira. [...] Você pensa e não pensa em seu marido e na sua amiga loura. Você pensa e não pensa nas vozes referentes perfurantes. Fidelidade e adultério mulher de respeito respeita o marido. Seu amigo no telefone é uma voz inundando as cavidades do seu desejo. Luz na gruta. [...] Presa e solta ligada e desligada ao fio do telefone. Seu ouvido estremece no sopro distante próximo da voz que diz mais dizendo transposições voar e ainda o cheiro de folhas penetradas no canto das cigarras penetradas e o canto das cigarras morenas nas alamedas profundas e as fulgurações de doze estrelas recentes. Você não vê seu marido chegar devagarmente devagar e olhando você com os dele olhos de baixo olhar estreito. Você retém onda e luz e fixa a pasta preta. Seu marido se tranca no quarto e você desliga o telefone. As vozes perfurantes. Adultério adultera puta. Você decide não mais se encontrar com o arquiteto de barba grisalha (Cunha, 2009, p. 81).

O trecho apresentado nos direciona a Hall (2006), que afirma que todos os dias somos empurrados a diferentes direções, o que acaba nos remetendo a identificações temporárias, pensar numa identidade plenamente unificada seria, portanto, incoerente e fantasioso, isso reflete as ideias de Silva (2000) o qual aponta a instabilidade e a fragmentação do sujeito, de modo que as mudanças dos valores na sociedade moderna levam o sujeito à fragmentação.

O segundo ângulo é representando pelo processo de amadurecimento das personagens enquanto sujeito, no qual começam a ver o mundo sob outro ângulo, impondo-se e deixando os ‘eus’ verdadeiros fluírem. Essas descobertas podem fazer com que se perca a essência do indivíduo, causando a fragmentação, como aconteceu com as personagens de *As doze cores do vermelho*. Silva (2021) afirma que a identidade não é definitiva, isso implica dizer que mesmo que os sujeitos estejam certos de quem são, em um momento ou outro, podem se instabilizar: “Você desfaz lações e elos e nós? [...] Você pensa nem pensasse [...] Sua vida seus rios suas fozes [...] O sinal vermelho é abismo em verticais sem horizontais nem fundo. [...] É proibido avançar o sinal vermelho” (Cunha, 2009, p. 103). Nessa passagem, é notável a possibilidade de o sujeito se transformar e se recriar a partir de sua trajetória de vida, e a identidade não é algo fixo ou imutável, mas depende de diversos fatores que interagem entre si, como as vivências pessoais, as influências sociais, os valores culturais, o autoconhecimento e a reflexão sobre a própria identidade. Assim, o sujeito é capaz de se reinventar, adaptar-se e se expressar de diferentes formas, conforme as circunstâncias e os contextos em que está inserido.

3.4 As Diferentes Identidades em Construção das Sujeitas no Contexto Contemporâneo

No último ângulo do romance, conheceremos o futuro das personagens que foram apresentadas, momento que a protagonista mulher pintora nos mostra o seu destino e o das demais mulheres no romance. A partir desse ângulo testemunharemos os acontecimentos que passaram por suas vidas no futuro. Poderemos constatar como se deu o processo de evolução das personagens, que já na fase adulta são capazes de reconhecer e se reconstruir na medida que entendem que a mudança é necessária, para que possam ser livres, mostrando-se bem à frente do seu tempo, caminhando rumo à contemporaneidade.

A amiga Jornalista, durante toda a sua trajetória, mostrou-se a frente do seu tempo e buscou mostrar infinitas possibilidades de liberdade, seja por meio de ações ou do que ela acreditava, tentando mostrar um mundo diferente às amigas. Com o auxílio dessa insistência

e da quebra de padrão, a jornalista tenta mudar o posicionamento da protagonista e das outras mulheres no que diz respeito ao casamento e à submissão, mostrando que elas podem ultrapassar a submissão e seguir rumo à emancipação:

Amiga dos olhos verdes dizendo que fazer sexo com muitos homens é uma necessidade biológica e psíquica da mulher que precisa se libertar da sujeição ancestral. Amiga loura afirmando que a mulher de respeito deve respeitar o marido e que o prazer sexual não é decisivo para o casamento dar certo. Amiga dos cabelos cor de fogo abaixando a cabeça e os cílios em reverberações silenciosas. Amiga negra sorrindo transcendente atrás dos óculos irrestritos. Ela olhará as filhas crescendo. Estórias de meninas que se casam com príncipes e eram felizes para sempre [...] Ela buscara ainda onde começa o arco-íris e onde acaba (Cunha, 2009, p. 19).

Mesmo as mulheres já adultas ainda vivem a dualidade entre que lado seguir, o de *cá* ou de *lá*, ainda que não fossem mais totalmente pertencentes ao lado de *lá*, as personagens viviam sempre tentadas a retornar. A sociedade na qual as personagens pertencem trazem o casamento como uma das mais importantes realizações da vida da mulher, na maioria das vezes, fazendo as mulheres desistirem da vida acadêmica ou artística:

Ela terá muitos medos e muitas coragens. O lado de lá e o lado de cá. Nos dois lados as cores transbordarão mais luminosas e mais sombrias. Ela buscará conservar as cores do seu casamento. Vozes farão muito ruido dos dois lados [...] Elos e nós em desatadas impregnações [...] O lado de cá é aqui e o lado de lá é ali. O meio cheio de receios. Cá e lá. Nem. Procedências e desembocaduras. Ela dará o salto (Cunha, 2009, p. 21).

Se olharmos os acontecimentos em nossa atualidade o que Helena Parente Cunha apresenta na obra em estudo, possível perceber que eles ainda se mantêm presentes em nossa sociedade, isso porque as mulheres, muitas vezes, por medo de serem criticadas e não aceitas, desistem dos sonhos e optam por fazerem escolhas diferentes, somente para serem aceitas. Nesse sentido, o romance que traz debates das décadas de 70 e 80, analisado nos dias atuais, mostra-se totalmente contemporâneo por mostrar que mesmo com o passar dos anos possui temática inovadora, apresentando muitas mulheres que vivem ou viveram situações parecidas com as das personagens.

Destaca-se que a amiga loira em todo o romance possui um comportamento muito divergente das outras personagens no que diz respeito a seguir padrões e não conseguir aceitar o posicionamento das demais. Esse desejo da personagem de aceitação da sociedade, acaba fazendo-a refletir sobre a família e as amizades, pois mesmo com o passar dos anos, ainda se mantém presa às tradições patriarcais, e acaba querendo repassar esses ensinamentos. Isso é

notável, por exemplo, na insistência que faz à filha para seguir os mesmos passos que ela, como uma espécie de proteção: “A amiga loura repetindo que pode estudar na escola de belas artes porque a filha será interna em um colégio de freiras para se acostumar a ter disciplina na vida [...] Amiga loura por mais que aprenda nunca aprenderá nos seus céus azuis sobre a paisagem verde” (Cunha, 2009, p. 23). Após a leitura desse trecho, podemos verificar que a mulher pintora insinua que amiga, por mais que possua conhecimento, não consegue ver o que está além das outras paisagens, em outras palavras, não conseguirá sair da mesmice na qual vive, e acaba puxando a filha para a mesma posição de aprisionamento.

Com isso, é possível entendermos de acordo com o que Silva (2014) chamou de processo de produção da identidade, no qual a identidade tende a oscilar entre manter-se estável ou desestabilizá-la” (Silva, 2014, p. 84). Tal observação pode ser verificada em outro momento, quando a amiga loira tentará persuadir a amiga pintora a lutar pelas causas que acredita, como entrar em grupos de senhoras de família que lutam em defesa de moças solteiras - uma espécie de organização que orienta as mulheres a não se perderem, ou seja, a serem obedientes:

A voz de certeza da amiga explicando a perdição e a salvação. Proteção observação controle [...] Amiga muito vermelha não gosta de falta de respeito. A voz da amiga defendendo as vantagens da filha estudar num internato. Proteção educação observação. Único e só [...] Ela nunca saberá a distância entre um sim e o não [...] Vozes repetirão que o pudor é o maior encanto da mulher [...] A voz da mulher loura abrangerá todas as vozes que se fecharão no desenho dos círculos de asfixia de 360 graus (Cunha, 2009, p. 29).

Como foi apresentado no primeiro e segundo ângulo, a mulher negra tinha o sonho de ser médica, mesmo a sociedade não acreditando que ela conseguia, apenas sendo guiada por um sonho e por suas colegas, que desde crianças conversavam e sonhavam sobre o que fariam e o que seriam quando adultas. No terceiro ângulo, somos capazes de observar a mulher que ela se tornou, ao deixar de ser a menina que apenas ria timidamente por trás do vidro dos óculos, aparecendo agora como empoderada dona da própria história. Assim como a amiga jornalista, a médica tenta encorajar a pintora a seguir os próprios objetivos, propondo a ela não desistir da carreira, embora o marido não aprovasse a vida dela como artista:

O marido repetindo que não há lugar para aqueles quadros todos e o melhor é jogar tudo fora porque o apartamento está uma bagunça [...] Ruptura ferida perfurações palavras [...] Amiga negra dirá que ela deve providenciar a exposição o quanto antes. Uma hora ela vai querer expor os quadros [...] Duas metades. Dois lados (Cunha, 2009, p. 33).

A realização profissional se dará através do esforço mútuo desse grupo de mulheres, que em todo o romance passou por provações, nas quais algumas tiveram desavenças como por exemplo, a amiga pintora e amiga loira. Mas isso não foi o suficiente para desmanchar o elo que elas possuem, isso é observado pela luta incessante da jornalista e da médica em ver a ascensão da carreira da pintora, que desde de criança florescia, e que agora no terceiro ângulo da obra é concretizada a sua carreira:

Ela sorrirá entre muitos sorrisos risos vozes luzes. Primeira exposição individual [...] Na entrada da galeria ela verá um breve lampejo da cabeleira de fogo em sucinto vir e ir sem ficar nem falará só rápida onda. A risada de voos rasantes da amiga dos olhos verdes. Os jornalistas e as entrevistas e as fotografias [...] Num canto afastado do salão o sorriso profundo da mulher negra. Ela pegará o braço da amiga e a apresentará em intensos tons [...] Ela se aproximará da tela e abraçará a amiga negra e no meio das vozes e dos flashes as duas ouvirão o canto da noturno da cigarra estelar (Cunha, 2009, p.37).

Seguindo o mesmo raciocínio, sobre ascendência da carreira da pintora, Helena Parente Cunha traz como destaque, o quadro que marca a sua trajetória como artista citada em vários momentos no romance: “Muitas pessoas apalparão o canto noturno da cigarra estelar” (Cunha, 2009, p. 23). O quadro, por retratar a figura de uma cigarra, leva-nos a examinar que assim como a cigarra que vive escondida no solo esperando o momento certo para cantar e sofrer a metamorfose, a pintora também vivenciou uma transformação quando manteve escondido o próprio talento, isto é, experienciou mudanças na identidade, tornando-se dona das próprias escolhas e desejos.

Quando argumentamos sobre a vida da amiga prostituta na narrativa, é evidenciada uma vida cheia de preconceitos, na qual são negadas oportunidades, como estudar e se relacionar com outras pessoas. Essa indiferença foi apresentada ainda na infância da personagem que, já na fase adulta e enquanto filha, é rejeitada pelas inúmeras vozes que a condenam devido ao passado da mãe. No trecho a seguir, podemos ver o interesse da amiga pintora em tentar ajudar a amiga prostituta a arrumar um emprego, para ter uma vida melhor e proporcionar o melhor para a filha. Nele, é reafirmado que a vida das personagens segue uma conexão com o passado, presente e futuro:

Ela vai querer ajudar a mulher dos cabelos cor de fogo. O que está mulher sabe fazer? As pétalas sujas e as pétalas limpa [...] As vozes dizendo que não havendo emprego para prostitutas. As putas e as filhas das putas para sempre putas serão? [...] Ela continuara a procurar. Atendente [...] E numa redação de jornal? Muitos não. As pétalas sujas mascararão [...] As putas e as filhas de

puta para sempre putas serão? Telefonista num escritório de arquitetura mulatíssimo não (Cunha, 2009, p. 49).

A partir disso, comprehende-se o reforço ao preconceito sofrido pela mulher ao procurar um emprego, fato que constrói determinado estereótipo quanto à mulher dos cabelos vermelhos, prostituta desde criança, como apresentado nos ângulos anteriores. Nesse contexto, é importante ressaltar que mesmo com o passar dos anos, a situação permanece igual, para tanto, no trecho: “As pétalas sujas e as pétalas limpas” (Cunha, 2009, p. 49), a mãe da personagem é direcionada à prostituição, dessa maneira, a condição dela poderia ser comparada a uma pétala da flor, cuja função é se reproduzir e manter a espécie, contudo, no contexto de Helena Parente Cunha, o destino da personagem é simbolizado como sem beleza e valor. Quanto à filha corresponderia a uma pétala limpa cuja função é proteger a flor, nesse sentido a filha da personagem, que possui os mesmos traços da mãe - cabelos vermelhos -, representa a vivacidade. Pontua-se, ainda, que a personagem, ao mudar a situação financeira, poderia proporcionar uma nova vida para a filha.

Agora, iremos conhecer como se deu o progresso de realização profissional da mulher loira, que apesar de muitas vezes demonstrar não ter interesse em uma carreira profissional, pensando apenas em ser dona de casa e cuidar dos filhos, sempre mostrou não concordar com a mulher ocupando espaços fora do lar. Posto isso, refletimos o que Woodward (2021) argumentou sobre as identidades modernas que surgem, que sofreram e sofrem modificações, e que essas transformações estão relacionadas às experiências do indivíduo (Woodwad, 2012, p. 31). Essas transformações sofridas pela personagem foram influenciadas pelo meio no qual estava inserida, ou seja, devido aos vínculos de amizades que fizeram com que ela se posicionasse como mulher, desse modo, fragmentando-se e passando a ser protagonista da própria história: “Ela terminará o curso de belas artes. E terá aprendido o que aprendido já era saber o seu imemorial. A amiga loura organizará a festa de formatura e congraçamento e ficando muito zangada se alguém se recusa a participar” (Cunha, 2009, p. 67).

Seguindo o mesmo raciocínio, a fragmentação da personagem amiga loira ainda pode ser verificada quando o marido pede o divórcio, visto que essa atitude não se enquadra com a personificação que ela tinha sobre o casamento: “A voz da amiga loira ressoando o eco de consistências antigas. Em primeiro lugar o lar. Uma mulher de respeito é fiel ao marido. A mulher tem o dever de sacrificar seus interesses em benéfico da família” (Cunha, 2009, p. 81).

De acordo com Hall (2014), nossas identidades não podem ser consideradas como algo inato, mas sim como algo que pode ser construído ao longo do tempo (Hall, 2014, p. 24). Nesse sentido, a personagem que foi educada e instruída a ser uma boa dona de casa, acaba

abandonado as antigas convicções sobre o matrimônio, tudo isso em decorrência das situações desagradáveis que passou, como a traição e o fim do relacionamento.

E, finalmente, o sucesso da amiga jornalista acontece com a participação das amigas que caminharam com ela em toda a jornada da personagem enquanto transgressora de uma sociedade que não concordava com os ideais que carregava consigo, e que não acreditavam em sua emancipação como defensora de temas relacionados às mulheres, por exemplo, o aborto, a prostituição e a virgindade:

Ela comparecerá à solenidade de entrega do título de jornalista do ano a sua amiga dos olhos verdes [...] Ao microfone a mulher dos olhos verdes mais uma vez proclamará aos direitos da mulher em fulminações contra a marginalização das prostitutas e em detonações pela defesa da legitimidade do aborto. Escavando crostas e resíduos acumulados nos milênios de sujeição dominação discriminação ão e ão (Cunha, 2009, p. 99).

Com isso, afirmamos que as sociedades da modernidade se caracterizam pela diferença, as quais são atravessadas por diferentes divisões e conflitos sociais que produzem uma variedade de diferentes sujeitos, isso se aplica às várias mulheres que foram apresentadas, cada uma com suas diferenças, criadas em uma sociedade recriminadora que as pune e, muitas vezes, obrigam-nas a serem outras pessoas, ou seja, moldando-as conforme seus interesses. Outrossim, a fragmentação descrita por Hall (2014) pode ser notada em todos as paisagens culturais, como classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nas localizações dos indivíduos. Então, essas identidades estão ligadas a fatores históricos bem à linguagem cultural, que nos faz pensar em questões como: “quem nós somos” ou “quem nós podemos nos tornar” (Hall, 2014, p. 108-109). Assim, confirma-se que as personagens apresentadas construíram novas histórias a partir do eu coletivo, ou seja, as identidades a elas pertencentes foram formadas culturalmente em um mundo contemporâneo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após analisarmos *as doze cores do vermelho* (2009), podemos concluir que o romance, depois de quase três décadas da primeira publicação, em 1988, permanece moderno por trazer a história de cinco mulheres que se encaixam no contexto contemporâneo, cada uma com a própria história, e capaz de representar milhares de mulheres que vivem em condições semelhantes. Dessa forma, comprehende-se que muitas delas são motivadas a terem seu lugar de fala na sociedade, e lutam todos os dias para conseguirem se destacar na vida profissional, mesmo que, inúmeras vezes, sejam barradas por não se sentirem incluídas na sociedade. No romance de Helena Parente Cunha, é perceptível as várias temáticas que a autora traz para mostrar as lutas que as mulheres enfrentavam, como se expressaram sobre assuntos que são considerados importantes, entre eles, profissões, virgindade, aborto, racismo, adultério, divórcio e sexo.

Depois de conhecermos as histórias das cinco mulheres, podemos constatar que as personagens mulher loura e mulher cabelos cor de fogo demonstram, por meio da trajetória de cada uma, futuros comprometidos. Se verificarmos o perfil da amiga loura, mesmo após realizar-se como profissional, é possível perceber, conforme apresenta Helena Parente Cunha, indícios de que a personagem parece não conseguir pertencer ao lado de *lá*, mesmo depois de sua fragmentação: “Ela se recusará a falar com a mulher loura por não querer ouvir a repetição da fala de castigo punição ão” (Cunha, 2009, p. 103). Em relação à mulher amiga cabelos cor de fogo, fica entendido que por ela carregar a sina da mãe enfrenta dificuldades no caminho, o que faz com que ela não consiga mudar de vida. No final do romance, é possível perceber que ela não conseguiu sair da condição de prostituta devido aos estereótipos atribuídos a ela: “Sua amiga permite que o marchand pague o internato para sua filha [...] A menina longe dos suores apodrecidos [...] Você vê quatro lágrimas emanadas no rosto abreviado.” Esse trecho mostra que a personagem, para preservar a vida da filha, aceita a posição a ela concedida na sociedade. Por Helena Parente Cunha, nos três ângulos, usar somente as nomenclaturas menina loura/mulher loura e menina cabelos cor de fogo/mulher cabelos cor de fogo/prostituta, fica claro que no romance essas personagens não conseguiram se transformar como esperávamos, ou seja, suas identidades se apresentam como inacabadas.

No que concerne as personagens, a menina dos olhos verdes/mulher dos olhos verdes/amiga jornalista e amiga negra/mulher negra/amiga médica negra, podemos afirmar que em todos os ângulos todas se mostraram fortes e relutantes quanto aos objetivos que definiram. A amiga negra, criada em uma sociedade que não acreditava nela e que a

desprezava devido à cor, consegue entrar na escola de medicina, tornando-se uma médica de sucesso: “Ela verá o percurso da amiga negra que contém e abrange inclusões dentro [...] Amiga negra se originando renovado acontecer [...] Ela continuará a ver atrás dos óculos irrestritos o olhar habituado a transpassar transcendências” (Cunha, 2009, p. 65). Já a personagem, a menina dos olhos verdes/a mulher dos olhos verdes ou amiga jornalista, em todo o romance de Helena Parente Cunha mostrou ser alguém à frente do seu tempo, isso foi verificável em toda a obra por conta de suas atitudes e crenças, fazendo com que ela tenha uma identidade estável. Dessa forma, por mais que muitas identidades se transformem ou se fragmentem no desenrolar do romance, a personagem se mantém totalmente violadora dos padrões vigentes da época. A autora, no final do romance, mostra que a mulher dos olhos verdes não se calará e continuará pregando o que acredita pelo mundo: “Não poderá falar com a mulher dos olhos verdes porque amiga está em uma missão no exterior” (Cunha, 2009, p. 103).

Com relação à protagonista da obra, que foi a responsável por apresentar todas as personagens e suas respectivas histórias, pode-se afirmar que nos três ângulos ela permaneceu oscilante entre realizar-se como profissional ou dedicar-se apenas à família, essa indecisão está relacionada ao patriarcado que segura a instituição do casamento, na qual as mulheres, diversas vezes, abdicam de interesses individuais para sustentar esse sistema que dá poder aos homens e exclui as mulheres, na grande maioria. A mulher pintora, por não conseguir se encontrar em nenhum dos lados, acaba por se autodestruir: “Ela irá em repetindo ir [...] Dois lados nenhum [...] Onde aonde ir? Lado nenhuns [...] Nem vera os dois lados de sua vida” (Cunha, 2009, p. 105). Esse trecho acaba nos fazendo refletir no que Woodward (2021) chamou de crise de identidade, que é considerada uma das características da modernidade tardia, e que pode ser visualizada por meio das transformações globais e identificadas na modernidade.

Em concordância com Hall (2021), observamos o processo de identidade na modernidade tardia, haja vista que ela pode ser fraturada ou transformada. Essas mudanças estão relacionadas à formação dos discursos ao longo dos anos e são responsáveis por definirem “quem somos”, “quem poderemos nos tornar” e como “podemos nos representar a nós próprios”. Com isso, depois de analisar toda a trajetória das personagens nos três ângulos, fica evidente que as mudanças ocorridas em suas identidades atestam o rompimento com o sujeito homogêneo, estável, logo, constata-se que as personagens mudam as identidades à medida que passam a conhecer-se e o meio em que estavam inseridas.

Depois de analisar a obra *As doze cores do vermelho*, é possível confirmar que as personagens da autora Helena Parente Cunha possuíam um elo em todos os ângulos e, por meio dessa ligação, as histórias das personagens se conectavam e se completavam ao mesmo tempo. Tal constatação foi verificada a partir do primeiro ângulo e se estendeu pelos demais, nos quais cada personagem revela aspectos das personalidades que as definem, bem como os conflitos pessoais, os desejos e as resistências diante de uma sociedade patriarcal e opressora. A amiga loira e a amiga pintora, por exemplo, vivenciam momentos de tensão e divergência de acordo com as visões de mundo delas, mas também de reconciliação e solidariedade. Outro aspecto a ser observado é que na medida que avançávamos rumo ao conhecimento das histórias das personagens, mais Helena Parente Cunha mostrava a conexão existente entre as mulheres. A amiga jornalista, por sua vez, introduz novas perspectivas e questionamentos sobre o papel da mulher na sociedade, estimulando as demais a romperem com os padrões impostos e a buscarem os próprios caminhos.

Após analisarmos a construção das identidades femininas das personagens de Helena Parente Cunha, pode-se constatar que suas identidades em "As doze cores do vermelho", é um rico estudo sobre a construção da identidade feminina, explorando como as experiências de vida moldam as personalidades e posturas das personagens dentro do romance. A narrativa detalha a jornada desde a infância até a maturidade, destacando o comportamento das personagens em uma sociedade patriarcal que tradicionalmente relega as mulheres ao papel de donas de casa e reprodutoras. Através de suas histórias, observa-se a reflexão e a quebra de padrões estabelecidos, exemplificada pela mulher dos cabelos cor de fogo e a mulher pintora, que inspiram outras a buscar seu lugar no mundo.

A análise da obra revela um diálogo com os estudos feministas, evidenciando os desafios que as mulheres enfrentam para conquistar seu espaço na sociedade e como o movimento feminista incentiva a luta por direitos. Publicado em 1988, o romance faz referência a um período de questionamento do papel feminino na sociedade, marcando o início da reação contra um sistema opressor. A inserção do romance na primeira onda do feminismo é notável, mas sua relevância se estende ao contexto atual, provocando reflexões sobre o status da mulher contemporânea e as adversidades enfrentadas na busca pelo respeito aos seus direitos.

Pelos aspectos que foram apresentados, pode-se afirmar que os estudos feministas dialogam com a obra de Helena Parente Cunha, na medida em que mostram os desafios enfrentados pelas mulheres para conquistarem os seus espaços dentro da sociedade, e que o movimento feminista é capaz de despertar nas mulheres a busca por direitos. Como a obra em

estudo foi publicada pela primeira vez em 1988, faz referência ao período na qual as mulheres começaram a questionar o seu papel dentro da sociedade, assim, começando reagir contra o sistema opressor que as dominaram por muito tempo, o romance de Helena Parente Cunha, acaba incorporando-se na primeira onda do feminismo. E se analisarmos o romance no contexto atual, seremos capazes de repensar o lugar que a mulher ocupa hoje dentro da sociedade, e as inúmeras dificuldades que as mulheres tiveram que enfrentar para terem seus direitos adquiridos e respeitados. A obra é um testemunho da evolução do pensamento feminista e continua a ser uma fonte de inspiração e empoderamento para leitores e leitoras que buscam entender e transformar a realidade social das mulheres.

Por conseguinte, este estudo se torna relevante por ressaltar a importância da obra para a literatura nacional e para a reflexão sobre as questões de gênero e identidade na sociedade atual, bem como pelo aprofundamento da análise crítica da obra de Helena Parente Cunha, que mesmo publicada pela primeira vez em 1988, ainda se mostra rica em nuances, permitindo diversas abordagens e mantendo-se atual. Este trabalho visa colaborar com pesquisadores que se interessam pelos temas abordados, bem como pelo estudo da trajetória literária da autora. Também, pretende-se valorizar a produção literária de Helena Parente Cunha que se destaca como uma das vozes mais criativas e significativas da literatura brasileira.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Marcílio Ehms de. **Vozes femininas na pós-modernidade: mulheres em tons de vermelho.** In: CUNHA, Helena Parente (Org.). *Desafiando o cânone: aspectos da literatura de autoria feminina na prosa e na poesia (anos 70/80)*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro 1999. p.125-133.
- AMORIN, Elizabeth. **O PAI, conto de Helena Parente Cunha.** Disponível em > <https://toquepoetico.wordpress.com/2015/03/31/pai-conto-de-helena-parente-cunha-comentario/> < Acesso em : 13 de Junho de 2023 , às 13:59.
- ARAUJO, Adriana Lopes de. **Os lados dos dois lados: Identidade feminina em As doze cores do vermelho de Helena Parente Cunha.** Maringá-PR, 2010.
- AUGUSTA, Nísia Floresta Brasileira, CLEYRE Voltaryne de. **Feminismo.** tradução de Mauricio Avoletta Junior – São Paulo: Editora Aeroplano, 2021.
- ASTELARRA, Judith. **Democracia e feminismo.** Editora Zona Aberta, Madrid, n 27, 1983.
- BANDEIRA, Manuele. **As doze cores do vermelho, de helena parente cunha: possíveis leituras.** E-scrita Revista do Curso de Letras da UNIABEU. Nilópolis, v.3, Número 2, mai. - Ago. 2012.
- BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira** p. 383. 2006.
- BRANCO, Lúcia Castelo. O que é escrita feminina. Ed. Brasilense, 1991.
- CARVALHO, Diogo Vitto. **O que é o feminismo?** – São Paulo: Editora Aeroplano, 2021.
- CONNELL, Raewyn; PEARSE, Rebeca. **Gênero: uma perspectiva global.** Tradução e revisão técnica Marília Moschvovich. – São Paulo: Versos, 2015.
- CONNELL, Raewyn. **Gênero em termos reais,** Tradução Marília Moschvovich., - São Paulo: nVersos, 2016.
- CUNHA, Helena Parente Cunha. **As doze cores do vermelho.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2009.
- CUNHA. Helena Parente. **Biografia** Disponível em > <http://maicongoncalves.xpg.uol.com.br/literatura/helenaparentecunha.htm> < Acesso em 16 de junho de 2023.
- Dicionário crítico de gênero /** Ana Maria Colling, Losandro Antônio Tedeschi, org.; prefácio [de] Michelle Perrot. – 2.ed. – Dourados, MS:Ed. Universidade Federal da Grande Dourados, 2019.748 p

DUARTE, Constância Lima Duarte; ASSIS, Eduardo de; BEZERRA, Katia da Costa (org.) **Gênero e representação: Teoria, história e crítica** – Belo Horizonte: Pós- graduação em letras: Estudos literários, UFMG, (2002).

DUARTE, Constância Lima – “Arquivos de mulheres e mulheres anarquivadas: histórias de umahistória mal contada”. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, nº 30. Brasília, julho-dezem-bro de 2007, pp. 63-70.

DUARTE, Ana Rita Fontels. **Betty Friedan: Morre feminista que estremeceu a América.** Rev. Estud. Fem., Florianópolis, v.14, n.1, p.287-293, Jun\fev. 2006.

DUTRA, Telma Maria. A narrativa espetacular em Helena Parente Cunha\ Telma Maria Dutra. – Recife: O autor, 2004.

DUBY, Georges Duby, PERROT, Michelle. **História das Mulheres no Ocidente - Vol. I .** 1994. São Paulo.

Entrevista concedida a Ivan de Almeida para a Focus — Antologia poética (2009) < Disponível em ><http://focusantologiapoetica.blogspot.com.br/2010/03/helena-e-mais-do-que-uma-marcante.html> < acesso em : 19 de Maio de 2023 ás 11:23

Entrevista concedida a Leonardo Campos [2011]. Disponível em:
em:<<http://www.helenaparentecunha.com.br/home/?p=entrevistas&f=ver&id=6>>. Acesso em: 13 maio. 2023

Entrevista concedida a Lígia Vassalo. [1999]. Disponível em:
<<http://www.helenaparentecunha.com.br/home/?p=entrevistas&f=ver&id=5>>. Acesso em: 16 maio de 2023.

Entrevista de Helena Parente Cunha a Universidade Federal da Bahia. Disponível em > http://www.passeiweb.com/estudos/sala_de_aula/actualidades/a_escritora_helena_parente_cunha_nos_fala_sobre_sua obra < acesso em 19 de maio de 2023, às 17:39.

ESSER, Débora Cristina. Literatura de autoria feminina - mulheres em cena, na história e na memória. Revista Línguas e Letras, Unioeste, v. 15, n. 30, 2014

FERREIRA, Maria Cristina. **Sexismo hostil e benevolente: inter-relações e diferenças de gênero.** Temas em psicologia da SBP, Ribeirão Preto, vol. 12, nº 21, p. 119-126, 2004.

FILHO, Iran Lima Aragão. **A Identidade cultural na pós-modernidade.** Goiás, 2010.

FREITAS, Zilda de Oliveira. **A literatura de autoria feminina**, p.120. Imagens da mulher na cultura contemporânea \ organizado por Sílvia Lúcia Ferreira e Enilda Rosendo do Nascimento. – Salvador: NEIM \UFBA, 2002.

FUNCK, Susana Bornéo. **Crítica literária feminista -uma trajetória/** Susana Bornéo Funck. Série estudos culturais. Florianópolis; insular, 2016.

GARCIA, Carla Cristina. **Breve história do feminismo-** São Paulo: Claridade, 2015 120 p.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA Denise Tolfo (org). **Métodos de pesquisa.** Coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIDDENS, Anthony. **As Consequências da Modernidade.** Cambridge: Polity Press, 1990.

GOMES, Carlos Magno S. **O deslocamento feminino no romance contemporâneo.** Revista Criação & Crítica, v.8, p.12-19, 2012.

GOMES, Maiane Moura. **A identidade da mulher em construção: uma leitura de as doze cores do vermelho, de Helena Parente Cunha.** Disponível em > [ww.webartigos.com/artigos/a-identidade-da-mulher-em-construcao-uma-leitura-de-as-doze-cores-do-vermelho-de-helena-parente-cunha/2763/](http://www.webartigos.com/artigos/a-identidade-da-mulher-em-construcao-uma-leitura-de-as-doze-cores-do-vermelho-de-helena-parente-cunha/2763/) < acesso em 14 de maio de 2023.

GUBERNIKOFF, Giselle. **Cinema, identidade e feminismo** / Giselle Gubernikoff. – São Paulo: Editora Pontocom, 2016.

HALL, Stuart. 1932-2014. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Trad. Tomás Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

HALL, Stuart (1990). **Cultural identity and diáspora.** In: RUTHER-FORD, J. (org). Identiy: communit, culture, difference. Londres: Lawrence and Wishart.

Helena Parente Cunha. In: **Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira.** São Paulo: Itaú Cultural, 2023. Disponível: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa7227/helena-parente-cunha>. Acesso em: 25 de agosto de 2023. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

HOLLANDA, Heloisa Buarque. **Feminismo em tempos pós-modernos.** In: HOLLANDA, Heloisa Buarque. (Org.) Tendências e impasses: o feminismo como crítico da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

HOLLANDA, Heloiza Buarque (Org). **Tendências e impasses. O feminismo como crítica da cultura.** – Rio de Janeiro: Rocco 1994.

LACLAU, E. (1990). **New Reflections on the Revolution of Our Time.** Londres: verso.

LAURETIS, Teresa de. “A tecnologia do gênero”. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LOBO, Luiza. **A literatura de autoria feminina na América Latina.** Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <<http://lfilipe.tripod.com/LLobo.html>> Acesso em: 21 de maio de 2023.

LOBO, Luiza, 1948- **Crítica sem juízo** / Luiza Lobo. – Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1993.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1986.

MARTINIANO, Graziela Sousa Lima. **NÓS, AS MULHERES/NÓS FEMININAS: RUPTURAS E MULTIPLICIDADES EM AS DOZE CORES DO VERMELHO, DE HELENA PARENTE CUNHA'** 23/04/2019 101 f. Mestrado em Estudos Literários Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA, Feira de Santana.

MARX, Karl; FRIEDRICH Engels. **"O Manifesto Comunista".** Em Revoluções de 1848. Harmondsworth: Pinguim Livros, 1973.

MUSZKAT, Malvina. **Identidade feminina.** Ed. Vozes Ltda. 1985

MULVEY, Laura. **Prazer Visual e Cinema Narrativo.** In PENLEY, Constance (Ed.). Feminism and Film Theory. New York: Routledge, Chapman & Hall, Inc, 1988.

NAVARRO, Márcia Hoppe (org.) **Rompendo o silêncio: gênero e literatura na América Latina.** Porto Alegre: UFRGS, 1995.

OTTO, Claricia. O feminismo no Brasil: suas múltiplas fases. Esudos feministas, Florianópolis, v.12, nº 2. P.238-242. Maio\ Agos. 2004.

OLIVEIRA, Patrícia Souza. **Caleidoscópio Intersubjetivo: representações femininas em As doze cores do vermelho.**' 01/08/2012 127 f. Mestrado em ESTUDO DE LINGUAGENS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA, Salvador Biblioteca Depositária: Biblioteca Central da UNEB.

PAULA Ribeiro. **Revolução Cultural: A Busca pela Identidade Brasileira.** © 2023 Arte DiY. Disponível:<https://artediy.com/revolucao-cultural-a-busca-pela-identidade-brasileira/>. Acesso: 03 Dez. 2023

PERROT, Michele. **Minha história das mulheres** \ Michele Perrot. (Tradução Ângela M.S Correa). – São Paulo. Contexto 2007.

PEREIRA, Ana Paula. **O lado de cá e o lado de lá: diferentes tons de identidades femininas em as doze cores do vermelho'.** 01/07/2011 112 f. Mestrado em LETRAS Instituição de Ensino: FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ, Teresina Biblioteca Depositária: BIBLIOTECA COMUNITÁRIA JORNALISTA CARLOS CASTELO BRANCO.

PEREZ, Olívia Cristina, Ricoldi, Arlene Martinez. **A quarta onda feminista: Interseccional,** digital coletiva. In: Congresso Latino- Americano de ciência política (ALACIP), 10, Monterrey, Nuevo Leon, 2019.

PUERTO, Marián Carrero . A mente é maravilhosa, 2022. **Aspásia de Mileto: a biografia da bela hetera.** Disponível em: Aspásia de Mileto: a biografia da bela hetera - A Mente é Maravilhosa (amenteemaravilhosa.com.br). Acesso em 29 de novembro de 2023 às 20:35.

RANCO, Lúcia Castelo. **O que é a escrita feminina.** Ed. Brasilense 1991.

RECHE, Letícia Mendes Perez. **Mulheres e matizes: cativeiros sociais em As dozes cores do vermelho, de Helena Parente Cunha'** 15/03/2021 124 f. Mestrado em LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, Porto Alegre Biblioteca Depositária: Biblioteca Setorial de Ciências Sociais e Humanidades BSCSH.

Referência autoral (APA): Editora Conceitos.com (jul., 2017). Conceito de Sororidade. Em <https://conceitos.com/sororidade/>. São Paulo, Brasil

ROBERTS, Michelle. "Questionns and Answers". In: Wandor,Michelle (Ed.) On Gender and Writing. London: Pandora Press. p.63.

SAFFIOTI, Heleith. **A mulher na sociedade de classe: Mito e realidade.** Petrópolis: Vozes, 1976.

SANTOS, Glauce Sousa. **As doze cores do vermelho: uma contestação às normas sociais e literárias.** Revista Anagrama: Revista Científica Interdisciplinar da Graduação. Ano 4 - Edição 2 – dezembro de 2010- fevereiro de 2011.

SANGER, Margaret (Higgins) 1883-1966. **Felicidade no casamento.** Tradução de Juliana Pacheco Guedes, Mauricio Avoletta Junior, - São Paulo: Editora Aeroplano, 2021.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero e política da história. Columbia university Press, 1988.

SCHOLZE, Lia. A mulher na Literatura: Gênero e Representação. Niterói, v, 3, n.1, p. 27-33.sem, 2002.

SHOWALTER, Elaine (Ed.). **A Nova Crítica Feminista: Ensaios sobre Mulheres, Literatura e Teoria.** Nova York: Pantheon Books, 1985.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **A identidade e a diferença: a perspectiva dos estudos culturais** Tomaz Tadeu da Silva (org). Stuart Hall, Kathryn Woodward. 15.ed- Petrópolis, RJ: vozes, 2014.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **A produção social da identidade e da diferença.** In: identidade diferença. Petrópoles, RJ: Vozes, 2000. sonhos', de Nélida Piñon. Maringá: Eduem, 2003.

SOARES, Angélica. **Limites e ultrapassagens no autoconhecimento da mulher: pontos de tensão entre as doze cores do vermelho, corpo no cerco, mamar e cantos e cantares, de helena parente cunha.** Terceira Margem. Rio de Janeiro Número 20, pp. 23-46 .2009.

SOUTO, Andrea do Roccio. **Multiplicidade e plurissignificação: o vermelho multicor de Helena Parente Cunha.** Letras, Santa Maria, v. 29, n. 59, p. 115-130, jul./dez. 2019.

STREY, Marlene Neves. **Gênero.** In JACQUES, M.G.C et al. Psicologia Social contemporânea: luso-texto. 12 ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

TALCOTT Parsons, "Age and Sex in the Social Structure of the United in States" [Idade

e sexo na estrutura dos Estados Unidos], em Essays in Sociological Theory, Glencoe, III, 1949, p.223 ss.

TEIXEIRA, Níncia Cecília Ribas Borges – “**A escrita de autoria feminina no Paraná: Greta Benitez e a alquimia das letras**”. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, nº. 32. Brasília, julho-dezembro de 2008, pp. 77-101

TIBURI, Márcia. **Feminismo em comum: para todas, todes e todos**\ Marcia Tiburi, 15ª ed. – Rio de Janeiro: Rosas do tempo, 2021.

THEBORN, Goran. **Sexo e poder: A família no mundo**, 1990-2000. Trad. Elisabete Bilac. São Paulo, contexto, 2006.

TORRES, Maximiliano Gomes. **Literatura e Ecofeminismo: uma abordagem de A força do destino, de Nélida Piñon e As doze cores do vermelho, de Helena Parente Cunha'** 01/02/2009 169 f. Doutorado em LETRAS (CIÊNCIA DA LITERATURA) Instituição de Ensino: Universidade Federal do Rio de Janeiro, rio de Janeiro.

VIANA, Lucia Helena. Por **uma tradição do feminino na literatura brasileira**. In: SEMINÁRIO NACIONAL MULHER E LITERATURA, 5, 1993, Natal. Anais... Natal: UFRN, Universitária, 1995.

VILLELA, Eduardo. **A representatividade feminina na literatura**. Disponível: <https://www.jornalcontabil.com.br/a-representatividade-feminina-na-literatura/>. Acesso em 24 de maio de 2022.

WITTIG, Monique. **Les Guérillères**, trad. David LeVay, Nova York: Avon, 1973, originalmente sob o mesmo título, Paris: Editions de Minut, 1969.

ZINANI, Cecil Jeanine Albert. **Literatura e gênero: a construção da identidade feminina**. Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2006.

ZOLIN, Lúcia Osana. **Critica Feminista**. In. BONNICI, Thomas; ZOLIN, L.O. (OEG). Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas. Maringá: EDUEM, 2005.

ZOLIN, Lúcia Osana. **Desconstruindo a opressão a imagem em A República de Nelida Pinhon** \ Lúcia Osana Zolin. – Maringá: Eduem 2000.